

COMPÊNDIO

DA GRAMÁTICA

NACIONAL



Estudo de
Marli Quadros Leite

publicações
BBM

COMPÊNDIO
DA GRAMÁTICA
NACIONAL



Coleção Arte da Gramática no Brasil

Direção Marli Quadros Leite



REITOR

Carlos Gilberto Carlotti Junior

VICE-REITORA

Maria Arminda do Nascimento Arruda



PRÓ-REITORA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Marli Quadros Leite

PRÓ-REITOR ADJUNTO DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Hussam El Dine Zahir



DIRETOR

Alexandre Macchione Saes

VICE-DIRETOR

Hélio de Seixas Guimarães



EDITOR

Plinio Martins Filho

EDITORAS ASSISTENTES

Graciele Carnevale e Isabella Ferreira

COMPÊNDIO

DA GRAMÁTICA

NACIONAL,

de

Antônio Álvares Pereira Coruja

UMA OBRA EM DESENVOLVIMENTO



Estudo de Marli Quadros Leite

publicações
BBM

Copyright © 2024 by Marli Quadros Leite

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, da editora.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação (SBD) da
Biblioteca Brasília Guita e José Mindlin (BBM-USP)

Leite, Marli Quadros.

*Compêndio da Gramática Nacional, de Antônio Álvares Pereira Coruja: Uma Obra em
Desenvolvimento* / Marli Quadros Leite. – São Paulo: Publicações BBM, 2024.

256 p. : fac-símile ; 16 x 23 cm. – (Arte da Gramática no Brasil)

ISBN: 978-65-87936-36-9

1. Linguística 2. Gramática 3. Língua Portuguesa – Brasil. 4. Coruja, Antônio Álvares
Pereira

I. Título. II. Série.

CDD 469.5

Bibliotecária: Jeanne B. Lopez, CRB-8/7268

Direitos reservados à

Biblioteca Brasileira Guita
e José **Mindlin**

Rua da Biblioteca, 21 – CEP 05508-065

Cidade Universitária, São Paulo, SP, Brasil

E-MAIL: bbm@usp.br / publicacoesbbm@usp.br

Tel.: (11) 2648-0320 / 2648-0852

Printed in Brazil 2024

Foi feito o depósito legal

SUMÁRIO

COLEÇÃO ARTE DA GRAMÁTICA NO BRASIL

SOBRE A COLEÇÃO	11
NOTAS SOBRE O ESTUDO DO <i>COMPÊNDIO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA NACIONAL</i>	17

O *COMPÊNDIO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA NACIONAL*: UMA OBRA EM DESENVOLVIMENTO

CORUJA: O PROFESSOR.....	23
A OBRA: <i>COMPÊNDIO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA NACIONAL</i>	27
PRELIMINARES SOBRE O <i>COMPÊNDIO</i>	37
NOTAS GRAMATICAIS SOBRE O <i>COMPÊNDIO</i>	41

O *COMPÊNDIO*: UMA OBRA DE UM PROFESSOR DE LATIM 83

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES 95

COMPÊNDIO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA NACIONAL — EDIÇÃO DIPLOMÁTICA E COMENTÁRIOS

PROEMIO	101
---------------	-----

PARTE PRIMEIRA: DA ETYMOLOGIA.....	102
------------------------------------	-----

ARTIGO	102
NOME	102
PRONOME.....	104
<i>Variações dos pronomes Eu, Tu, Ele e Si.....</i>	105
DO GENERO DOS NOMES.....	105
VERBO	106
<i>Conjugação dos verbos auxiliares</i>	108
<i>Conjugação dos verbos regulares</i>	118
<i>Dos verbos irregulares</i>	126
<i>Participio.....</i>	127
ADVERBIO.	128
CONJUNÇÃO.....	129
PREPOSIÇÃO.....	129
INTERJEIÇÃO.....	130
PARTE 2^a: DA SYNTAXE	131
CIRCUNSTANCIAS.....	132
VERBO PASSIVO.....	135
SYNTAXE FIGURADA	135
PARTE 3^a: DA PROSODIA.....	140
FIGURAS DE DICÇÃO.....	141
PARTE 4^a: DA ORTHOGRAPHIA	142
OBSERVAÇÃO.....	144
PONCTUAÇÃO.....	144
 ANEXOS	
ANEXO I. <i>Prologo da segunda edição</i>	149
ANEXO II. <i>Formação dos pluraes dos nomes</i>	151

ANEXO III. <i>Condicional</i>	153
ANEXO IV. <i>Syntaxe [conceito]</i>	155
ANEXO V. <i>Das orações</i>	157
ANEXO VI. <i>Regras</i>	159
ANEXO VII. <i>Regras</i>	161
ANEXO VIII. <i>Regras de ortographia</i>	163
ANEXO IX. <i>Palavras de pronuncia semelhante, que se escrevem diversamente</i>	165

<i>COMPENDIO DA GRAMMATICA DA LINGUA NACIONAL — FAC-SÍMILE</i>	169
--	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES	241
ESTUDOS E INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS.....	242



COLEÇÃO
ARTE DA GRAMÁTICA
NO BRASIL

Marli Quadros Leite



SOBRE A COLEÇÃO

A certeza de que o conhecimento da história é fundamental para a compreensão da cultura e da ciência anima-nos a desvelar como, na longa duração do tempo, se construiu o pensamento linguístico no Brasil. Explorando as primeiras obras gramaticais produzidas por brasileiros, será possível discernir o que se importou e o que se construiu originalmente a respeito do estudo e da descrição do português praticado no Brasil. Por isso, projetamos esta coleção: Arte da Gramática no Brasil.

O objetivo da Coleção é apresentar, descrever e publicar edições comentadas e críticas de gramáticas brasileiras cujas edições originais e raras constam do acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), em sua sede na Universidade de São Paulo. Pesquisadores de alta relevância no cenário científico nacional e internacional das Ciências da Linguagem participarão da Coleção, que foi projetada com vistas a pôr em relevo aspectos da formação do pensamento linguístico brasileiro presente em gramáticas brasileiras e estrangeiras, isto é, as de línguas indígenas e as do português, respectivamente. O pensamento linguístico construído e exposto em obras gramaticais brasileiras do século XIX é mal conhecido, ou até mesmo desconhecido, dos leitores contemporâneos, porque em nosso país ainda são poucos os estudiosos que têm considerado as nossas gramáticas como

material de pesquisa e, portanto, a publicação da Coleção Arte da Gramática no Brasil visa a contribuir para minorar tal situação.

Tais obras, contudo, são instrumentos linguísticos¹ pelos quais se pode conhecer a trajetória da formação do pensamento gramatical de uma sociedade. A história da gramática brasileira começou em 1595, quando José de Anchieta descreveu o tupi antigo, o que resultou na publicação da obra *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*; depois, em 1621, Luís Figueira também descreveu o tupi na *Arte da Língua Brasileira*. Alguns anos depois, em 1699, o padre italiano Luiz Vicencio Mamiani escreveu a *Arte de Gramática da Língua Brasileira da Nação Kiriri* e essas obras deram partida para uma produção igualmente importante de gramáticas brasileiras. Essas e outras gramáticas, que fazem parte da história do pensamento linguístico a respeito das línguas faladas pelos indígenas do Brasil, integram o acervo da Biblioteca Brasileira e serão, portanto, estudadas e apresentadas nesta coleção.

Já a história da gramática brasileira começa em 1806² quando o lexicógrafo António de Moraes Silva publicou o *Epítome de Gramática Portuguesa*. Cavaliere³ confere grande importância a essa

1. Sylvain Auroux, *Le Langage, la Raison et les Normes*, Paris, PUF, 1998.
2. Vale ressaltar que os portugueses reivindicam a obra para si, como se pode comprovar pelo arrolamento da obra no site da Biblioteca Nacional de Lisboa, no conjunto de obras portuguesas. Além disso, no site Corpus des Textes Linguistiques Fondamentaux, o *Epítome* aparece descrito nas *Notices* como obra portuguesa e, ainda, no rol de textos portugueses, na aba destinada a textos, em que diz Maria Filomena Gonçalves: “Grammairien portugais, né à Rio de Janeiro (Brésil), il fait ses études de droit à Coimbra; magistrat et conseiller des Cours Suprêmes de Justice; lexicographe renommé, il est l’auteur du Dictionnaire da Língua Portuguesa (1789), réédité, revu et augmenté jusqu’à nos jours” (“Epítome da Grammatica da Língua Portuguesa”, *Corpus des Textes Linguistiques Fondamentaux (CTLF)*, 1998). Também, Carlos C. Assunção, “António de Moraes Silva – Um Gramático Inovador”, *Anais do Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Rio de Janeiro, 2001. Assunção (s.d.) a descreve como obra portuguesa.
3. Ricardo Cavaliere, “António de Moraes Silva e os Estudos Gramaticais do Século XVIII”, em Werner Thielemann (org.), *Século das Luzes: Portugal e Espanha, o Brasil e a Região do Rio de Prata*, Frankfurt am Main, TFM - Teo Ferrer de Mesquita, 2006, pp. 537-540 e Ricardo Cavaliere, “O *Epítome* de António de Moraes e Silva na Historiografia Gramatical Brasileira”, *A Gramática no Brasil: Ideias, Percursos e Parâmetros*, Rio de Janeiro, Lexikon, 2014, pp. 59-67.

obra, considerando-a o marco da gramática racionalista no Brasil. Como Moraes passou parte de sua vida no exterior, em Portugal, Inglaterra e França, e por se ter feito conhecer principalmente por meio de seus dicionários, sua produção gramatical, que inclui também a *Gramática Portuguesa* (1824), não teve grande circulação no Brasil. O *Epítome* veio à luz integrado à segunda edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, em 1813. Murakawa⁴ levanta a hipótese de que o acréscimo da gramática ao dicionário tenha atendido ao desejo de o autor relacionar gramática e léxico, o que é mesmo provável, pois a autora observa o seguinte:

No *Epítome*, o consulente encontra as regras gerais da língua; e nos verbetes do dicionário, as observações que Moraes faz, contrariando, algumas vezes, as regras gramaticais vigentes. Ressalte-se que tais observações não estão registradas na edição de 1789, e isto corrobora o pensamento de que o lexicógrafo brasileiro buscou apresentar ao público português uma obra inovadora, com fundamentação lexicográfica e gramatical própria e de acordo com o pensamento iluminista que circulava em seu tempo⁵.

Como, aparentemente, o autor não teve o intuito de colocar sua gramática no circuito escolar, a obra não teve grande repercussão no Brasil. O *Epítome* teve as edições que integraram o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1813, 1823) e uma em separado, a de 1806. Os comentários de Cavaliere, aduzem outros argumentos que reforçam essa tese do pouco êxito obtido pelo *Epítome* no Brasil, veja-se:

Não obstante ter produzido obra de grande importância na área da gramatografia, sobretudo em face da bem fundamentada base teórica na descrição do vernáculo, Moraes Silva não logrou obter boa vontade da crítica filológica brasileira no século XIX, a julgar pelas raríssimas referências de que sua produção gramatical é objeto nas resenhas sobre estudos linguísticos então publicadas. Aparentemente, o sucesso editorial do *Dicionário da Língua Portuguesa* obscureceu o trabalho que Moraes desenvolvera na área gramatical.

4. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, “Léxico e Gramática no *Dicionário da Língua Portuguesa* (1813) de António de Moraes Silva”, *Alfa*, vol. 50, n. 2, p. 59, 2006.
5. *Idem, ibidem.*

Fato é que Maximino Maciel, por exemplo, primeiro a resenhar os estudos filológicos brasileiros (1922 [1894]), sequer traça referência ao nome de Moraes Silva em seu *Breve Retrospecto sobre o Ensino da Língua Portuguesa*, preferindo atribuir aos portugueses Bento de Oliveira e Soares Barboza as fontes iniciais dos estudos sobre a língua no Brasil⁶.

Dez anos depois da publicação do *Epítome*, veio à luz, em 1816, a *Arte de Gramática Portuguesa*, pelo padre brasileiro Ignácio Fortes, professor de língua latina. Depois, muitas outras gramáticas foram surgindo, como a do padre Antônio da Costa Duarte que, em 1829, publicou na província do Maranhão o *Compêndio de Gramática Portuguesa* que veio a ter seis edições. A partir da segunda, porém, a obra passou a ter o título *Compêndio da Gramática Filosófica Portuguesa*, as edições de 1829 (primeira edição) e de 1859 (quarta edição) podem ser encontradas no acervo da BBM.

A terceira gramática, essa publicada em 1835 por Antônio Álvares Pereira Coruja, o *Compêndio da Gramática da Língua Nacional* (1835), chegou a ter doze edições entre 1835 e 1894; a BBM possui duas: a de 1835 e de 1846⁸. Essa é a obra selecionada para inaugurar esta coleção. Outras, também significativas à construção e desenvolvimento da história das ideias linguísticas no Brasil serão estudadas e publicadas na sequência da que abre a coleção. Dentre essas, integrarão a Coleção as seguintes gramáticas: *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil* (1595), do Padre José de Anchieta⁹;

6. Ricardo Cavaliere, “O *Epítome* de Antônio de Moraes Silva na Historiografia Gramatical Brasileira”, *A Gramática no Brasil: Ideias, Percursos e Parâmetros*, Rio de Janeiro, Lexikon, 2014, p. 60.
7. Essa obra foi analisada por: Rolf Kemmler, “A Primeira Gramática da Língua Portuguesa Impressa no Brasil: A *Arte de Grammatica Portugueza* (1816) de Inácio Felizardo Fortes”, *Confluência*, n. 45, pp. 61-2, 1^a e 2^a sem. 2013, e Jorge V. Moraes, “*Arte de Grammatica Portugueza* (1816) de Ignacio Felizardo Fortes: Construção Teórica Sobre as Figuras da Syntaxe e as Figuras da Dicção”, *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, vol. 15, n. 1, 2015, Mackenzie.
8. Antonio Alvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed. *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1846.
9. Joseph Anchieta, *Arte de Grammatica da Lingoa Mais Falada da Costa do Brasil*, Coimbra, Companhia de Jesus, 1595.

Arte de Gramática da Língua Brasilica da Nação Kiriri, de Luiz Vicencio Mamiani (1699)¹⁰; *Epítome da Gramática da Língua Portuguesa*, de António de Moraes Silva (1806)¹¹; *Compêndio da Gramática Filosófica*, de Antônio da Costa Duarte (1877)¹²; *Gramática Portuguesa*, de Julio Ribeiro (1881)¹³, a *Gramática Expositiva – Curso Superior*, de Eduardo Carlos Pereira (1907)¹⁴, e outras a serem ainda selecionadas.

Todos os volumes da coleção serão compostos de estudo preliminar, seguido da apresentação do texto completo e comentado da gramática objeto de estudo. O texto trará, de um lado, informações relevantes sobre dados históricos e contextuais da obra e, de outro, análise de: (i) aspectos organizacionais da obra; (ii) aspectos teóricos e metodológicos; (iii) aspectos gramaticais mais relevantes, sob o ponto de vista teórico, assim como da descrição do português e, quando for o caso, da abordagem e gramatização de usos brasileiros do português.

10. Luis Vicencio Mamiani, *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Kiriri*, Lisboa, Miguel Deslandes, 1699.
11. António de Moraes Silva, *Epítome da Grammatica da Lingua Portuqueza*, Lisboa, Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.
12. Antonio da Costa Duarte, *Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portuqueza, Escolhida pela Congregação do Lyceo do Maranhao para Uso do Mesmo e das Aulas de Primeiras Letras da Provincia*, Maranhão, Antônio Pereira Ramos D'Almeida, 1877.
13. Julio Ribeiro, *Grammatica Portuqueza*, São Paulo, Typ. de Jorge Seckler, 1881.
14. Eduardo C. Pereira, *Grammatica Expositiva – Curso Superior*, 11 ed., São Paulo, Francisco Alves, 1921 [1907].

NOTAS SOBRE O ESTUDO DO *COMPÊNDIO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA NACIONAL*

Em cada volume da coleção, apresentaremos, em primeiro lugar, um estudo introdutório de que constam algumas informações históricas sobre o autor da gramática em questão, além da análise das ideias linguísticas relevantes à obra.

Primeiramente, oferecemos dados sobre o autor, Antônio Álvares Pereira Coruja e sua obra *Compêndio da Gramática da Língua Nacional*. Depois, trabalhamos com a interpretação das ideias linguísticas do autor, com base em sua abordagem gramatical e em duas edições do *Compêndio*: a primeira e a quarta, mas utilizando, também, de outra edição, a de 1873, como *corpus* de apoio, conforme explicaremos adiante.

Em seguida ao estudo introdutório, reproduzimos o texto integral da primeira edição do *Compêndio*, nele introduzindo, porém, mudanças e acréscimos que o gramático fez nos textos de 1846 e de 1873, além de notas com comentários da organizadora. Nossa hipótese é que Coruja fez mudanças no texto desde a segunda edição e essas alterações permaneceram sem modificações até, pelo menos, a quarta edição, na qual o autor reproduz o “Prólogo da Segunda”, o que indica claramente tratar-se de reimpressão desta. Na falta das

segunda e terceira edições, valemo-nos da quarta, de 1846. Como temos a edição integral de 1873, em alguns pontos do texto aqui reproduzido, incluímos informações sobre acréscimos constantes de tal edição. Dessa maneira, entendemos que o leitor interessado poderá acompanhar o desenvolvimento do pensamento linguístico do autor por intermédio de três edições, pela reprodução de apenas uma.

Depois do texto introdutório, porém analítico, apresentamos a transcrição do *Compêndio*, mostrando ao leitor uma combinação das duas edições, o que, metodologicamente, foi realizado do seguinte modo:

(i) pequenas alterações à primeira edição são incluídas nos excertos aqui transcritos, postas entre colchetes, como se vê no exemplo a seguir:

Distancia: A minha chácara [quinta] dista daqui *duas leguas*, i.e. *por duas leguas*¹.

O que está entre colchetes indica que, no texto da primeira edição, o autor usou a palavra “chácara” e, na quarta, essa palavra foi trocada por “quinta”.

(ii) as notas de rodapé que aparecem no texto de Coruja, na primeira edição, vêm indicadas por parênteses com letras (f), como mostra o trecho transcrito seguinte:

Passivo é aquelle, cuja acção é soffrida pelo mesmo sujeito do Verbo; v.g. *Ser ferido, ser louvado* (f).

O verbo (quanto á sua conjugação) é Regular ou Irregular.

Regular é o que em tudo segue, e é conforme á conjugação commum.

Irregular (ou Anómalo) é o que se afasta alguma cousa, e não guarda a ordem de sua conjugação (g).

As Conjugações regulares são tres (h): a 1.^a faz o Infinito em *ar*, a 2.^a em *er*, a 3.^a em *ir*, como *Amar, Entender, Partir*².

1. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compêndio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1846, p. 50.

2. *Idem*, 1. ed., Porto Alegre, V. F. de Andrade, 1835, p. 10.

Nesta edição tais notas aparecem isoladas por linhas horizontais, para não serem confundidas com outros tipos de notas. Observe-se, ainda, que abaixo da margem inferior que separa as notas de rodapé do texto de Coruja, o número que aparece entre colchetes, alinhado à direita, [p. 11], corresponde à numeração original da página da primeira edição do *Compêndio*³ (1835). Assim:

(f) Note-se que no nosso idioma não temos verbo passivo *simples*: todos são *compostos*, ou *auxiliados* do verbo *Ser*, ou da partícula *se*: v.g. *João é amado, fia-se lã, tece-se seda*.

A partícula *se* nem sempre apassiva quando vem unida a verbos neutros indica *espontaneidade* da acção, v.g. *Lá se foi; aqui se ficou; ellas se emmagrecem por seu querer* [nestes casos o sujeito é sempre cousa animada].

(g) Também ha verbos *defectivos* e *impessoaes* os primeiros carecem de algumas voses, como *Munir, Precaver*: e os segundos só tem as 3.^{as} [terceiras] pessoas : como *Acontece, Apraz*.

(h) Alguns dão uma 4.^a Conjugação ao Verbo *Pôr* e seus compostos, inda [ainda] que outros os contemplão [contemplem] como irregulares de todas as Conjugações, ou só da 2.^a, como os Antigos.

[p. 11]

(iii) os comentários da organizadora são postos de dois modos:

a) como nota de rodapé, utilizando o asterisco para diferenciá-los das notas do *Compêndio*.

* Desse ponto até o fim do parágrafo, o autor alterou o texto para: “*Nós nos amamos; Vós vos estimais; Elles se defendem*. Comtudo o verbo assim collocado nem por isso perde a força de activo.”

b) como anexo, no fim da obra, quando o texto acrescentado, referente à análise da quarta edição, é muito longo e provocaria dificuldades à leitura caso ficasse inserido no texto da primeira edição (veja-se o Anexo II em que há uma página inteira sobre a “Formação dos Plurais dos Nomes”).

3. *Idem*, p. 11.



O *COMPÊNDIO DA*
GRAMÁTICA DA LÍNGUA
NACIONAL:

UMA OBRA EM DESENVOLVIMENTO



CORUJA: O PROFESSOR

Antônio Álvares Pereira Coruja nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 31 de agosto de 1806 e morreu no Rio de Janeiro, em 1889. O professor teve uma vida pontuada de êxitos e fracassos: êxito como intelectual, êxito como professor, êxito como autor de várias obras didáticas e histórico-políticas; fracasso como político, uma vez que foi deputado por um ano e, cassado, abandonou a carreira política; fracasso como homem de negócios, do mundo das finanças, pois criou uma empresa que veio a falir. Não se recuperando financeiramente, morreu quando estava em absoluta pobreza.

Por questões políticas, teve de deixar Porto Alegre e mudar-se para o Rio de Janeiro, com toda a família, em 1837. Nessa cidade, dedicou-se por vinte e três anos ao ensino, tendo fundado o Liceu Minerva, exclusivo para estudantes do sexo masculino. Coruja é autor do *Compêndio da Gramática da Língua Nacional*, publicada em 1835, e objeto de estudo deste texto. Além desse *Compêndio*, são também de sua autoria outras obras metalinguísticas, como: *Manual dos Estudantes de Latim* (1838), *Compêndio da Ortografia da Língua Nacional* (1848), *Manual de Ortografia da Língua Nacional* (1852), *Compêndio da Gramática Latina do Padre Antônio Pereira de Figueiredo com Aditamentos e Notas* (1852) e *Coleção*

dos Vocábulos Usados na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul (1852)¹.

A biografia de Coruja é conhecida, e os dados sobre sua vida são sempre recorrentes, razão por que não nos ocuparemos de apresentá-los aqui². Há muitos estudos sobre a vida e a obra desse personagem de nossa história, realizados principalmente por pesquisadores do Rio Grande do Sul, que resgatam o realce intelectual de Coruja no cenário do Brasil do século XIX³.

Baseamo-nos na hipótese de que o *Compêndio* seja mais uma obra didática sem pretensões teóricas, como o próprio autor sugere no Prólogo que redigiu à segunda edição, o qual consiste em um resumo dos temas gramaticais: “é abreviado, como é mistér em taes obras, ficando o seu maior desenvolvimento á capacidade dos

1. Augusto Victorino Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1883, vol. 1, pp. 103-15; e Juliana B. Medeiros, *Um Estudo Descritivo-analítico do “Compendio da Grammatica da Lingua Nacional de Antônio Álvares Pereira Coruja”*, PUC, 2017, p. 76. Tese de Doutorado.
2. A base da informação sobre esse autor é o *Diccionario Bibliographico Brasileiro* (1883), de autoria de Augusto Victorino Sacramento Blake (1827-1903), obra sobre a qual, em 1998, o bibliófilo Rubens Borba de Moraes dá notícias completas e a louva por sua importância para a história da cultura das letras no Brasil. A crítica que Moraes faz ao *Diccionario* é técnica e diz respeito à metodologia de apresentação dos verbetes, pois Blake os apresenta pelos prenomes, em vez de pelo sobrenome, como era, porém, usual na época. Borba de Moraes, então, lembra que a falta de índice da obra levou dois estudiosos a supri-la e esclarece que há um índice “publicado em 1937, de autoria de Jango Fisher, hoje raramente encontrado” e continua: “dois outros [índices] conhecidos são de autoria de Octavio Torres, 1949, e Alexandre Eulálio, [195?], respectivamente”. Os autores citados por Blake em seu dicionário tratam dos assuntos relativos às letras brasileiras, literatura e língua portuguesa, e os dados constantes de seu dicionário foram recolhidos de autores de obras dos tempos coloniais até sua contemporaneidade. O dicionário tem sete volumes, e os verbetes estão alfabeticamente distribuídos pelo prenome dos autores, assim: vol. 1, A-B; vol. 2, C-F; vol. 3, F-J; vol. 4, J; vol. 5, J-L; vol. 6, M-P; vol. 7, P-Z.
3. Sobre outras informações relativas à história de Coruja, consultem-se, por exemplo, Walter Spaldin, *Construtores do Rio Grande*, Porto Alegre, Sulina, vol. 1, 1969; Ana I. Klein, *Crônica e História: a Trajetória de seus Encontros e Desencontros e a Análise de Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre, de Antônio Álvares Pereira Coruja*, Porto Alegre, UFRS, 1997. Dissertação de Mestrado. *Fronteiras de Cristal: Um Estudo sobre a Memória e a História Através das Crônicas Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre*, Porto Alegre, UFRS, 2004. Tese de Doutorado.

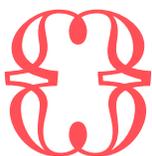
Srs. Professores que delle fizerem uso”⁴. A obra chama a atenção pela referência, no título, à “língua nacional”, o que sugere ao leitor que o autor tratará de especificidades da língua praticada no Brasil. Por isso, o exame que faremos da obra parte, exatamente, da indagação sobre o estatuto dessa referência; depois, estudaremos a obra pelo confronto de duas de suas edições, a 1^a, de 1835, e a 4^a, de 1846, com algumas referências à edição sem número de 1873, confrontando-as com obras de autores constantes de seu *horizonte de retrospectção*⁵. De um lado, visamos a demonstrar como, de fato, a matéria gramatical começou a ser apresentada de modo pouco reflexivo, o que indica ter sido o *Compêndio*, em sua 1^a edição, evidentemente, um resumo de outras obras. Então, verificaremos se são essas, por exemplo, o *Epítome da Gramática da Língua Portuguesa*⁶ (1806), de António de Moraes Silva (1757-1824) e a *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*⁷, de Jeronymo Soares Barboza (1822). De outro, pelo confronto das edições, objetivaremos examinar como Coruja foi ampliando seu *Compêndio*, pelo acréscimo de esclarecimentos, em notas de rodapé e, às vezes, pela alteração pontual da matéria gramatical, no corpo do texto.

A teoria que orienta o trabalho é a da História das Ideias Linguísticas, por intermédio, especialmente, da categoria do *horizonte de retrospectção*⁸, pela qual buscaremos evidenciar as causas das

4. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1846, p. 4.
5. Sylvain Auroux, “Les Méthodes d’Historicisation”, *Histoire Épistemologie Langage*, tome XXVIII, fascicule 1, 2006; e *La Question de l’Origine des Langues – Suivi de L’Historicité des Sciences*, Paris, PUF, 2007.
6. António de Moraes Silva, *Epítome da Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Off. Simão Thaddeo Ferreira, 1806.
7. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*. Lisboa, Typographia da Academia de Sciencias, 1822.
8. Sylvain Auroux, “Les Méthodes d’Historicisation”, *Histoire Épistemologie Langage*, tome XXVIII, fascicule 1, 2006; e *La Question de l’Origine des Langues – Suivi de L’Historicité des Sciences*, Paris, PUF, 2007.

opções teóricas, ou metodológicas, de Coruja, no tratamento da matéria gramatical. Focalizaremos a abordagem, feita pelo autor, das classes de palavras (artigo, adjetivo e verbo) e de aspectos da sintaxe, sem prejuízo de comentar outras questões pertinentes ao conhecimento da obra constituída como fonte do trabalho.

A OBRA: *COMPÊNDIO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA NACIONAL*



Compêndio da Gramática da Língua Nacional teve, primeiro, circulação em escolas na região Sul do Brasil, mais precisamente em Porto Alegre, depois, no Sudeste, na cidade do Rio de Janeiro, para onde o autor se mudou pouco tempo depois da publicação da gramática. Posteriormente, já no século xx, a obra ficou nacionalmente conhecida no meio acadêmico por ser a primeira a ter, no título, a expressão “língua nacional” em vez de “língua portuguesa”, a fim de qualificar uma gramática publicada no Brasil. Esse fato contribuiu para acentuar o interesse dos estudiosos da gramaticografia brasileira, já na primeira metade do século xx. Tal interesse, contudo, deu-se, especialmente, por motivos históricos e políticos mais do que linguístico-gramaticais, pois o Brasil vivia, depois da Proclamação da Independência (1822), um período de reafirmação de sua identidade e nacionalidade, o que incluía a declaração de que a língua portuguesa praticada no Brasil era, já, própria dos brasileiros.

O *Compêndio* de Coruja, então, se encaixou nesse contexto, pelo título que apresentou. Sobre essa realidade não falta quem o afirme; leia-se, por exemplo, o que diz José Almino de Alencar, em conferência proferida na Fundação Biblioteca Nacional, no segun-

do semestre de 2001, no Centro Cultural da Justiça, em contexto do evento “Repensando o Brasil com Sílvio Romero”:

Nesse processo [de “descoberta e invenção do Brasil, pelos brasileiros”], ressaltam-se, pelo menos, três aspectos: a) uma série de fatos e manifestações que assinalam a existência de uma língua nacional, de uma literatura e de uma arte brasileiras, começando **talvez** com a publicação do *Compêndio da Gramática da Língua Nacional*, de Antônio Álvares Pereira Coruja, em 1835, e culminando com a obra de José de Alencar e as discussões por ela geradas [...]¹.

A citação ressalta a importância do título do *Compêndio*, pois isso a colocou em posição de realce no cenário da gramaticografia brasileira, embora seu conteúdo não corresponda a essa interpretação dada ao título, como comprovaremos ao longo deste texto. José Almino de Alencar visa a enaltecer aspectos de brasilidade no Brasil do começo do século XIX, anos após a Proclamação da Independência, e, por isso, pensa que, “talvez”, o compêndio gramatical de Coruja tivesse iniciado esse processo, o que, como a história comprova, não se confirmou.

É certo que essa obra foi, durante muito tempo, um marco na periodização dos estudos gramaticais no Brasil. Almino, contudo, não erra sozinho, pois essa obra foi assim considerada por alguns periodistas e estudiosos da gramaticografia brasileira. A mais importante periodização dos estudos linguísticos do início do século XX, a de Antenor Nascentes², indica-a como obra iniciadora de “nossa gramaticografia” da língua portuguesa no Brasil, ou, como podemos dizer atualmente, ao menos, da história dessa gramatização³, por, supostamente, inaugurar o período que ele denomina “empírico”.

1. José Almino de Alencar, “O Brasil é Fatalmente uma Democracia”, *Revista Tempo Brasileiro*, vol. 145, p. 5, abr.-jun. 2001 (negrito nosso).

2. Antenor Nascentes, *Estudos Filológicos*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003, p. 188.

3. *Gramatização* é um termo/conceito cunhado por Sylvain Auroux (*A Revolução Tecnológica da Gramatização*, Campinas, Pontes) em referência ao movimento de elaboração e publicação das gramáticas das línguas vernáculas europeias, especialmente no Renascimento. Segundo ele, a gramatização é o processo contínuo de descrição das línguas, ou, seja, de colocação da língua em gramática.

O *Compêndio*, entretanto, não é construído pela observação e descrição da realidade linguística brasileira, apesar de, como bem lembra o próprio Nascentes, seu autor ter “inaugurado a dialetologia brasileira”⁴, com a publicação, em 1852, da *Coleção de Vocábulos e Frases Usados na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul*. Pelo que pudemos verificar, esse estudo dialetológico de Coruja não chegou a sua obra gramatical nem após a publicação de sua *Coleção de Vocábulos*, vinda à luz em 1852, depois, portanto, de publicadas várias edições do *Compêndio*, conforme pudemos comprovar na edição de 1873.

A tese de Nascentes, sobre o empirismo do *Compêndio* de Coruja, pode ser contestada, pois uma consulta detida à obra revela que, em verdade, trata-se de um resumo da doutrina gramatical latina, aplicada à língua portuguesa, com leves pinceladas da teoria geral (racionalista), e com aplicação de exemplos pontuais, forjados pelo autor.

Nascentes⁵ conhecia o *Epítome da Gramática da Língua Portuguesa* (1806), de António de Moraes Silva, e, provavelmente, também a sua *Gramática Portuguesa* (1824). O filólogo carioca, porém, decidiu não tomar o *Epítome* de Moraes Silva como iniciador do período empírico, porque o considerou uma obra mais portuguesa do que brasileira, no que concerne a seu conteúdo.

Deixemos de lado o *Epítome da Gramática Portuguesa*, acabado pelo brasileiro António de Moraes Silva no Engenho Novo da Moribeca, em Pernambuco, aos 15 de julho de 1802; apesar da nacionalidade do seu autor, o *Epítome*, rigorosamente falando, se pode considerar um livro português, pois não se detém nas diferenças que já apresentava o falar brasileiro⁶.

4. Como informa Edith Pimentel Pinto, *O Português do Brasil – 1820-1920*, São Paulo, Edusp, 1978, vol. 1, p. xv. Em 1824-1825, Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, tratou da realidade linguística brasileira em texto introdutório ao *Atlas Etnográfico do Globo*, de Adrien Balbi (1782-1848). Esse texto, porém, somente foi divulgado no Brasil por João Ribeiro (*A Língua Nacional*, São Paulo, Edição da Revista do Brasil/Monteiro Lobato e Companhia, 1921, pp. 29-32), em que o autor declara ser essa “a primeira contribuição teórica nessa matéria” (*idem*).
5. Antenor Nascentes, *Estudos Filológicos*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003.
6. *Idem*, p. 188.

O *Epítome*, pois, foi escrito por um brasileiro no Brasil⁷, mas publicado em Portugal, em razão de no Brasil não existirem prensas, situação que somente mudou depois da chegada da Corte portuguesa, em 1808⁸. Hallewell⁹, que lista as obras publicadas nos dez primeiros anos de existência da prensa no Brasil, é ainda mais minucioso ao tratar das primeiras prensas, tipografias e impressões no Brasil; refere-se ao *Compêndio* de Coruja nos seguintes termos:

É provável que a mais importante contribuição das províncias nos primeiros anos [para a impressão e difusão de livros] tenha sido a publicação de livros escolares para os quais ainda não existia um mercado nacional. Um exemplo particularmente precoce foi o *Compêndio da Gramática da Língua Nacional* de Antônio Álvares Pereira Coruja, impresso em Porto Alegre em 1835¹⁰.

Além desse argumento de cariz histórico, outros autores consideram Moraes mais português do que brasileiro pelos fatos de: (i) Moraes Silva ter estudado em Coimbra, depois ter-se casado com uma portuguesa e ter morado em Lisboa (por pouco tempo, porém) e, após esse tempo, ter-se mudado para o Brasil, e ter sido nomeado, pelos portugueses, como “juiz de fora” (cargo que ocupou por um ano); (ii) a obra ter sido impressa em Portugal e, portanto, os portugueses a reivindicarem para si, colocando-a sempre no rol de suas gramáticas¹¹. No entanto, muitos estudiosos brasileiros, também, não se cansam de

7. Informação do próprio Antônio de Moraes Silva: “Acabou-se este *Epítome da Grammatica Portugueza* no Engenho Novo da Moribeca, em Pernambuco, aos 15 de julho de 1802.”

8. Augusto Victorino Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1883, vol. 1, pp. xxv.

9. Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza, São Paulo, Edusp, 2017 [2005], pp. 115-117.

10. *Idem*, p. 215.

11. Vejam-se, por exemplo, Maria Filomena Gonçalves, *Epítome da Grammatica da Lingua Portugueza*, em *Corpus des Textes Linguistiques Fondamentaux* (CTLF), 1998; e Carlos Assunção e Susana Fontes (eds.), *Epítome da Grammatica da Lingua Portugueza* [...] de Antônio de Moraes Silva. Lyon/Paris, CTLF/École Normale Supérieure de Lyon/ Université Denis Diderot, 2017 [1806] (Paris 7).

dizer que a obra é brasileira, escrita no Brasil por um brasileiro, não obstante ter sido impressa em Portugal¹².

Não somente sobre a obra de Moraes Silva faltavam informações a Nascentes, mas também sobre a *Arte de Gramática Portuguesa*, escrita e publicada, em 1816, no Brasil, pelo padre Ignacio Felizardo Fortes, brasileiro, originário do Rio de Janeiro¹³. Essa gramática, que, segundo Blake, foi importante na época em que apareceu e chegou a ter ao menos quatorze edições¹⁴, ficou esquecida, durante muito tempo. Essa *Arte*, contudo, somente foi redescoberta recentemente pelo historiógrafo Rolf Kemmler¹⁵, em 2013. A partir de então, outros pesquisadores brasileiros têm-se referido a ela com mais ou menos profundidade¹⁶.

Outra obra anterior à de Coruja foi a do Padre Antônio da Costa Duarte, publicada em São Luís (Maranhão), em 1829. Trata-se do *Compêndio da Gramática Portuguesa* (1829), depois renomeada como *Compêndio da Gramática Filosófica Portuguesa*, em 1840 (2ª edição, aumentada). Existem seis edições dessa obra, tendo as outras quatro sido publicadas em 1853, 1859, 1862 e 1877¹⁷. Nas-

12. Ricardo Cavaliere, “O *Epítome* de Antônio de Moraes Silva na Historiografia Gramatical Brasileira”, *A Gramática no Brasil: Ideias, Percursos e Parâmetros*, Rio de Janeiro, Lexikon, 2014, pp. 59-67.
13. Augusto Victorino Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1970, vol. 3, pp. 264-265. Blake informa que o padre Ignacio Fortes militava em São Pedro, no final do século XVIII, e morreu em Cabo Frio, em 1856.
14. Blake cita, além da primeira, outras cinco, por terem sido revistas e atualizadas; são elas a terceira (1825), a nona (1844), a décima segunda (1851), a décima terceira (1855) e a décima quarta (1862).
15. Rolf Kemmler é de origem alemã, mas vive em Portugal, onde é docente e pesquisador na Universidade Trás-os-Montes Alto Douro (UTAD), como especialista em historiografia da linguística portuguesa.
16. Moraes analisa a primeira edição, à qual Polachini também se refere e afirma *que essa é a única conhecida*. (Jorge V. Moraes, “Arte de Grammatica Portugueza (1816) de Ignacio Felizardo Fortes: Construção Teórica sobre as Figuras da Syntaxe e as Figuras da Dicção”, *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, vol. 15, n. 1, 2015, Mackenzie; e Bruna Polachini, *Uma História Serial e Conceitual da Gramática Brasileira Oitocentista de Língua Portuguesa*, São Paulo, 2017. Tese de Doutorado.
17. Ver Marli Quadros Leite, “Anotações Sobre o *Compendio da Grammatica Philosophica da Língua Portugueza*, do Padre Antonio da Costa Duarte”, em *Compendio da Grammatica Philosophica da Língua Portugueza*, São Paulo, FFLCH-USP, 2018b.

centes¹⁸ cita-a sem precisar a data da edição a que se refere, mas provavelmente não é a primeira, pois fala dela após citar a *Coleção de Vocabulos*, de Coruja, publicada em Londres, em 1856:

No ano seguinte, aparece o *Vocabulário Brasileiro para Servir de Complemento aos Dicionários da Língua Portuguesa*, de Brás da Costa Rubim; continua o interesse dialetológico. Aparece também o *Compêndio da Gramática Filosófica da Língua Portuguesa* por Costa Duarte.

Assim, ficou o *Compêndio da Gramática da Língua Nacional*, de Coruja, como a primeira gramática publicada no Brasil e, ainda mais, ela figurou, durante longos anos, como marco de renovação da matéria gramatical no país, inaugurando, por tal razão, segundo Nascentes¹⁹, o período empírico.

Apesar de o *Compêndio* não corresponder ao que idealizou Nascentes em sua periodização sobre os estudos linguísticos brasileiros, a obra teve a sua importância, não tanto para a teoria gramatical, mas para a política educacional, primeiro do Rio Grande do Sul²⁰, depois, do Rio de Janeiro, cidade para onde Coruja se mudou em 1837. Como relata Bastos²¹, em dezembro de 1825, Coruja assinou contrato com o Conselho da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, para deslocar-se até o Rio de Janeiro, onde “se doutrinaria no método lancasteriano”²², pelo qual deveria ensinar à mocidade rio-

18. Antenor Nascentes, *Estudos Filológicos*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003.

19. *Idem, ibidem*.

20. Antes, província de São Pedro do Rio Grande do Sul, e, mais tarde, somente Rio Grande do Sul.

21. Maria Helena Camara Bastos, “Reminiscências de um Tempo Escolar. Memórias do Professor Coruja”, *Revista Educação em Questão*, vol. 25, n. 11, pp. 6-7, jan.-abr. 2006.

22. Método criado pelo inglês Joseph Lancaster, com a finalidade de escolarizar grande número de estudantes, com auxílio de monitores. Para alcançar esse fim, o professor precisava de poucos recursos, mas devia ter a sua disposição um grande salão onde poderia acomodar mais de uma centena de estudantes, os quais eram atendidos em pequenos grupos, pelos monitores. O papel do docente era treinar os monitores, selecionados entre os melhores alunos da turma. Esse método é também denominado “ensino mútuo” ou “monitorial”. O professor ensinava a ler e a escrever e depois se ocupava de outras disciplinas, entre as quais: Aritmética, Língua Nacional, Princípios de Geometria e Princípios da Moral Cristã. Sobre o assunto, consulte-se

-grandense as primeiras letras (a ler e escrever), bem como princípios de outras disciplinas. Coruja retornou a São Pedro em 1827, dez meses depois de sua ida à corte, e, nesse ano, abriu uma escola pública, onde, então, praticava o método lancasteriano, ou mútuo.

Segundo Bastos²³, esse método, que também era praticado na França e em Portugal, foi trazido para o Brasil anos depois da instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro. Houve, então, uma campanha por sua introdução em nosso país e, ainda conforme relato de Bastos²⁴, o jornal *Correio Braziliense*²⁵ publicou, de abril a outubro de 1816, uma série de artigos sobre o método, destacando o seguinte:

[O método é] “de grande utilidade para toda a sociedade, uma vez que, a exemplo do que acontece na Inglaterra, tem-se conseguido uma boa educação elementar, sem grandes despesas do governo, e, sem que se tire das classes trabalhadoras o tempo que é necessário que empreguem nos diferentes ramos de suas respectivas ocupações. Aconselha o método, sobretudo, por suas vantagens econômicas: um único professor pode encarregar-se de novecentos ou mil discípulos; além do salário do mestre, não há senão a despesa da casa para a escola, pedra, lápis, tinta, papel e livros elementares”. Os artigos escritos no periódico atuaram como propaganda do método ao leitor brasileiro: os sistemas de educação, que se inventaram na Inglaterra e têm obtido melhoramentos sucessivos, são destinados a preencher aquelas vistas; e por isso que intentamos propô-los como exemplo digno de imitar-se em Portugal e no Brasil, aonde a necessidade da educação elementar é tão manifesta, que julgamos não carecer de demonstração²⁶.

Maria Helena Camara Bastos, “A Instrução Pública e o Ensino Mútuo no Brasil: Uma História Pouco Conhecida (1808-1827)”, *História da Educação*, n. 1, abr. 1997, p. 115; “Reminiscências de um Tempo Escolar. Memórias do Professor Coruja”, *Revista Educação em Questão*, vol. 25, n. 11, pp. 157-189, jan.-abr. 2006, e Juciele P. Dias, *Um Gesto de Interpretação na História do Conhecimento Linguístico Brasileiro: A Definição do Nome Gramática*, UFSM, 2012. Tese de Doutorado; e “O Ensino da Língua Nacional no Século XIX e a Constituição da Gramatização Brasileira: A Produção de Antônio Álvares Pereira Coruja”, *Gragoatá*, vol. 24, issue 48, pp. 75-94, jan.-abr. 2019.

23. Maria Helena Camara Bastos, “A Instrução Pública e o Ensino Mútuo no Brasil: Uma História Pouco Conhecida (1808-1827)”, *História da Educação*, n. 1, p. 121, abr. 1997.

24. *Idem*, p. 122.

25. O texto citado por Bastos é de Hipólito da Costa, que escreve em Londres.

26. *Correio Braziliense*, apud Maria Helena Camara Bastos, “A Instrução Pública e o Ensino Mútuo no Brasil: Uma História Pouco Conhecida (1808-1827)”, *História da Educação*, n. 1, abr. 1997, p. 122.

A regulamentação do método no país, todavia, somente ocorreu em 1827, por meio do Decreto imperial de 15 de outubro, que instituiu o ensino público no Brasil. Essa foi uma lei muito importante, pois, além de criar as “escolas de primeiras letras”, o que hoje corresponde às primeiras séries do ensino fundamental, expandiu as fronteiras das escolas, em capitais, vilas e lugares populosos, incluiu as meninas no mundo da escola, regulamentou também o salário dos professores e não se descuidou de determinar que o salário das mestras seria igual ao dos mestres. Leiam-se alguns artigos do referido Decreto:

Lei de 15 de outubro de 1827

Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império.

D. Pedro I, por Graça de Deus e unânime aclamação dos povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil: Fazemos saber a todos os nossos súditos que a Assembleia Geral decretou e nós queremos a lei seguinte:

Art. 1º Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias.

Art. 2º Os Presidentes das províncias, em Conselho e com audiência das respectivas Câmaras, enquanto não estiverem em exercício os Conselhos Gerais, marcarão o número e localidades das escolas, podendo extinguir as que existem em lugares pouco populosos e remover os Professores delas para as que se criarem, onde mais aproveitem, dando conta a Assembleia Geral para final resolução.

Art. 3º Os presidentes, em Conselho, taxarão interinamente os ordenados dos Professores, regulando-os de 200\$000 a 500\$000 anuais, com atenção às circunstâncias da população e carestia dos lugares, e o farão presente a Assembleia Geral para a aprovação.

Art. 4º *As escolas serão do ensino mútuo nas capitais das províncias; e serão também nas cidades, vilas e lugares populosos delas, em que for possível estabelecerem-se.*

Art. 5º Para as escolas do ensino mútuo se aplicarão os edifícios, que couberem com a suficiência nos lugares delas, arranjando-se com os utensílios necessários à custa da Fazenda Pública e os Professores que não tiverem a necessária instrução deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e à custa dos seus ordenados nas escolas das capitais.

Art. 6º Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a *gramática de língua nacional*, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil [...]²⁷.

Para o que concerne à finalidade deste texto, vale salientar que, pelo Decreto-Lei de 15 de outubro de 1827, o imperador D. Pedro I sinalizou concordar com os que se incomodavam com o nome da língua falada no Brasil e rejeitavam a denominação “língua portuguesa”, tentando alterá-la, para sinalizar a independência do Brasil em relação a Portugal. Optou, então, o imperador pela expressão *língua nacional* em referência à língua praticada no Brasil. Essa é a razão de a gramática de Coruja ter o título *Compêndio da Gramática da Língua Nacional* e não por haver nela uma descrição da realidade linguística brasileira da época ou mesmo uma referência a ela.

Bastos²⁸ informa que Coruja, de volta a São Pedro do Rio Grande do Sul, vindo do Rio de Janeiro, foi nomeado professor público de ensino mútuo no dia 10 de março de 1827 e, no mesmo ano, mas no mês de agosto, abriu a sua escola pública, cujo nome era Casa Queimada. Quatro anos depois, Coruja prestou concurso para o posto de professor de Língua Latina, para o qual foi aprovado. Concorreu o mestre de latim a outra cadeira, a de Filosofia Racional e Moral, tendo sido, igualmente, aprovado.

O professor, porém, não se ateve, apenas, às atividades docentes. Em 1834 concorreu a uma cadeira na Assembleia Legislativa, na eleição para a primeira legislatura do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre; não foi eleito, mas conseguiu ficar na lista de suplen-

27. A íntegra da lei se encontra disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 13 maio 2024.

28. Maria Helena Camara Bastos, “Reminiscências de um Tempo Escolar. Memórias do Professor Coruja”, *Revista Educação em Questão*, vol. 25, n. 11, p. 7, jan.-abr. 2006.

tes. Em dezembro de 1835, ano da publicação do *Compêndio*, assumiu a cadeira na Assembleia, já em meio à Revolução Farroupilha (1835-1845), em que foi apoiador de Bento Gonçalves, em oposição aos legalistas. Foi por isso destituído do cargo, como outros Farroupilhas, e preso, durante cinco meses – primeiro no quartel e, depois, na Presiganga²⁹. Após esses fatos, em 1837, resolveu deixar Porto Alegre e mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro.

Na sede da corte, fundou o Liceu Minerva, em 1841, mas, dezesseis anos depois, transferiu-o ao professor Franklin Teodoro de Castro Menezes. Passou, então, o professor Coruja a exercer outro tipo de atividade, a financeira. Fundou a empresa Caixa Depositária Sociedade Glória de Lavradio, falida em 1880. Assim se encerrou a participação ativa de Coruja na vida nacional.

Na sequência deste trabalho, restará evidente que a descrição e a análise linguísticas feitas por Coruja não focalizam características próprias da variedade brasileira da língua portuguesa, como salientaremos pormenorizadamente mais adiante.

29. Nome dado aos navios-presídio.

PRELIMINARES SOBRE O COMPÊNDIO



Quando da primeira edição do *Compêndio*, o intuito de Coruja era elaborar um breve manual de gramática para ensino normativo da língua portuguesa nas escolas. A primeira meta era o ensino de português a alunos de escolas de Porto Alegre; depois, com o deslocamento do autor para o Rio de Janeiro, seu interesse pelo ensino continuou, sua gramática passou a ser impressa no Rio de Janeiro e foi adorada em escolas da capital, tendo ganhado, portanto, dimensão maior. Qual foi, então, o destino do *Compêndio* de Coruja?

Sobre a história das edições do *Compêndio* de Coruja, a primeira informação vem de Blake¹, que anuncia haver dele quatro edições: 1835, 1849, 1862 e 1872. Outra indicação que conseguimos sobre isso consta da tese de Medeiros², que apresenta um quadro em que se veem onze edições, organizadas por ano e local de publicação, além do nome da editora. A autora, todavia, não fez referência ao número de cada edição, apesar de a ordem crescente das datas sugerir a sequência do aparecimento de cada uma delas, da

1. Augusto Victorino Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1883, vol. 1, p. 104.
2. Juliana B. Medeiros, *Um Estudo Descritivo-analítico do “Compendio da Grammatica da Lingua Nacional de Antônio Álvares Pereira Coruja”*, PUC, 2017, p. 90. Tese de Doutorado.

primeira à décima primeira. Segundo tal autora, as edições seriam dos anos seguintes: 1835, 1849, 1862, 1863, 1865, 1866, 1872, 1873, 1875, 1884, 1894³. Essa informação pode não ser confiável, pois há alguns erros, como: a autora indica o Rio de Janeiro como o local da publicação da primeira edição, de 1835, quando foi em Porto Alegre; não há referência à edição de 1846, publicada pela Typographia Franceza. Se Medeiros estiver correta quanto às datas apresentadas, então existem doze edições, pois a de 1846 não foi arrolada⁴.

Há, ainda, outra dúvida sobre a referida pesquisa de edições do *Compêndio*, pois a autora não informou se as obras foram consultadas, efetivamente, ou se apenas viu as fichas de cada uma delas em *sites* de bibliotecas e de livreiros, nas quais pode haver imprecisões. Diante disso, seguramente, podemos admitir a existência de seis edições, as quatro citadas por Blake e confirmadas por Medeiros, e a de 1846, de que dou notícia aqui, além da de 1873, disponível na Biblioteca Florestan Fernandes, da FFLCH (USP). Trabalhamos neste texto com estas três: a de 1835 e a de 1846 como textos principais em comparação, e a de 1873 como texto de apoio, complementar. As demais ficam no território das possibilidades, até que algum pesquisador anuncie que as tem em mãos.

Embora se tenha admitido que o *Compêndio* seja, desde a primeira edição, uma obra racionalista, uma análise detida do texto não confirma tal hipótese. A não ser a declaração do conceito de gramática como “arte que ensina a declarar os nossos pensamentos por meio da linguagem”. O autor não segue princípios da gramática racional, como, por exemplo, os de que o verbo *ser* é substantivo e de que não existem orações sem sujeito e verbos impessoais, pois tudo o que não está enunciado na proposição exis-

3. Destacamos as edições citadas por Blake.

4. Segundo Medeiros, *Um Estudo Descritivo-analítico do “Compêndio da Grammatica da Lingua Nacional de Antônio Álvares Pereira Coruja”*, sua pesquisa foi realizada em bibliotecas e em sebos nacionais. A edição de 1846, a que ela não se refere, contudo, existe na BBM/USP e a de 1873, na Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

te, mas apenas está elíptico. Mesmo na edição de 1873, em que o autor acrescenta muitas notas sobre a teoria geral, não se vê, propriamente sua aplicação.

Os temas constantes do *Compêndio* são os seguintes:

Proêmio; Parte 1^a – Da etymologia, 4; Nome, 4; Pronome, 7; Do genero dos nomes, 9; Verbo, 10; Adverbio, 40; Conjunção, 42; Preposição, 43; Interjeição, 44; Parte 2^a – Da syntaxe, 45; Circunstancias, 46; Verbo passivo, 51; Sintaxe figurada, 52; Parte 3^a – Da prosodia, 59; Figuras de dicção, 60; Parte 4^a – Da orthographia, 62; Pontuação, 66.

A seguir, para deixar mais claro o que viemos dizendo sobre a obra *sub examine*, exploraremos algumas características da descrição gramatical constante do *Compêndio*.

NOTAS GRAMATICAIS SOBRE O *COMPÊNDIO*

Se o *Compêndio* de Coruja não traz revelações sobre o português em geral e, muito menos, sobre o português “língua nacional do Brasil”, nem por isso deixa de ser importante para a cultura gramatical e para o ensino de gramática no Brasil. Nas duas edições sob enfoque aqui, a 1^a e a 4^a, vê-se acentuada a relação do autor com o ensino, tanto pela inscrição que aparece nas duas edições, “Dedicado à mocidade rio-grandense, por seu patricio Antônio Álvares Pereira Coruja”, quanto pelo acréscimo, na 4^a, da qualificação do autor como “professor público”.

A página de rosto com inscrições como as descritas encabeça igualmente uma edição mais tardia, talvez de 1873¹. Embora esta não seja diretamente objeto desta pesquisa, servirá de contraponto para balancear a análise da descrição gramatical e para comprovar que Antônio Coruja foi, aos poucos, lapidando o rascunho que deu à luz em 1835 e, assim, desenvolvendo sua gramática.

A primeira edição não traz uma “nota prévia”, ou introdução, para explicar a finalidade da obra e apresentar suas características gerais, mas, na segunda, há um “Prólogo” no qual o autor confessa

1. A data de 1873 consta da ficha da obra, existente na seção de obras raras, na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), embora no *Compêndio* não haja nenhuma data anotada, nem número de edição.

que a primeira edição foi feita sem maior reflexão, o que deu margem a falhas e, dizemos nós, a muitas simplificações, o que ele afirma ter revisto na segunda. Sobre esta, a segunda, declara, mesmo assim, que a obra é um resumo sem maiores pretensões teóricas, e declara ser o *Compêndio* “abreviado”, em que o desenvolvimento da matéria ficaria ao encargo dos professores que dele fizessem uso.

Autores que têm tratado do *Compêndio*² pela análise exclusiva da edição de 1835 não hesitam em ressaltar sua ligação com o *Epítome da Gramática Portuguesa*, ou com a *Gramática Portuguesa* (1824), de António de Moraes Silva. O principal argumento para defender tal tese é o conceito de gramática, pois ambos são conectados à base racionalista, pela referência à relação linguagem e pensamento. Dizem ambos “A gramática é arte, que ensina a declarar bem os nossos pensamentos, por meio de palavras”³. Vale dizer que o conceito de gramática apresentado pelo gramático luso-brasileiro não tem origem direta na *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal* (1810 [1660]), cuja definição é “La grammaire est l’art de parler”⁴. A fonte desse autor é o texto do gramático inglês Robert Lowth, *A Short Introduction to a English Grammar*, que escreve “Grammar is the Art of rightly expressing our thoughts by words”⁵, e, como é evidente, o texto de Moraes é sua tradução.

Sobre esse conceito, a única e irrelevante diferença, para esta análise, entre o *Compêndio* de Coruja e o *Epítome* de Moraes é que Coruja, em todas as edições consultadas (1835, 1846 e 1873), acres-

2. Por exemplo: Leonor Lopes Fávero e Márcia Antonia Guedes Molina, “Epítome da Gramática Portuguesa – António de Moraes Silva”, *As Concepções Linguísticas no Século XIX – A Gramática no Brasil*, Rio de Janeiro, Lucerna, 2006, pp. 57-69.

3. António de Moraes Silva, *Epítome da Grammatica da Lingua Portugueza*. Lisboa, Off. Simão Thaddeo Ferreira, 1806, p. 9; e Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compêndio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835, p. 1.

4. Antoine Arnauld e Claude Lancelot, *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal. Précédée d’un Essay sur l’Origine et le Progrès de la Langue Françoisé, par M. Petitot. Et suivie d’un Commentaire de M. Duclos*, 2. ed., Paris, Bossange et Masson, 1810 [1660], p. 245.

5. Robert Lowth, *A Short Introduction to a English Grammar: With Critical Notes*, London, J. Hughs, 1762, p. 1.

centa o artigo indefinido no início da oração “Gramática é *uma* arte [...]”, o que, portanto, se configura como uma cópia do gramático luso-brasileiro, assim como esse foi cópia do texto de Lowth.

Outro argumento que pode ter sido evocado para comprovar a conexão entre os dois autores é a citação direta que Coruja faz de Moraes, quando trata de preposição e diz:

(t) Querem alguns classificar como Preposições os adverbios *Alem, Depois*, e outros; mas eu entendo que elles não podendo ligar-se a um nome se não por meio de uma preposição, (que ordinariamente é a preposição *De*, ou *Em*), porisso unidos á ella nada mais podem fazer, que ajudar, a modificar a circumstancia por ella regida. Moraes dá a seguinte regra para se conhecerem as preposições “Tudo que não faz variar os nomes *Eu, Tu, Elle* em *Mim, Ti, Si*, não é preposição”⁶.

Ocorre, porém, que o trecho citado aparece em uma nota de rodapé, e é apenas uma das regras de uso de preposição formulada por Moraes. A definição apresentada por Coruja⁷ é que a “preposição é uma palavra indeclinável⁸ que serve para reger os nomes, e para compor diferentes palavras”, formulada assim, pelos critérios morfológico e sintático, mas sem nenhum desenvolvimento posterior.

No *Epítome*, Moraes, por sua vez, traz uma definição bem mais robusta, que privilegia sobretudo o critério sintático, pois diz:

As Preposições (assim chamadas, porque se prepõem, ou põem antes dos nomes, a que se referem outros nomes correlativos antecedentes, e que as preposições atão entre si) servem de mostrar a connexão, e correlações, que o entendimento concebe entre dois objectos significados pelos nomes sós, ou modificados por adjectivos, ou verbos⁹.

6. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835, p. 43.

7. *Idem, ibidem*.

8. Na edição de Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Esperança, 1873, p.56, Coruja troca “indeclinavel” por “invariavel”.

9. António de Moraes Silva, *Epítome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 69.

Depois dessa apresentação, o autor do *Epítome* se estende por trinta e nove parágrafos pelos quais tenta precisar a definição, por meio de regras, exemplos e novas explicações, entre as quais a número dezesseis, que encerra o texto citado por Coruja. Para além disso, Moraes agrega uma nota a essa regra, em que faz a ressalva sobre a regência dos pronomes pessoais quando vêm seguidos de verbo no infinitivo: “Já aponte, que isto não se entende, quando *eu* e *tu* se ajuntam aos infinitivos pessoais, e gerúndios, regidos o infinitivo, e gerúndio de preposições: *v.g.* para eu ir contigo: em tu saindo”¹⁰. Como é evidente, os dois autores não têm o mesmo entendimento sobre o conceito e as características da preposição, embora haja, no *Compêndio*, uma citação literal que parece enfática e generalizante sobre as preposições, o que a íntegra do texto de Moraes não confirma.

A organização das duas gramáticas, seus objetivos e, sobretudo, a teoria e a descrição linguística distanciam em muito as duas obras. Talvez seja relevante lembrar que Coruja foi, principalmente, no campo do ensino de línguas, professor de latim e que, por isso, sua gramática é muito latinizante e não apresenta evidências de que ele tenha feito, propriamente, um trabalho autoral. Moraes, por sua vez, embora seja latinizante, em certos pontos, abre seu *Epítome* com uma epígrafe em que cita Condillac para negar a elaboração das gramáticas vernaculares pela base latina: “complicamos nossa gramática, porque nós quisemos fazê-la segundo as gramáticas latinas”.

Ainda outra característica muito evidente para diferenciar as duas gramáticas diz respeito à divisão de suas partes e das classes de palavras. Moraes, como lembra Assunção¹¹, não fez, como nas gramáticas latinas, uma divisão interna em quatro partes, *etimologia, sintaxe, ortografia e prosódia*, e, como bem ressalta esse autor,

10. *Idem*, p. 74.

11 Carlos C. Assunção. “Antônio de Moraes Silva – Um Gramático Inovador”, *Anais do Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Rio de Janeiro, 2001

no Proêmio, Moraes faz uma lição de *ortoepia*; já Coruja seguiu o padrão latino e por ele descreve cada uma das partes, embora não fale em casos nominais.

A divisão das partes da oração também é diferente para cada um dos autores. Enquanto Coruja trata de *artigo, nome* (substantivo e adjetivo)¹², *pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição*, Moraes, diferentemente, assume a seguinte classificação das palavras: *nome substantivo, nome adjetivo, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição*, divisão que aparece na *Gramática Filosófica* de Barboza (1822). Para Moraes, o artigo e os pronomes (menos os pessoais *eu, tu, nós, vós*, que ficam englobados nos substantivos) incluem-se na categoria dos adjetivos (atributivos e articulares).

Ainda mais importante do que tudo isso é o fato de Moraes ter construído uma gramática centrada na sintaxe, tanto que Assunção¹³ afirma ser ele o primeiro “gramático português” a trasladar para a gramática a lição de Apolónio Díscolo. Assim se expressa Assunção:

Parece-nos que Moraes foi o primeiro gramático do português a interpretar e a desenvolver criticamente o que Apolónio Díscolo, dezoito séculos antes, já compreendia perfeitamente: así como con las sílabas, las cuales, satisfechas las ordenaciones adecuadas, constituyen la palabra [...] se sigue también que las palabras, que son parte de la oración perfectamente construida, reciben la ordenación coherente, pues el significado subyacente a cada palabra es, en cierta medida, una letra de la oración; y del mismo modo que las letras dan lugar a las sílabas en virtud de sus combinaciones, así también la ordenación de los significados dará lugar, por así decirlo, a sílabas mediante combinaciones de palabras; más aún, igual que de las sílabas se constituyen las palabras, lo mismo la oración perfecta de la coherencia de los significados¹⁴.

12. Na edição de 1873, o nome substantivo e o nome adjetivo são duas categorias autônomas.
13. Carlos C. Assunção. “António de Moraes Silva – Um Gramático Inovador”, *Anais do Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Rio de Janeiro, 2001, p. 2.
14. Apolónio Díscolo, *Sintaxis, Introdução, Tradução e Notas por Vicente Bécares Botas*, Madrid, Gre-dos, 1987, pp. 73-74, *apud* Carlos C. Assunção. “António de Moraes Silva – Um Gramático Inovador”, *Anais do Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Rio de Janeiro, 2001, p. 2.

Outros tantos gramáticos repetiram essa lição do gramático grego, mas a diferença nesse caso é que Moraes, embora parcial e mais distante no tempo, põe em prática o método apoloniano. Um autor muito mais próximo temporalmente de Moraes é Lowth¹⁵, que é a mais importante fonte de Moraes, sobre o qual falaremos um pouco mais à frente.

Fica evidente que a intenção de Moraes é partir dos “sons elementares” para alcançar a palavra e, finalmente, a sentença, pois é como finaliza sua introdução: “passemos às palavras, que dos sons se compõem, e de que consta a oração”¹⁶. No Livro I, cujo título é *Das Palavras Por Si Sós ou Partes da Sentença*, mesmo a noção de sintaxe estando prevista no título, o autor não chega a tratar sintaticamente de cada categoria nem a formular uma teoria sintática; apenas vislumbra uma descrição que visa a tratar da palavra na “sentença” (proposição, oração), sem, contudo, enunciar, nessa parte, as suas funções. A sintaxe é explorada no Livro II, no § I, *Da Sintaxe de Concordância*, em que o autor, então, conecta as classes de palavras a suas funções na sentença, como as de sujeito, atributo e verbo; no § II, *Da Sintaxe de Regência*, o autor trata da relação dos termos na sentença, estudando-os: (i) pela posição do “nome na sentença” ou (ii) pela preposição, que estabelece a ligação entre os elementos regente e regido (ou antecedente e conseqüente). O estudo de (ii) se faz tanto pela função das estruturas preposicionadas quanto pelo sentido das preposições e das relações que elas indicam. Retornaremos a essa questão adiante.

Essa retomada do *Epítome* tem, exclusivamente, a finalidade de mostrar que, embora Moraes seja um autor que conste no horizonte de retrospectão de Coruja, é citado explicitamente apenas na nota (e) da página 43 do *Compêndio*. Nos demais pontos, é difícil comprovar o contato entre os dois autores. Para demonstrar tal hipótese, vejamos o quadro comparativo da organização das duas obras:

15. Robert Lowth, *A Short Introduction to English Grammar: With Critical Notes*, London, J. Hughs, 1762.
16. António de Moraes Silva, *Epítome da Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 14.

QUADRO I – COMPARATIVO DA ORGANIZAÇÃO DAS OBRAS

Epítome da Gramática da Língua Portuguesa (1806)	Compêndio da Gramática da Língua Nacional (1835)
Introdução	Proemio
Livro I. Das Palavras Por Si Sós ou Partes da Sentença	Parte Primeira
Capitulo I. Dos Nomes, ou Substantivos	Da Etymologia
Capitulo II. Dos Adjectivos Articulares	Artigo
Capitulo III. Dos Adjectivos Attributivos	Nome
Capitulo IV. De Alguns Accidentes Communs aos Nomes, e Adjectivos	Pronome
§. I. Da Formação dos Pluráes dos Nomes, e Adjectivos	Do Genero dos Nomes
§. II. Dos Generos dos Nomes, e Variações dos Adjectivos Respondentes a Elles. Dos Nomes Proprios	Verbo
Dos Nomes Communs	Conjugação dos Verbos Auxiliares. Ter, Haver, Ser
Generos dos Nomes, que se Regulão Pelas Terminações	Conjugação dos Verbos Regulares. Ar (Amar), Er (Entender), Ir (Partir)
Das Variações dos Adjectivos Accommodadas aos Generos dos Substantivos	Modo Indicativo
Capitulo V. Do Verbo, e Seus Modos, Attributos, Tempos, e Pessoas	Modo Imperativo

Capitulo VI. Dos Adverbios	Modo Conjunctivo
Capitulo VII. Das Preposições	Modo Infinitivo
Capitulo VIII. Das Conjunções	Gerundio e Participio do Presente
Capitulo IX. Das Interjeições	Circunloquio
Livro II. Da Composição das Partes da Sentença entre si, ou Syntaxe	Dos verbos Irregulares
Capitulo I. Introdução	Participio
§. I. Da Syntaxe de Concordancia	Adverbio
§. II. Da Syntaxe da Regencia	Conjunção
Capitulo II. Da Syntaxe, ou Composição Figurada	Preposição
Capitulo III. Das Composições Viciosas	Interjeição
Capitulo IV. Dos Sináes Ortograficos, e da Pontuação	Parte 2ª – Da Syntaxe
Taboas Das Conjugações dos Verbos Auxiliares ¹⁷	Circunstancias
Modos Indicativos	Verbo Passivo

17. Essa parte da obra de Moraes não consta no Índice do *Epítome da Gramática da Língua Portuguesa*, mas existe a partir da página 122 até a página 163, última do livro.

Modos Subjunctivos	Syntaxe Figurada
Modos Infinitivos	Observações Necessarias aos Principiantes para Facilidade da Regencia
Exemplos	Parte 3 ^a – Da Prosodia
Das Quatro Conjugações Regulares em Ar, Er, Ir, Or	Figuras de Dicção
Dos Verbos Irregulares, que tem o Infinitivo em Ar	Parte 4 ^a –Da Orthographia
Dos Verbos Irregulares, que tem os Infinitivos em Er	Observação
Supinos e Participios Differentes, dos Verbos que Tem os Infinitivos em Er	Ponctuação
Dos Verbos Irregulares, que Tem os Infinitivos em Ir	
Dos Verbos Irregulares, que Tem o Infinito em Ir	
Supinos, e Participios dos Verbos em ir	
Dos Verbos Defectivos	

Há muito o que dizer a respeito desse quadro, além do que já foi antes comentado sobre diferenças teóricas havidas entre as duas obras e, igualmente, o nível de profundidade com que cada autor desenvolve seus textos. Os pontos salientes da abordagem de Coruja em relação à de Moraes são: (i) a não diferenciação do substantivo em relação ao adjetivo; (ii) a abordagem individualizada das catego-

rias artigo e pronome; (iii) o quadro da conjugação verbal; (iv) o tratamento da sintaxe.

Enquanto Coruja¹⁸ considera o adjetivo uma categoria do nome, juntamente com a do substantivo, Moraes já as apresenta separadamente¹⁹. Quanto aos artigos e pronomes, que Coruja considera como categorias autônomas, Moraes os inclui na categoria dos adjetivos, mais ou menos como o fez Barboza²⁰, embora com outra classificação.

A respeito do verbo, os conceitos apresentados pelos dois autores são bem diferentes, pois, enquanto Moraes formula uma definição próxima à da teoria racionalista, Coruja traz um conceito tradicional. Ouçamos as vozes de cada um deles:

Verbo é a voz com que na Oração significamos acção affirmando uma coisa de outra²¹.

18. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835.
19. Maria Leonor de Lemos Viana Carvalhão Buescu, "Introdução", em João de Barros, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971, p. 301, nota 1 informa que a diferenciação entre o substantivo e o adjetivo foi estabelecida no século XII, por gramáticos escolásticos, embora no século VI Prisciano já houvesse empregado o termo "substantivo". Como sabemos, porém, essa lição não foi imediatamente incorporada nem à gramática latina nem à das línguas vernáculas europeias. Nas gramáticas do português do começo do século XIX, além de Antônio de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806; Manuel Dias Souza, *Grammatica Portuguesa Ordenada Segundo a Doutrina dos Mais Celebres Grammaticos Conhecidos, Assim Nacionaes como Estrangeiros, para Facilitar á Mocidade Portuguesa o Estudo de Lêr e Escrevêr a sua Propria Língua, e a Inteligencia de Outras em Que Se Quizer Instruir*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1804 diferenciou as duas categorias. Para informações mais profundas sobre esse assunto, leiam-se Irène Rosier-Catach, "Quelques Aspects de la Diversité des Discussions Médiévales sur l'Adjectif"; Bernard Colombat, "L'Adjectif dans la Tradition Latine: Vers l'Autonomisation d'une Classe" e Auroux Sylvain, "La Catégorie de l'Adjectif et les Déterminants: l'Apport de Beauzée", *Histoire Épistémologie Langage*, tome 14, fascicule 1, 1992; L'Adjectif, Perspectives Historique et Typologique, Sous la Direction de Bernard Colombat, pp. 159-179.
20. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Língua*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822.
21. Na 4ª edição (1846, e também na de 1873), Coruja, embora mantenha o conceito dado na primeira edição, acrescenta a essa uma nota, com a seguinte teoria: "O unico e principal verbo (essencialmente fallando) é o verbo *Ser*, por excellencia chamado *Substantivo*, porque elle só

O Verbo é a palavra, com que declaramos o que a alma julga, ou quer á cerca dos Sujeitos, e dos attributos das sentenças; com elle affirmamos, e mandamos: v.g. *Eu sou amante* o pomo é doce: Filho *sé* temente a Deus, e *ama* o²².

Esse exemplo mostra com clareza que o *Compêndio* não se estruturou sobre base racionalista. A nota de rodapé posta na 4ª edição (que, como explicamos, pode ter sido reimpressão da 2ª), e também na edição de 1873, revela que Coruja passou a conhecer a teoria racionalista depois de 1835, quando já estava no Rio de Janeiro e, a partir de então, foi modificando o texto de seu *Compêndio*. Mesmo assim, o autor não conseguiu pôr em prática essa teoria. Vejamos o que acontece com os artigos e os pronomes, antes, na edição de 1835, em que aparecem como categorias autônomas.

Na primeira edição, Coruja assume a seguinte posição sobre os artigos e os pronomes:

Artigo é uma parte de Oração, que precedendo a um nome não só nos mostra seu genero e numero, como dá a entender que o nome se toma *extensiva*, e não *compreensivamente*²³.

O conceito é estruturado primeiro sobre o critério sintático distribucional (precedendo um nome) e depois semântico, pela função de delimitar a extensão do sentido do nome, mas não é claro, e o autor não o explica. O capítulo do artigo é mínimo: são três parágrafos escritos em nove linhas.

é quem exprime a existencia de uma qualidade ou attributo no sujeito da Oração: os outros verbos se chamão *Adjectivos*, porque não sendo senão uma redução e expressão abreviada da linguagem substantiva, por ella affirmão a acção (se são activos) ou o estado (se são neutros) do sujeito da Oração, na qual servem como de attributo ou predicado: v.g. quando digo: *Eu amo*, é o mesmo que dizer: *Eu sou amante*. Quando digo: *Eu vivo*, é o mesmo que dizer: *Eu sou vivente*, etc.: porém, estas explicações são mais proprias de Elementos, que de um Compendio,” (Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1846, pp. 13-14).

22. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 47.
23. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835, p. 4.

O artigo, para Moraes, faz parte da categoria dos *adjetivos articulares*, a qual engloba, também, os pronomes. O capítulo é bem extenso e explicativo, iniciado pelo conceito, como se lê a seguir:

1. Os adjectivos articulares ajuntão se aos nomes geraes, ou communs, para determinarem o numero, ou quantidade de individuos, de que falamos²⁴.

2. Entre estes tem o primeiro lugar o artigo simples o, a, o qual indica, que o nome se toma em toda a extensão dos individuos, a que a sua significação é applicavel, *v.g.* O homem é mortal o cavallo é quadrupede, serviçal a laranjeira é arvore de espinho “A mayor pouquidade, que eu no homem acho, é querer bem de siso a nenhũa mulher” (Eufrosin. 5. 5. f. 181. diz de todo homem em geral)²⁵.

Depois da apresentação da definição, o autor passa a formular regras de uso do artigo. Observa-se que, entre as regras descritas, há uma em que o autor descreve o pronome “o” como artigo que “traz à memória o termo antecedente”²⁶, como soía acontecer em gramáticas da época, por exemplo na de Antônio da Costa Duarte, de 1829²⁷. Também os pronomes pessoais (do caso reto) *ele* e (do caso oblíquo) *lhe* são considerados adjetivos articulares, sobre os quais o autor explica: “ele tem os casos *lhe*, e *lhes*, e impropriamente *lhe* chamam pronome da terceira pessoa, sendo um adjetivo articular derivado do latino *ille, illa, illud*, que no português se usa muito com elipse do substantivo, a que pertence”²⁸. Também outros pronomes entram na categoria e vão sendo designados por “articulares + seus termos tradicionais”, como *articulares demons-*

24. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 15.

25. *Idem*, p. 21.

26. Ver o excerto de António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 21 sobre o “o” artigo [pronome]: “12. Múitas vezes o artigo parece trazer á memoria o nome antecedente, *v.g.* viste o cavallo de João? Vi-o. Mas realmente aqui ha elipse, ou falta do nome cavallo, que facilmente se subentende: o artigo não muda de natureza, *nem é pronome* como eu, e tu”.

27. Marli Quadros Leite, Arnaud Pelfrène, *Compendio de Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, de Antonio da Costa Duarte, São Paulo, FFLCH/USP, 2018a, vol. 1.

28. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 27.

trativos, articulares possessivos, articulares relativos, articular conjuntivo (“onde”). Outros pronomes, porém, como os indefinidos, têm apenas a denominação *articulares*. Nesse caso, a explicação de Moraes para interpretar os pronomes de terceira pessoa é simplista, por desprezar-lhe a função sintática. Pode-se pensar que talvez o gramático luso-brasileiro tenha seguido, sem maior reflexão, a lição de Du Marsais²⁹, que esclarece o seguinte, para o francês *ille > il e illa > elle*:

É da última sílaba desta palavra *ille*, quando não é usada como pronome, e é apenas um simples adjetivo indicativo, que provém nosso artigo *le*; quanto ao nosso *la*, ele vem do feminino *illa* feminino. A primeira sílaba do masculino *ille* deu origem ao nosso pronome *il* que usamos com os verbos, *ille* afirmat, (Phaed. Lib. III. fab. iij. v. 4.) *ille* fecit, (Id. Lib. III. fab. 5. v. 8.) ele afirma, ele fez. *Ingenio vires ille* dat, *ille* rapit. (Ovídio. Her. Ep. xv. V. 206.) Quanto a *la*, vem de *illa*, *illa veretur*. (Virg. Ecl. I I I. v. 4.) ela teme³⁰.

É, contudo, o mesmo Du Marsais que reconhece o *le* (em português *o*) na função de pronome, como está destacado na citação.

Como na língua francesa não existe o pronome *lhe*³¹, Du Marsais não poderia mesmo ter cogitado sua formação. A lição do francês para a formação dos artigos valeria para os pronomes portugueses, pois, formalmente, temos *ille > ele e illa > ela*. Isso

29. César C. Du Marsais, “Détermination”, em Denis Diderot e Jean le R D’Alembert, *L’Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* 1751-1772, Édition Numérique Collaborative et Critique, ENCCRE, vol. IV, 1754, p. 901b.

30. C’est de la dernière syllabe de ce mot *ille*, quand il n’est pas employé comme pronom, & qu’il n’est qu’un simple adjectif indicatif, que vient notre article *le*; à l’égard de notre *la*, il vient du féminin *illa*. La première syllabe du masculin *ille*, a donné lieu à notre pronom *il* dont nous faisons usage avec les verbes, *ille* affirmat, (Phaed. Lib. III. fab. iij. v. 4.) il assure, *ille* fecit, (Id. Lib. III. fab. 5. v. 8.) il a fait, ou il fit. *Ingenio vires ille* dat, *ille* rapit. (Ovid. Her. Ep. xv. v. 206.) A l’égard de *elle*, il vient de *illa*, *illa* veretur. (Virg. Ecl. III. v. 4.) elle craint. (tradução nossa)

31. A forma correspondente a esse pronome na língua francesa é “leur”, que, segundo Littré, provém “du génitif latin pluriel *illorum*, d’eux, nominatif *ille* (voy. II). Leur, représentant *illorum*, était toujours invariable ; on n’a commencé à le faire varier que dans le xve et le xvie siècle, encore sans uniformité; dans leurs manuscrits autographes, Brantôme et Malherbe écrivent toujours leur amitiés, leur guerres.” (Texte dans le domaine public – HTML en CC-BY-SA 3.0 (François Gannaz) – Code en Affero GPL).

não corresponde, todavia, ao que ocorreu em português, porque, sempre segundo Williams³², os pronomes pessoais do caso reto são formas tônicas que se originaram do nominativo, *ille* e *illa*, como dito, mas os pronomes átonos (*o, a, os, as*) provieram do acusativo, e os tônicos (*lhe, lhes*) do dativo. Vejamos o quadro em que o autor resume essa lição:

QUADRO II – FORMAS NÃO ACENTUADAS INFLUENCIADAS
POR SONS ADJACENTES

Latim clássico	Latim vulgar	Português
<i>illum</i> (acus.)	* <i>lo</i>	<i>o -lo -no</i>
<i>illud</i> (acus.)	* <i>lo</i>	<i>o -lo -no</i>
<i>illam</i> (acus.)	* <i>la</i>	<i>a -la -na</i>
<i>illōs</i> (acus.)	* <i>los</i>	<i>os -los -nos</i>
<i>illās</i> (acus.)	* <i>las</i>	<i>as -las -nas</i>
<i>illī</i> (dat.)	* <i>li</i>	<i>li</i> (arcaico) e <i>lhe</i>
<i>illīs</i> (dat.)	* <i>lis</i>	<i>lis</i> (arcaico) e <i>lhes</i>

Fonte: Williams³³

Quanto à formação de *lhe* / *lhes*, para Williams³⁴, a explicação da etimologia é a que se pode ver no excerto transcrito a seguir:

5. O dativo singular e o plural de *ille* se tornaram *li* e *lis* em português primitivo. Ao mesmo tempo, uma diferente forma do singular se desenvolvia em combinação com as formas dissilábicas do acusativo, que continuou a coexistir com as monossilábicas: *illum-illum* > **li-ello* > **lbello* (§ 89, 8; § 82, 1), e com qualquer palavra seguinte antecipada por vogal (RF, XX, 587), e.g. **lialiqu'unum* > *lb'algum* (CA, n° 30). Então *lhe*, destacado dessas combinações, veio a ser usado como forma dativa regular, substituindo *li*. E *lhi*, variante de *lhe*, brotou da in-

32. Edwin B. Williams, *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*, trad. Antônio Houaiss, 3. ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975 [1938], p. 148, § 140, 1.

33. *Idem*, p. 154, § 143.

34. *Idem*, p. 156, § 5.

fluência de *li*, e de *mi* e de *ti*, que por essa época ainda eram usadas como formas conjuntivas do pronome. No meio tempo, *lis* continuava inalterado, e. g. *lhi* mas *lis* (AHP, I, 379, A.D. 1294). Cedo, entretanto, *lis* se tornou *lhis* por imitação de *lhi*, e *lhes* por imitação de *lhe*³⁵.

Vejam os artigos e pronomes são abordados por Coruja³⁶. Esse autor classifica separadamente artigos, adjetivos e pronomes, que são assim definidos:

Artigo é uma parte de Oração, que precedendo a um nome não só nos mostra seu genero e numero, como da a entender que o nome se toma *extensiva*, e não *comprehensivamente*³⁷ [...].

Pronome é uma voz, que traz á memoria a pessoa, ou cousa a que se refere, v.g. Eu, tu, elle, *aquelle* (c)³⁸.

Os Pronomes dividem-se em sete especies, que são Relativo, Interrogativo, Possessivo, Primitivo, Derivado, Demonstrativo, e Reflexivo³⁹.

Dos excertos, concluímos que na edição de 1835 a visão de Coruja estava bem distante das inovações que a teoria geral havia trazido para a interpretação gramatical.

O adjetivo integra a categoria dos nomes, sobre o que Coruja diz: “O nome ou é Substantivo, ou Adjetivo”, e completa: “Adjetivo é o que significa qualidade de alguma coisa, ou pessoa”. Nesse caso, o autor, desde a primeira edição do *Compêndio*, faz a nota (c) em que mostra conhecer o conceito de adjetivos articulares e, também, demonstra saber que os pronomes são, para alguns, categorizados como tais. Em seguida, destacamos as notas da 1ª edição (c) e da 4ª (I), respectivamente:

(c) Alguns Grammaticos chamão *adjectivos articulares* não só aos artigos *o, a*, e aos numeraes 1, 2, 3, 1.º, 2.º, 3.º, como tambem aos pronomes *elle, aquelle, meu*,

35. *Idem*, p. 158, § 5.

36. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835.

37. *Idem*, p. 4.

38. Nota do Autor.

39. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835, p. 7.

teu, seu, nosso, vosso, quem, que, qual, aos partitivos *todo, algum, nenhum, cada, qualquer, outro*, e ao advérbio *onde*.

(1) Alguns Grammaticos dividem os adjectivos em *Articulares* ou *Determinativos*, que determinão o numero e quantidade de individuos de que fallamos; e *Attributivos* ou *Qualificativos* que indicão a sua qualidade. – Entrão no numero dos articulares os seguintes: os artigos *O, A*; os numeræes cardeaes como ordinaes; os pronomes *Elle, Este, Esse, Est'outro, Ess'outro, Aquell'outro*; os Possessivos *Meu, Teu, Seu, Nosso, Vosso*; os relativos *Que, Qual, Quem, Cujo*; os distributivos *Outro, Cada, Quemquer, Qualquer*; os universaes *Nenhum, Todo*; os Partitivos *Muitos, Alguns, Os mais* e o advérbio *Onde*⁴⁰.

As duas notas revelam que Coruja estava alinhado com Moraes a respeito desse ponto, pois entra na edição de 1846 o verbo *determinar* empregado por Moraes na definição de adjetivo, apesar de a classificação dessa parte do discurso ser bem outra. A referência a “alguns gramáticos”, na nota (1), inclusive, remete a Moraes, pois a definição de adjetivo é idêntica à desse autor, transcrita aqui anteriormente.

Na edição de 1873, o autor brasileiro mudou o conceito e a classificação de adjetivo, além de separar as categorias do nome em “nome ou substantivo” e “adjetivo”, separando-os, e, assim denominado, o adjetivo passa a ter outro conceito. Nas edições anteriores (1835 e 1846) o adjetivo era definido apenas como qualificativo, “o que significa a qualidade de alguma coisa, ou pessoa”, mas na edição de 1873, porém, isso muda. O conceito passa a ser mais próximo do que se fez em obras racionalistas, como a de Barboza⁴¹, pela inclusão do termo e conceito de determinação, no campo da semântica nominal⁴²:

40. Antônio Álvares Pereira Coruja. *Compêndio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1846, p. 9.

41. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Typographia da Academia de Sciencias, 1822.

42. No campo da sintaxe, Jean-Marie Fournier, “Un Meta-terme dans Réseau Terminologique de la Complémentation: Déterminer ses Dérives aux XVII et XVIII Siècles”, *CAIRN.INFO*, n. 68, p. 9, 2014, confirma que o termo foi trabalhado, no contexto da gramática iluminista, por Du Marsais. Diz Fournier: “Le tournant (sémantique) est opéré par Dumarsais avec l'introduction du couple identité/détermination en lieu et place de l'opposition léguée par la tradition entre

Adjectivo é o que qualifica ou determina a cousa ou pessoa indicada pelo substantivo; e por isso se divide em Qualificativo e Determinativo.

O Adjectivo *Qualificativo* indica a qualidade do substantivo [...].

O adjectivo qualificativo divide-se nas seguintes espécies que são: Positivo, Comparativo, Superlativo, Possessivo, Patrio, Gentílico. [...]

O adjectivo *Determinativo* determina a quantidade do substantivo, a que se acha ligado na oração, declarando se a sua significação se estende a todos, a alguns, ou a quaes.

A esta classe pertencem os seguintes:

Os *Universaes*: como Nenhum, Todo.

Os *Partitivos*: como Algum, Muitos, Os mais.

Os *Distributivos*: como Outro, cada, Quemquer, Qualquer.

Os *Relativos* ou *Conjunctivos*: como Quanto, Cujó.

E os *Numeraes*, os quaes quando indicação numero absolutamente, se chamão *Cardaes*, como Tres, Cinco, Dez: e quando indicação numero por ordem, se chamão *Ordinaes*, como Terceiro, Quinto, Decimo.

Tambem pertencem á classe dos adjectivos determinativos os articulares *O*, e *Um*⁴³.

O termo e a noção que lhe é correspondente, “determinativo”, utilizados nesse contexto, não encontram similar no *Epítome* de Moraes, portanto não se pode reivindicar, nesse caso, que esse autor tenha sido a fonte direta de que se serviu Coruja para atualizar seu texto. Poder-se-ia pensar que esse uso tenha sido decorrente da teoria de Du Marsais⁴⁴, pois o autor empregou o termo em dado sentido em gramática. A hipótese, contudo, não se sustenta, porque o termo para Du Marsais foi empregado no campo da sintaxe, no par *identité/détermination*, em vez de *convenance/régime*⁴⁵. A classi-

convenance et régime. Pour Du Marsais ‘toute syntaxe est fondée sur le rapport de détermination’ (Du Marsais, 1729, préface).’

43. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Esperança, 1873, pp. 7-9.

44. César C. Du Marsais, “Détermination”, em Denis Diderot e Jean le R D’Alembert, *L’Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers 1751-1772*, Édition Numérique Collaborative et Critique, ENCCE, vol. IV, 1754, p. 901b.

45. Jean-Marie Fournier, “Un Meta-terme dans Réseau Terminologique de la Complémentation: Déterminer ses Dérives aux XVI et XVII- Siècles”, *CAIRN.INFO*, n. 68, 2014, p. 9.

ficação de adjetivos para Du Marsais se resume a adjetivos “físicos” e “metafísicos”⁴⁶.

A nossa hipótese, então, é que Coruja, contudo, se tenha servido da *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, de Jeronymo Soares Barboza, citado textualmente na edição de 1873 do *Compêndio*. Esse gramático português, como mostra Lisboa⁴⁷ interpreta a teoria de Beauzée⁴⁸ e, com base nesse fundamento, descreve o português.

A lição de Coruja é um resumo interpretativo do Artigo I, Dos Adjetivos Determinativos, de Barboza⁴⁹, cuja fonte é Beauzée⁵⁰. Veja o Quadro III, com esquema do capítulo Dos Adjetivos Determinativos, de Barboza⁵¹.

Esse esquema, sem dúvida, mostra que a fonte de Coruja⁵² é Barboza. Observa-se, porém, que o brasileiro não somente resumiu a lição de Barboza como também a adaptou a seus objetivos pedagógicos. O conceito de adjetivos para Barboza é claro: os adjetivos, em geral, ou são determinativos ou explicativos e restritivos. Os determinativos são de duas espécies: de qualidade e de quantidade.

46. Ver César C. Du Marsais, “Adjectif”. em Denis Diderot e Jean le R D'Alembert, *L'Encyclopédie ou Dictionnaire Raisoné des Sciences, des Arts et des Métiers 1751-1772*, Édition Numérique Collaborative et Critique, ENCCRE, vol. IV, 1754, p. 901b.

47. Jordana Tavares Silveira Lisboa, *Um Estudo da Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa: Uma História do Panorama do Horizonte de Retrospecção de JSB*, FFLCH-USP, 2020. Tese de Doutorado.

48. Para exemplificar o emprego do termo “determinado”, por Nicholas Beauzée, “Pronom”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisoné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, 1765 [1751-1772], p. 450b. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l'Encyclopédie – ENCCRE).

49. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822, pp. 141-143.

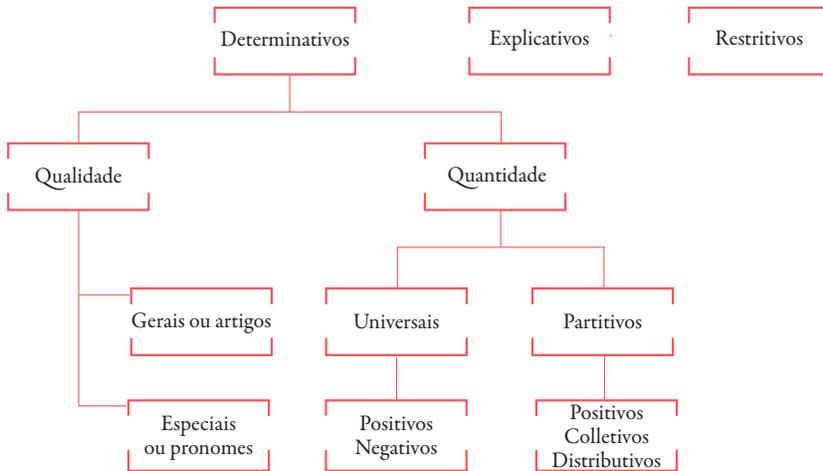
50. N. Beauzée, “Pronom”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisoné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, 1765 [1751-1772], pp. 449b-456a. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l'Encyclopédie – ENCCRE).

51. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

52. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compêndio da Grammatica da Lingua Nacional, Dedicado a Mocidade Rio-grandense*, Rio de Janeiro, Esperança, 1873.

Já para Coruja⁵³ (1873) os adjetivos, em geral, ou são qualificativos ou determinativos. Esses últimos são, como se viu na citação anterior, *universais, partitivos, distributivos, relativos ou conjuntivos, numerais e articulares*, os quais coincidem em parte com os da classificação de Barboza. A diferença maior está, todavia, na classificação dos pronomes, que Barboza inclui (como Beauzée⁵⁴) na categoria dos adjetivos e Coruja considera como categoria à parte. Esse ponto sinaliza como o gramático brasileiro abreviou a doutrina do gramático português.

QUADRO III – ADJETIVOS⁵⁵



Esquema da autora – Fonte Barboza⁵⁶

53. *Idem, ibidem.*

54. N. Beauzée, “Pronom”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, 1765 [1751-1772], pp. 451a-b. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l’Encyclopédie – ENCCRE).

55. *Idem, ibidem.*

56. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

A conjugação verbal, por sua vez, é ponto sobre o qual não se pode dizer que Coruja tenha tido Moraes⁵⁷ ou Barboza⁵⁸ como fonte, pois seu paradigma de conjugação é bem diferente do de ambos. As diferenças são relativas a vários aspectos:

- (a) a terminologia empregada para designar alguns tempos;
- (b) a indicação de modos;
- (c) a conjugação dos verbos.

Vejamos, primeiramente, uma sinopse do quadro de conjugação de Coruja⁵⁹ (Quadro IV), para depois compará-lo com aspectos dos sistemas de conjugação dos autores com os quais viemos cotejando o seu texto.

O exame desse quadro revela, imediatamente, que o autor:

- (i) reuniu em um só quadro tempos simples e compostos;
- (ii) repetiu todos os tempos do indicativo no conjuntivo;
- (iii) repetiu conjugações no conjuntivo (formas grifadas);
- (iv) usou a noção de supino diferenciando-a da de particípio passado;
- (v) uniu gerúndio e particípio do presente;
- (vi) considerou o supino diferenciando-o do particípio passado;
- (vii) incluiu o termo “circunlóquio”.

Quanto a (ii), repetição das formas, a explicação pode ser a que vemos dada por Williams⁶⁰, em estudo sobre as terminações temporais dos verbos, segundo a qual, no latim vulgar, o mais-que-perfeito do

57. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806.

58. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Língua*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

59. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compêndio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835.

60. Edwin B. Williams, *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*, trad. Antônio Houaiss, 3. ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975 [1938], p. 184, § 158, 2.

subjuntivo tomou “a função do imperfeito do subjuntivo e ambos os tempos foram usados como imperfeito do subjuntivo em construções paralelas [presente] em documentos medievais latinos do território português e depois em documentos portugueses”. A repetição, entretanto, é eliminada nas edições seguintes do *Compêndio* (1846 e 1873), em que Coruja corrige a conjugação do pretérito imperfeito do conjuntivo para “amasse”, apenas, mas não o faz para o pretérito mais-que-perfeito (simples e composto), em que as três formas permanecem.

Outra diferença diz respeito ao supino. Barboza afirma, logo no início do capítulo sobre verbo, não seguir a gramática latina, e, portanto, o supino não é por ele considerado. Transcrevemos o trecho em que o autor faz tal afirmação, pois ele é importante, também, para mostrar, por contraste, que a fonte de Coruja é, antes de tudo, a gramática latina. Leia-se:

Todos nossos Grammaticos, seguindo em suas Artes a trilha das Gramáticas Latinas, costumão dar ás Línguagens Portuguezas tres tempos geradores, ou formativos, donde os mais nascem, a saber o *Presente Infinito*, o *Preterito Perfeito* do indicativo, e o chamado *Supino*, a que damos o nome de participio perfeito activo⁶¹.

Esse paradigma, tal como se apresenta, não encontra paralelo nas obras dos dois autores, Moraes e Barboza, que estão claramente presentes no horizonte de retrospectiva de Coruja. Primeiramente, lembramos que Barboza, autor caudatário de Arnauld e Lancelot⁶² e, ainda mais de perto, de Beauzée⁶³, admite apenas três modos verbais (infinitivo, indicativo [que inclui o imperativo]) e o subjuntivo ou conjuntivo.

61. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Língua*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822, p. 263.

62. Antoine Arnauld e Claude Lancelot, *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal*. Précédée d'un Essay sur l'origine et le progrès de la langue François, par M. Petitot. Et suivie d'un Commentaire de M. Duclos. 2. ed. Paris, Bossange et Masson, 1810 [1660].

63. N. Beauzée, “Verbe”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* (Édition Numérique Collaborative et Critique de l'Encyclopédie – ENCCRE), vol. XVII, 1765 [1751-1772], pp. 48a-52b.

QUADRO IV – CONJUGAÇÃO VERBAL (CORUJA⁶⁴)

Modos	Tempos	Exemplo
Indicativo	Presente	amo
	Pretérito imperfeito	amava
	Pretérito perfeito	amei
	Pretérito perfeito composto	tenho amado
	Pretérito mais-que-perfeito	amara
	Pretérito mais-que-perfeito composto	tinha amado
	Futuro imperfeito	amarei
	Futuro imperfeito composto	hei de amar
	Futuro perfeito composto	terei amado
	Condicional	amaria ⁶⁵
	Condicional composto	terei amado
Imperativo	Futuro	ama tu
	Presente impessoal	amar
Infinitivo	Presente pessoal	amar eu
	Pretérito impessoal	ter amado
	Pretérito pessoal	ter eu amado
	Futuro impessoal	haver de amar
	Futuro pessoal	haver eu de amar
Gerúndio e participípio do	Presente	amando
Supino		amado
Participípio	Pretérito	amado, a
Circunlóquio ⁶⁶		tendo amado

64. *Idem*. Resumo feito pela autora.

65. O condicional e o condicional composto foram acrescentados na 4ª edição.

66. Nas edições de 1846 e 1873 o autor modificou esse modo, passando para o plural “circunlóquios” e acrescentando dois tempos: pretérito (tendo ou havendo amado) e futuro (havendo de amar).

O infinitivo, como afirma o autor, não tem tempos, mas “linguagens”, termo que utiliza para resolver a questão terminológica existente para designar o que hoje se denomina, de modo geral, “perífrases verbais” e “locuções verbais”; os tempos presente e pretérito do indicativo são descritos por meio das noções adicionais, absoluto, relativo (como o faz Beauzée), condicional, imperativo (no caso do presente), como fica claro no quadro apresentado em seguida (Quadro v).

A categoria do verbo mostra, então, que Coruja mais se aproxima da teoria tradicional e menos da racionalista. No conceito dado por Coruja⁶⁷, contudo, há uma palavra que remete à definição de verbo dos padres de Port Royal: *afirmar*. Ele diz que “verbo é a voz com que na oração significamos ação *afirmando* uma coisa de outra”⁶⁸.

Na *Grammaire Générale et Raisonnée* (GGR), Arnauld e Lancelot⁶⁹ declaram que o verbo é “uma palavra cujo principal uso é o de significar *afirmação*”, mas os três autores não se referem ao mesmo conteúdo. Para os gramáticos franceses, o único verbo é o ser, verbo substantivo, que liga o sujeito ao atributo; já os demais verbos, denominados adjetivos, veiculam sentidos que são “estendidos” ou “transpostos” por uma proposição formulada por meio do verbo substantivo no indicativo + particípio do presente.

67. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835, Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1846; e *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Esperança, 1873.

68. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835, p. 10.

69. Antoine Arnauld e Claude Lancelot, *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal*. Précédée d'un Essay sur l'origine et le progrès de la langue Française, par M. Petitot. Et suivie d'un Commentaire de M. Duclos. 2. ed. Paris, Bossange et Masson, 1810 [1660].

QUADRO V – SISTEMA VERBAL DE BARBOZA⁷⁰

Modo	Tempo			
Infinitivo	Não tem tempo			
	1. Pessoal (amar, amares, amar..)			
	2. Impessoal (amar)			
	3. Particípio imperfeito (amando)			
Indicativo	4. Particípio perfeito (amado)			
	I. Presente	1. Imperfeito	a. Absoluto (amo)	
			b. Imperativo (ama tu)	
			2. Perfeito (tenho amado)	
	II. Pretérito	1. Imperfeito	a. Absoluto (amava)	
			b. Condicional (amaria)	
			2. Perfeito	
				a. Absoluto (amei)
				b. Relativo (amara ou tinha/ tivera amado)
				c. Condicional (teria ou /tivera amado ou fora)
	III. Futuro	1. Imperfeito (amarei)		
		2. Perfeito (terei amado)		
Subjuntivo ou Conjuntivo	I. Presente	1. Imperfeito (ame)		
		2. Perfeito (terei amado)		
	II. Pretérito	1. Imperfeito (amasse)		
		2. Perfeito (tivesse amado)		
	III. Futuro	1. Imperfeito (amar, amares, amar...)		
		2. Perfeito (tiver amado)		

Fonte: Lisboa⁷¹, adaptado.

70. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

71. Jordana Tavares Silveira Lisboa, *Um Estudo da Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa: Uma História do Panorama do Horizonte de Retrospecção de JSB*, FFLCH-USP, 2020.

No entanto, Barboza⁷² não leva em conta, na lista dos tempos verbais, os compostos. Como Coruja o faz em seu Compêndio. O autor português reconhece a formação composta dos verbos, porém não do modo como esses tempos são tradicionalmente concebidos e classificados. Se, em certo passo, ao falar dos “modos de enunciar a existencia”⁷³ pelo emprego dos verbos, afirma que no paradigma verbal não há terminações que possam, além da noção de tempo, dar conta do “modo e estado dela”. Trata dos tempos formados por meio dos auxiliares (*ter* e *haver*), que, em composição com o verbo *ser* – esse, em sua teoria, não é auxiliar, porque é substantivo –, compõem formas verbais integrantes do quadro dos tempos, sem a divisão terminológica em tempos *simples* e *compostos*. Então, tratando do verbo *ser*, ele se refere a formas simples e compostas, apesar de essa divisão não fazer parte do paradigma de conjugação. Observemos esta primeira passagem:

Estas diferentes maneiras de existir não tem na conjugação do verbo Ser fórmãs algumas ou terminações especiaes, com que se indiquem, e comtudo erão necessarias para exprimir todas as vistas do espirito, e prover a todas as precizões da enunciação. Por ex. Sou no seu tempo presente simples não explica a mesma idea de existencia, que explicão os presentes compostos do mesmo verbo com seus auxiliares, *Hei de ser, Estou sendo, Tenho sido*⁷⁴.

As formas compostas do verbo integram o quadro verbal para enunciar um sentido que vai além do tempo, ou seja, que representa

72. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Principios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822, p. 216.

73. Barboza trata parcialmente desse conceito, antes formulado por Beauzée N., “Pronom”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, 1765 [1751-1772], pp. 449-470. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l'Encyclopédie – ENCCRE). Para outras informações cf. Marli Quadros Leite, “Rationalist Theory in the *Postillas de Grammatica Geral* of Francisco Sotero dos Reis”, *Global Journal of Human-Social Science*, vol. 19, n. 10, pp. 1-21, 2019, Massachusetts.

74. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Principios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822, p. 194.

uma duração no tempo, o “aspecto”, como se diz modernamente. Assim, os tempos compostos estão integrados ao presente perfeito, aos pretéritos perfeito relativo e condicional, além de ao futuro anterior (esses do indicativo), todos os que enunciam uma “existência”⁷⁵ não pontual. Essa diferença conceitual, semântico-pragmática, justifica a tomada de posição do autor quanto à consideração dos tempos compostos e, também, leva-o a criticar os gramáticos em geral. Assim ele se pronuncia:

Errão pois os Grammaticos, quando so com a differença de simples e composto dão o mesmo nome de preterito perfeito a estas duas linguagens: Eu amei, ou tenho amado⁷⁶.

Como se lê no quadro da conjugação de Coruja, a motivação do autor para juntar no mesmo nível os tempos simples e os compostos não é a mesma que levou Barboza a não os diferenciar, pois, ao contrário do gramático português, o brasileiro os considera “tempos”. A terminologia dos dois autores também não é a mesma; por exemplo, as formas “amara e tinha amado” são classificadas teoricamente de modo diferente, já que para Barboza ambas são “preterito perfeito relativo”, mas, segundo Coruja, são outros tempos, uma, a forma simples do pretérito mais-que-perfeito, a outra, a composta. Dito isso, fica evidente que não há coincidência na postura de Coruja com a de Barboza acerca da conceituação dos tempos formados por mais de um verbo (ter + verbo principal).

75. Conforme a teoria geral, não se fala em “ação” ou “estado”, mas em existência (Jordana Tavares Silveira Lisboa, *Um Estudo da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza: Uma História do Panorama do Horizonte de Retrospecção de JSB*, FFLCH-USP, 2020. Tese de Doutorado; e Marli Quadros Leite, “Rationalist Theory in the *Postillas de Grammatica Geral* of Francisco Sotero dos Reis”, *Global Journal of Human-Social Science*, vol. 19, n. 610, pp. 1-21, 2019, Massachusetts.).
76. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822, p. 216.

Passemos, então, a confrontar o paradigma de Coruja com o de Moraes⁷⁷. Esse gramático reconhece quatro modos: indicativo, subjuntivo, imperativo e infinitivo, no qual inclui supino, gerúndio e particípio. Há, entretanto, uma ressalva teórica a respeito disso, pois considera como “modos verdadeiros” apenas o indicativo, que é o de afirmar, e o imperativo, o de mandar, o que o faz estar, em parte, de acordo o conceito da GGR, para a qual o verbo é o elemento por meio de que se afirma algo do sujeito, ligando-o a seu atributo.

Ao tratar os modos, Moraes tece uma nota que pode explicar por que Coruja inclui no conjuntivo formas do pretérito-mais-que-perfeito e do futuro do pretérito do indicativo. Diz ele:

Os Gregos tem um Optativo proprio, que os Latinos não tem. Veja se a Grammaire Générale & Raisonnée, Part. 2. Ch. 16. n. 1. pag. 177. édit. De Paris, 1780. *Os nossos Grammaticos referem ao modo Subjunctivo variações dos verbos, que são do modo indicativo : v.g. se eu amára, quizera, &c. [...]*⁷⁸.

Então, Coruja pode ter, simplesmente, seguido uma tradição, o que é possível, já que não se veem em seu trabalho outras posturas que mostrem ter ele feito reflexões teóricas para sustentar suas opções.

Passemos a examinar, em seguida, o quadro do estudo do paradigma verbal de Moraes (Quadro VI).

Moraes usa, apesar de parcialmente, a teoria geral para descrever e interpretar a gramática do português. No tocante ao verbo, sua definição é afinada com aquela da GGR: “O verbo é a palavra, com que declaramos o que a alma julga, ou quer acerca dos sujeitos, e dos atributos das sentenças; com ele afirmamos, e mandamos”⁷⁹. A sintonia com a definição dos padres de Port-Royal diz respeito tanto à questão da língua / pensamento (alma), como à questão do princípio do raciocínio, isto é, o julgamento sobre o que se afirma

77. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806.

78. *Idem*, p. 47 (grifo nosso).

79. *Idem, ibidem*.

a respeito dos sujeitos e seus atributos, por meio da sentença (proposição). O gramático “luso-brasileiro”, entretanto, vai, nesse caso, além do que disseram os autores da GGR, quando inclui no conceito mais uma possibilidade, como se diz em linguagem de hoje, semântico-pragmática de uso do verbo: a de mandar. Moraes, todavia, continuou considerando o imperativo como um *modo*, diferentemente de Barboza, que o considerou como um *tempo* do modo indicativo.

Moraes⁸⁰ opera com as noções de “absoluto” e “relativo” para descrever os tempos verbais, como o faz Barboza⁸¹. No quadro antes apresentado, vimos que Moraes não se refere à “conjugação”, mas a *variações* de tempos do verbo e separa os tempos do indicativo em absolutos e relativos. Os relativos vêm com a interpretação semântica de cada tempo, em vez do nome do tempo. Além disso, em suas “taboas” de conjugação, ele não expõe os tempos compostos, exatamente por não os considerar, como Barboza, “tempos verbais”, embora sua interpretação para tal fato não seja a mesma daquele gramático. Moraes diz que os compostos não são tempos porque representam “frases elípticas, por ex.: *Hei de ser, é hei tensão, desígnio, esperança, intento, resolução de ser*”⁸². A saída que o autor encontrou para tratar dessas formas verbais foi, então, apresentá-las distintamente do quadro da conjugação, em texto que esclarece:

As variações compostas do Modo Indicativo formão se com os verbos auxiliares, e os gerúndios, para indicar o attributo verbal actual, imperfeito: v.g. Estou Lendo, Estive Lendo, Estarei Lendo, Estava Lendo, Estivera Lendo, Estaria Lendo. As que representam o attributo, ou acção do verbo como perfeita, e acabada, compõem se dos auxiliares Ter, Haver, com os Supinos: v.g. Tenho Lido, Tive Lido, Tivera Lido, ou Hei Lido, Houvéra Lido, Haverei Lido, &c. As mesmas variações perfeitas do verbo auxiliar Ter se formão com as simples suas, ou do

80. *Idem, ibidem.*

81. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

82. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 125, nota 6.

verbo Hei: v.g. Eu hei tido, ou tenho tido; eu houvera tido; eu houve comido; eu houvera tido, lido, comido; &c. Haverêi Sido, Tereí Sido, Estado, Tido, Lido, &c. Hei de ser, Havia, Tinha de ser, &c. são de Futuro⁸³.

**QUADRO VI — RESUMO DO SISTEMA VERBAL
DE MORAES⁸⁴ (1806)**

Modos (variações)	Tempos (variações)	Exemplos
	Simples Absolutas	
	do presente	Amo
	do passado	Amêi
	do futuro	Amarei
	Simples relativas	
Indicativo	do presente a respeito de uma época passada	Amava
	do passado em época passada	Amára
	do futuro a respeito do presente e do passado, designando incerteza ou aproximação	Amaria
Imperativo	—	Áma tu
	do futuro a respeito do presente, e ainda do passado	Ame
Subjunctivo	do futuro a respeito do passado	Amásse
	de futuros do subjunctivo	Amar, amares, amar
	—	Amar
Infinitivos puros	pessoaes	como os futuros subjunctivos
Supinos e participios do passado	impessoaes e sem relação a época alguma	Amádo
Gerundios e participios do presente	—	Amándo

83. *Idem*, pp. 124-125.

84. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806.

Como se vê, o autor inclui como forma composta a locução do verbo auxiliar (*estar*) com gerúndio e lança mão do conceito de supino para explicar a constituição dos tempos compostos formados pelos auxiliares *ter* e *haver*, nesse caso porque as formas de supino (em *-ado* e *-ido*) permanecem invariáveis, como os supinos latinos. Outro ponto digno de nota é relativo à forma verbal em *-ria*, tratada diferentemente pelos três autores aqui examinados: Coruja a considera um tempo do modo conjuntivo pretérito imperfeito, Barboza a situa no indicativo pretérito condicional e Moraes a propõe como forma do indicativo futuro. Tudo isso mostra a flutuação da descrição do paradigma verbal português na época (século XIX).

É pertinente, agora, perguntarmo-nos o que os três autores têm de semelhante e de diferente, entre si, no que concerne à descrição do sistema verbal. Coruja⁸⁵ (1835) não explica suas opções, mas, como antes mostramos, é possível ver, pelas atualizações feitas à 2ª edição do *Compêndio*, entrevista aqui pela 4ª (1846), que o autor tentou percorrer a trilha da gramática geral, embora indiretamente e sem êxito, já que não conseguiu seguir nem aplicar os princípios dessa teoria. As semelhanças entre os autores são relativas ao que vem diretamente da teoria greco-latina a respeito do verbo; já o que vem da teoria geral os diferencia, como passaremos a comentar.

Se a teoria de base para a análise de Barboza e para a de Moraes é a da GGR (1660), além daquela de Beauzée⁸⁶, a interpretação dos dois autores tem um fundo apenas semelhante. Em primeiro lugar, porque todo o sistema verbal de Beauzée é construído sobre dois critérios: (i) o semântico-pragmático, cujo ponto de apoio é o *ato de fala*, a partir do qual se descrevem três situações referentes à sua relação com “a existência” referida pelo verbo: *simultaneidade*, *anterioridade* e *posterioridade*, a partir do que analisa o *tempo* (pre-

85. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835.

86. N. Beauzée, “Pronom”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, 1765 [1751-1772]. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l’Encyclopédie – ENCCRE).

sente, passado e futuro) e o *aspecto verbal* (positivo, comparativo, próximo, absoluto, relativo, definido, indefinido); (ii) o sintático-semântico, com base no qual define os *modos verbais* (indicativo, imperativo, supositivo, subjuntivo, infinitivo e particípio).

Essa descrição completa permitiu ao gramático francês incluir no sistema verbal todas as possibilidades de conjugação dos verbos, integrando as simples e as compostas, além de, se não todas, muitas das combinações de formas verbais com verbos modais + infinitivo, verbo + gerúndio e o que se poderia denominar perífrases e locuções verbais, de acordo com a terminologia portuguesa do século xx.

A teoria de Barboza⁸⁷, como demonstra Lisboa⁸⁸, é inspirada na de Beauzée, pela qual o gramático encontra soluções descritivas para o sistema verbal português, consideradas avançadas e inovadoras para a época⁸⁹. O sistema do gramático francês foi adotado na gramática portuguesa por Barboza⁹⁰ e, a partir de seu trabalho, aproveitada por muitos gramáticos do século xx. É de lamentar que os fundamentos dessa descrição não tenham sido incorporados de-

87. Sobre as ideias linguísticas portuguesas do século XIX, consulte-se Maria Helena Santos “A Gramática Racionalista em Portugal”, em Sónia Duarte; Rogelio Ponce de León, *A Gramática Racionalista na Península Ibérica (Séculos XVI - XIX)*, Porto, FLUP, 2015, p. 304.
88. Jordana Tavares Silveira Lisboa, *Um Estudo da Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa: Uma História do Panorama do Horizonte de Retrospeção de JSB*, FFLCH-USP, 2020. Tese de Doutorado.
89. A teoria e a metodologia descritivas de N. Beauzée, “Verbe”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, 1765 [1751-1772], pp. 48a-52b. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l’Encyclopédie – ENC-CRE), formuladas para interpretar o sistema verbal francês e fundadas no ato de fala, têm as mesmas bases daquelas que Émile Benveniste (*Problemas de Linguística Geral 1*, 4. ed., Campinas, Pontes, 1995) seguiu, assim como gramáticos e linguistas brasileiros, entre os quais José C. Azeredo (*Fundamentos de Gramática do Português*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000) e José L. Fiorin (*As Astúcias da Enunciação*, São Paulo, Ática, 1996). Marli Quadros Leite e Maria Inês Batista Campos, “Um Convite à História das Ciências da Linguagem”, *Linha D’Água*, vol. 32, n. 1, pp. 1-22, 2019b, comentam essa estratégia em texto voltado à pesquisa, ao tratarem do trabalho investigativo no campo da História das Ideias Linguísticas.
90. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Língua*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

finitivamente à descrição gramatical portuguesa, o que poderia facilitar a compreensão da semântica e da sintaxe verbais.

Como já notamos, Barboza recorreu a um termo genérico, *linguagem*, para descrever locuções e perífrases que não cabiam no paradigma tradicional. Não obstante isso, usou com maestria o critério sintático introduzido por Beauzée e, fundamentado nele, decidiu localizar o imperativo dentro do indicativo, como um de seus tempos, já que a oração agasalhadora do verbo nesse “tempo” é sintaticamente independente, como a que é enunciada com verbo no indicativo. Nada disso, porém, vemos no texto de Coruja.

Moraes⁹¹, por sua vez, descreve o verbo com base na teoria racional, embora parcialmente. O autor beneficia-se de certos princípios da GGR, como antes mostramos para outros assuntos, mas faz, assim como Barboza o fez, a descrição do português com base em sua própria interpretação. Como estratégia, ele parte do critério semântico, conceito de verbo (palavra que afirma e manda), mas também recorre ao critério sintático para tratar dos modos, como se pode examinar no excerto seguinte:

5. Temos mais variações verbáes ditas do Modo Conjunctivo, ou Subjunctivo, as quaes não declarão affirmação, nem mando; mas ajuntão um attributo verbal referido á primeira, segunda, ou terceira pessoa, e tudo subordinado a outra sentença principal, em que entra verbo no Indicativo, ou no Imperativo: v.g. Não espero, que venhas cá: Ama, para que te amem (b)⁹².

Aliado a esse critério, o autor recorre a um programa de substituição de estruturas verbais por nominais, para comprovar a correspondência de sentido que têm entre si, como por exemplo:

Estas variações verbáes subjunctivas tanto não affirmão, nem mandão, que se podem supprir com um nome abstracto, que signifique o attributo verbal, e um articular possessivo, ou com infinitos pessoáes: v.g. „Filho mais queria *que*

91. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806.

92. *Idem*, p. 48.

morresses, que offenderes a teu Creador com peccado mortal (Flos Sanct. Vid. de S. Luis, f. CVIII. edição de 1567) [...] ⁹³.

A parte em itálico do exemplo seria correspondente sintática e semanticamente a “a tua morte” e a “ofensa tua a Deus”. Essa estratégia de análise serve para comprovar que, no fundo, uma estrutura formulada no “Conjuntivo, ou Subjuntivo” poderia ser revertida, sem prejuízo de sentido, a uma estrutura nominal abstrata. É relevante registrar que sobre os modos dos verbos, Moraes não se atém à lição da GGR nem à teoria de Beauzée⁹⁴, pois cita explicitamente a *Short Introduction Into the English Grammar*, de Robert Lowth (1762)⁹⁵. O autor inglês trata, nas passagens indicadas, das possibilidades de emprego dos modos em inglês. Assim, o estudo do verbo, conforme realizado por esse autor, difere bastante do que fizeram Barboza e Moraes, aquele com base em Beauzée, e este esteado em Lowth. A descrição de Coruja, pois, não é, também, um resumo da de Moraes.

As interjeições, categoria importante para os gramáticos filosóficos, racionalistas, por seu papel não somente na língua, mas também na linguagem, em que desempenha função discursiva essencial, são assim interpretadas apenas por Barboza, que, evidentemente, nisso também segue a teoria de Beauzée⁹⁶. O francês, além de dizer que a interjeição é a expressão das situações da alma, considera-a uma das partes do discurso. Reconhecendo, porém, a diferença exis-

93. *Idem, ibidem.*

94. Nicholas Beauzée, “Pronom”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, 1765 [1751-1772]. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l’Encyclopédie – ENCCRE).

95. Diz António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 48, nota b: “Sobre os modos dos verbos veja a *Short Introduction Into the English Grammar* (London 1784, pag. 66), nota (7) e pag. 52 nota (4)”. Consultamos a edição de 1762 dessa obra e a referência de páginas e notas é a mesma da edição citada pelo autor.

96. Nicholas Beauzée, “Interjection”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. VIII, 1765 [1751-1772], pp. 827a-829a. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l’Encyclopédie – ENCCRE).

tente entre essa categoria e as demais, esse gramático cria duas categorias de “palavras” que compõem as partes do discurso: as afetivas, que são as empregadas como interjeições, para expressar os sentimentos, e as discursivas, todas as demais, aquelas que expressam as ideias. O trecho em que Beauzée resume essa questão é o seguinte:

Portanto, há de fato partes de oração de dois tipos; os primeiros são os signos naturais dos sentimentos, os outros são os signos arbitrários das ideias. Os primeiros constituem a linguagem do coração, são afetivos, os segundos pertencem à linguagem da mente, são discursivos. Coloquei em primeiro lugar as expressões de sentimento, porque são de primeira necessidade, sendo as necessidades do coração anteriores e superiores às da mente. Além disso, são obra da natureza, já os sinais das ideias são a instituição da arte, que é um segundo título de preeminência, baseado no da própria natureza no que diz respeito à arte⁹⁷.

Tal ponto, todavia, de importância crucial para as gramáticas racionalistas, pela interpretação que seus autores fazem da língua em relação com a linguagem, pois daí vem a ideia do que é “geral”, é incorporado apenas por Barboza. Moraes e Coruja tratam da interjeição, como se fez tradicionalmente na gramática latina, como uma das partes da oração.

Para finalizar esta análise, passamos a investigar como os três autores trataram a sintaxe, parte fundamental da gramática racionalista. Lembremos, também, que a sintaxe é uma parte relevante e bem desenvolvida pelos gramáticos filosóficos, pois a interpretação da Linguagem, de acordo com essa teoria, se faz por meio da proposição pela qual o pensamento é expresso. Apesar de a sintaxe ter sido

97. Il y a donc en effet des parties d'oraison de deux especes ; les premieres sont les signes naturels des sentimens, les autres sont les signes arbitraires des idées : celles là constituent le langage du cœur, elles sont affectives : celles ci appartiennent au langage de l'esprit, elles sont discursives. Je mets au premier rang les expressions du sentiment, parce qu'elles sont de premiere nécessité, les besoins du cœur étant antérieurs & supérieurs à ceux de l'esprit : d'ailleurs elles sont l'ouvrage de la nature, & les signes des idées sont de l'institution de l'art ; ce qui est un second titre de prééminence, fondé sur celle de la nature même à l'égard de l'art. (N. Beauzée, “Interjection”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. VIII, 1765 [1751-1772], p. 828, Édition Numérique Collaborative et Critique de l'Encyclopédie – ENCCRE) (tradução nossa).

objeto de estudo desde o século II, por Apolônio Díscolo e, no século VI, por Prisciano e evidentemente por outros importantes autores da gramática latina, como Nebrija (1441-1522), Linacre (1460-1524), Escalígero (1468-1528), Sánchez de las Brozas (1523-1600) e Álvares (1526-1583), nos manuais de gramática normativa, em geral, dava-se muito mais atenção à *etimologia* (morfologia). Na gramática filosófica, a sintaxe é uma parte bem desenvolvida, ao lado de outras três: *prosódia*, *ortografia* e *etimologia*. Vejamos como Coruja e os outros dois autores que compõem seu horizonte de retrospectão se voltam ao estudo da Sintaxe.

Sobre a Sintaxe, é importante ressaltar a grande diferença em sua abordagem nas três edições do *Compêndio* (1835, 1846 e 1873) às quais tivemos acesso. Nesta obra, apresentamos o texto dessas diferenças, nos anexos, para que se possa verificar o desenvolvimento paulatino da matéria nas três edições em exame. Fica evidente o movimento crescente de conhecimento da teoria geral, por parte de Coruja, como passaremos a comentar.

Na 1ª edição (1835), Coruja, apesar de dedicar a segunda parte da obra à sintaxe, realizou-o de modo extremamente tímido, o que dá margem até a dizer que não haja propriamente desenvolvimento de sintaxe na obra. Em uma página e meia, Coruja fala da divisão da sintaxe (natural ou figurada) e apresenta alguns aspectos, bem poucos, da sintaxe natural, de concordância e regência. Sobre a de concordância, refere-se, breve e separadamente, à nominal e àquela que se dá entre os termos da oração, reportando-se apenas ao sujeito e ao predicado (ou atributo). Depois, em quatro páginas, fala de regência, especificamente estudando as “preposições que devem reger as circunstâncias de uma oração”⁹⁸. Em seguida, há um item sobre “verbo passivo”, de meia página, e, depois disso, vem a parte da sintaxe figurada, em que há a descrição ilustrada por exemplos, mas muito sucinta, das figuras (i) pleonismo,

98. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835, p. 47.

(ii) elipse, (iii) hipérbato. Essa segunda parte é finalizada com um texto intitulado “Observações necessárias aos principiantes para facilidade de regência”, composta, nessa edição, de doze regras de uso de preposições⁹⁹.

Na 4ª edição (1846), o autor faz uma alteração nessa parte segunda, da seguinte maneira: inclui, depois do subitem Verbo Passivo, outro intitulado Das Orações, no qual, em quatro páginas, expõe a classificação das “orações ou proposições”. Primeiro, vê-se aí uma classificação formal das orações: (i) composta; (ii) perfeita; (iii) imperfeita. Depois, segue a classificação das orações por sua função sintática: (i) principal; (ii) incidente; (iii) subordinada; (iv) integrante. Essa inclusão já revela certa incursão de Coruja na teoria geral, o que se nota pela referência à “proposição”¹⁰⁰, mesmo que tenha sido ao lado de “oração”, vale observar que, para Beauzée¹⁰¹, oração não é sinônimo de proposição. Além disso, a inclusão das orações “principal” e “incidente” remete à teorização de Du Marsais¹⁰², que diz:

A proposição incidente é aquela que fica entre o sujeito pessoal e o atributo de outra proposição, que é chamada proposição principal, porque esta em geral contém normalmente o que se deseja dizer de mais importante¹⁰³.

Não obstante essa incursão na teoria racional, o autor não avança nem na teorização nem na aplicação da teoria. O texto sobre orações é, assim, apenas expositivo, pois nem cita exemplos para ilustrar cada tipo de oração.

99. A parte final do *Compêndio* traz três breves capítulos: Prosódia; Ortografia e Pontuação.

100. Grafada “Preposição”, 4ª edição (1846, p. 51). Na 1ª edição não há essa referência.

101. Nicholas Beauzée, “Proposition”, em Denis Diderot e Jean le Rond, *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, 1765 [1751-1772], pp. 471b-476b. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l'Encyclopédie – ENCCE).

102. César C. Du Marsais, “Construction”, em Denis Diderot e Jean le R D'Alembert, *L'Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers 1751-1772*, Edition Numérique Collaborative et Critique (ENCCE), vol. IV, 1754, pp. 83b-84a.

103. La proposition incidente est celle qui se trouve entre le sujet personnel & l'attribut d'une autre proposition qu'on appelle proposition principale, parce que celle-ci contient ordinairement ce que l'on veut principalement faire entendre (tradução nossa).

A edição de 1873 contém algumas outras diferenças e avanços no que diz respeito a essa parte segunda, dedicada à sintaxe, como passaremos a ver, contrapondo as três edições. Coruja acrescenta à edição de 1873 o subitem “Complementos”, imediatamente após o texto sobre verbo passivo, além de ter alterado o subitem de outros dois assuntos. Para visualizar como esta parte do *Compêndio* sofreu alterações, veja-se este quadro:

**QUADRO VII — DESENVOLVIMENTO DA PARTE DE SINTAXE
EM TRÊS EDIÇÕES DO *COMPÊNDIO***

1ª edição – 1835	4ª edição – 1846	Edição – 1873
Parte Segunda Da Syntaxe	Parte Segunda Da Syntaxe	Parte Segunda Da Syntaxe
[Introdução: conceito; classificação (natural e figurada); divisão (de concordância e de regência); aspectos gerais sobre a sintaxe de concordância] pp. 45-46	[Introdução: conceito; classificação (natural e figurada); divisão (de concordância e de regência); aspectos gerais sobre a sintaxe de concordância] pp. 45-47	[Introdução: conceito; classificação (natural e figurada); divisão (de concordância e de regência); aspectos gerais sobre a sintaxe de concordância] pp. 61-62
Circunstâncias [de regência, pela semântica do termo regido pela preposição] pp. 45-51	Circunstâncias [de regência, pela semântica do termo regido pela preposição] pp. 47-50	Verbo passivo [breve explicação da formação da voz passiva] pp. 62-63
Verbo passivo [breve explicação da formação da voz passiva] pp. 51-52	Das orações [classificação: quanto à estrutura – simples, compostas, perfeitas e imperfeitas; quanto à hierarquia sintática: principal; incidente; subordinada; integrante] pp. 51-53	Complementos [conceito; classificação: objetivo, terminativo, restritivo ou circunstancial] pp. 63-65

Φ	Φ	Circunstâncias ou complementos diversos [de regência, pela semântica do termo regido pela preposição] pp. 63-70
Φ	Φ	Das orações [classificação: quanto à estrutura – simples, compostas, perfeitas e imperfeitas; quanto à hierarquia sintática: principal; incidente; subordinada; integrante] pp. 70-73

As alterações de posição dos assuntos abordados mostram, de um lado, o processo de reflexão por que passava o autor no correr dos anos; de outro, o conhecimento gradual que foi adquirindo sobre a teoria gramatical racionalista, porque todas as inclusões que fez no texto consistem de temas ou conceitos oriundos dessa teoria. Afora o que já comentamos anteriormente, a parte ora em exame traz as classificações das orações evidentemente inspiradas na teoria geral, embora em versão bem sucinta. Examinamos a seguir o que o texto do autor do *Compêndio* nos permite interpretar.

Comparemos as principais características da abordagem da sintaxe para Barboza¹⁰⁴. Esse autor, que seguramente é a fonte de Coruja para as incursões na teoria geral, trata da questão da sintaxe de modo global e integrado, desde os capítulos sobre pontuação e etimologia (morfologia) – especialmente ao analisar e descrever as

104. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Língua*, Lisboa, Typographia da Academia das Ciências, 1822.

conjunções e os modos e tempos verbais – até o de sintaxe, em que, então, o assunto é verticalmente explicado, em cem páginas, sendo setenta e cinco de teoria e exemplos e treze de aplicação, por meio de análises de períodos e orações.

A classificação das orações para Barboza é muito mais elaborada do que a apresentada por Coruja, sem dúvida, mas é possível dizer que este tenha feito uma interpretação da lição de Barboza, simplificando-a, pelo aproveitamento de alguns conceitos como os de oração *principal, incidente, subordinada e integrante*.

No tocante à lição de sintaxe, talvez seja seguro dizer que Coruja se tenha afastado de Moraes¹⁰⁵. Em primeiro lugar, o gramático luso-brasileiro fala em “sentença” e não em proposição, talvez por ter entendido que o termo e o conceito ingleses, *sentence*, sejam cientificamente menos ambíguos e mais coerentes do que o francês *proposition*, específico da teoria geral. De acordo com Lowth¹⁰⁶, autor que, como já indicamos aqui, integra o horizonte de retrospectão de Moraes, no subitem *Sentences* lê-se: “A Sentence is an assemblage of words, expressed in proper form, and ranged in proper order, and concurring to make a complete sense”¹⁰⁷. O conceito que Moraes¹⁰⁸ dá, no Livro II, Da Composição das Partes da Sentença Entre Si, ou Sintaxe, é o seguinte: “Da boa composição das partes da oração entre si resulta a *sentença*, ou sentido perfeito, com que nos fazemos entender, falando com palavras”. Em seguida, Moraes, de acordo com o método de Lowth, trata da sintaxe de concordância e da de regência, capítulos I e II respectivamente, mas, depois, diferentemente do gramático inglês, trata da sintaxe figurada e das composições viciosas, nos capítulos II e IV.

105. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806.

106. Robert Lowth, *A Short Introduction to English Grammar: With Critical Notes*, London, J. Hughs, 1762, p. 95.

107. *Idem, ibidem*.

108. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 82.

Coruja, por sua vez, não desenvolve o capítulo de Sintaxe Natural; apenas apresenta superficialmente os termos da oração. Não se refere à concordância nem à regência, embora se detenha um pouco mais na descrição das “circunstâncias” (regência), como antes mencionado. O capítulo da Sintaxe Figurada, contudo, é mais desenvolvido e, nele, há, ainda, uma seção sobre regras de uso da preposição, cujo título é Observações Necessárias aos Principiantes para Facilidade da Regência. Diante disso, é impossível afirmar que Moraes seja o modelo para Coruja, também no que diz respeito à sintaxe.

Retomando o texto de Assunção¹⁰⁹, antes citado, lembramos que um destaque feito por esse autor à gramática de Moraes é relativo à importância que o gramático dá à sintaxe em seu *Epítome*. Essa característica do tratamento da sintaxe nesse trabalho não se baseia no modelo racional, mas, de modo muito evidente, no de Lowth¹¹⁰.

O interesse de abordar aquele assunto é mostrar que o texto de Coruja¹¹¹ não está relacionado com a sintaxe das gramáticas racionalistas, mas se aproxima, de certo modo, de uma parte do de Moraes, que, como já lembramos, não se ateve exclusivamente ao modelo francês da gramática.

Não se pode dizer que Moraes se limite a fazer um estudo resumido e estanque da etimologia, pois, antes de tudo, explica a relação das palavras entre si, com base em sua função sintática de sujeito e de atributo conectados pelo verbo, a fim de dizer que os nomes podem ser modificados por articulares, por adjetivos atributivos ou por nomes com preposições, para chegar a dizer que tudo isso diz respeito à sintaxe de concordância e de regência. Depois, o autor abre dois itens específicos para cada um dos temas, a fim de expor

109. Carlos C. Assunção. “Antônio de Moraes Silva – Um Gramático Inovador”, *Anais do Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Rio de Janeiro, 2001.

110. Robert Lowth, *A Short Introduction to English Grammar: With Critical Notes*, London, J. Hughs, 1762.

111. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compêndio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835.

características e dar regras de uso de concordância e de regência. Já Coruja não faz o mesmo: depois de uma breve introdução sobre sintaxe, passa a tratar das “circunstâncias”, o que corresponde ao estudo da regência verbal, limitando-se a listar o *sentido* que as estruturas preposicionadas constroem na oração.

No quinto parágrafo de Moraes¹¹², há uma observação, a sétima de uma lista de nove, a respeito de como as palavras se relacionam para exprimir, na sentença, o julgamento das coisas, ou o que se quer que “as pessoas sejam, façam, ou sofram”. Essa parte é a única da qual Coruja se beneficia para orientar e compor seu subitem a respeito de circunstâncias (regência). Vejamos o que diz Moraes no referido parágrafo:

7. 5^o O verbo, ou acção, que elle significa, talvez é modificada, e acõpanhada de circunstancias de lugar, tempo, modo, instrumento, fim, &c. *v.g.* “Da esmolos aos pobres em segredo, com alegria, para consolação da sua afflicção, sem véxame da sua vergonha, e por satisfação da tua verdadeira liberalidade, sem mistura de vãgloria”.

Moraes avança no estudo da sintaxe da estrutura, indicando as possibilidades de atuação sintática de cada preposição no contexto da oração.

Coruja¹¹³, então, elaborou seu subitem Circunstâncias preocupado com as regras de uso e com a semântica da estrutura regida, pois diz: “Sobre as preposições que devem reger as circunstâncias de uma oração não se pode estabelecer regra certa; as circunstâncias podem ser regidas daquelas preposições, que parecerem mais convenientes à oração”, e, depois disso, passa a dar os exemplos do seguinte modo:

De Lugar: Vós estais *na cidade* (lugar onde).

Fim: As horas são próprias *para a lição*.

Cauza: Os debochados abreviãõ seus dias *por sua culpa*.

112. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806.

113. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835, p. 46.

As regras de uso, doze no total, são postas no subitem Observações Necessárias aos Principiantes para Facilidade da Análise, depois do capítulo da Sintaxe Figurada. Na 4ª edição, as regras são dezesseis e, na edição de 1873, o subitem recebe reformulação mais substantiva: passa a ter o título Complementos, e contém quase três páginas de teoria sobre os tipos de complementos (*objetivo, terminativo e circunstancial*)¹¹⁴. O subitem das Observações Necessárias [...] foi mantido e ampliado. Tais mudanças, como observamos anteriormente, foram esteadas na teoria geral.

Passemos, em seguida, a mostrar alguns pontos do *Compêndio* em que Coruja recorre ao latim para descrever o português.

114. Transcrevemos este capítulo nos anexos.

O COMPÊNDIO: UMA OBRA DE UM PROFESSOR DE LATIM

Para finalizar esta análise, mostraremos aspectos a respeito dos quais Coruja recorreu explicitamente ao latim para descrever a língua portuguesa. O primeiro ponto a ressaltar é o tratamento da voz verbal, conforme faz Coruja, para depois confrontar sua posição sobre esse assunto com a de dois gramáticos presentes em seu horizonte de retrospectão: Jeronymo Soares Barboza e António Moraes Silva. Diz Coruja nos textos da 1^a e da 4^a edições¹:

Verbo é a voz com que na Oração significamos acção affirmando uma cousa de outra.

O Verbo (quanto á sua significação) ou é Activo, ou Neutro, ou Passivo.

Activo é o que tem significação tranzitiva, que se emprega em sugeito diverso da sua significação, v.g. *Amar, Louvar, Defênder* (e).

Neutro é aquelle que tem significação permanente, que se emprega em si mesmo, ou em sugeito de sua mesma significação, v.g. *Voar, ir, rivir, morrer*.

Passivo é aquelle, cuja acção é soffrida pelo mesmo sugeito do Verbo; v.g. *Ser ferido, ser louvado* (f)².

1. António Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835; e *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1846, respectivamente.
2. António Álvares Pereira Coruja, *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto

O que se nota primeiro no conceito de verbo do gramático brasileiro é ter empregado o termo “voz” como fato da significação do verbo, de um modo amplo, que remete tanto ao sentido de voz como som que forma a “palavra”, quanto ao sentido gramatical de voz como uma das categorias, ou dos acidentes, do verbo. Fundado no conceito apresentado, afirma que o verbo tem três vozes, as quais são definidas tanto por critérios semânticos quanto por critérios sintáticos. O que é importante mostrar nessa definição é o fato de Coruja não deixar claras as diferenças cabíveis entre a língua portuguesa e a latina. Na nota de rodapé (f), adjunta ao conceito de verbo passivo, faz o seguinte aditamento: “Note-se que no nosso idioma não temos verbo passivo *simples*: todos são *compuestos*, ou *auxiliados* do verbo *ser*, ou da partícula *se*: v.g. *João é amado, fia-se lã, tece-se seda*”. Mas sobre o verbo neutro, não faz nenhuma consideração quanto à definição dada.

Sobre a classificação da flexão verbal portuguesa, Borges³ trata da diátese, ou voz verbal, buscando fundamentos em gramáticas antigas (Dionísio Trácio, século I) e medievais (Nebrija, 1492, esse já quase renascentista). O que Borges mostra, para o que nos interessa aqui, é a origem da descrição da diátese verbal para o castelhano, pela descrição de Nebrija, no capítulo De los Circunloquios del Verbo⁴. Em primeiro lugar, Nebrija conceitua o “gênero verbal”⁵ e, em seguida, classifica-o, explicando:

Género en el verbo es aquello por que se distingue el verbo activo del absoluto. Activo verbo es aquél que passa en otra cosa; como diciendo *io amo a Dios*,

Alegre, V. F. de Andrade, 1835, p. 10.

3. José Borges Neto, *Sobre a Flexão dos Verbos*, 2008, p. 5.
4. Elío A. de Nebrija, “Introducción y Notas de Miguel Ángel Esparza y Ramón Sarmiento”, em *Gramática Castellana*, Madrid, Fundación Antón de Nebrija/SGEL, cap. XI, 1992 [1492], pp. 81-82.
5. Borges (*op. cit.*) explica o surgimento do termo: “Dionísio nos fala de um acidente denominado diátese (*διάθεσις*). Sob este nome ele trata dos fenômenos que, posteriormente, os latinos vão denominar voz (ativa, passiva e média). Nebrija, por sua vez, apresenta um acidente denominado gênero, que – contrariamente ao uso já conhecido e consagrado – não envolve noções como masculino e feminino, mas recobre os fenômenos ligados à transitividade”.

esta obra de amar passa en Dios. Absoluto verbo es aquél que no passaen otra cosa; como diciendo io bivo, io muero, esta obra de bivir et morir no passa en otra cosa después de sí; salvo si figuradamente passasse en el nombre que significa la cosa del verbo, como diciendo io bivo vida alegre, tú mueres muerte santa⁶.

Essa passagem deixa evidente o critério sintático, a transitividade, escolhido para diferenciar o estatuto dos verbos ativos, o dos impessoais e o dos absolutos, sendo, em terminologia atual, de um lado, (i) os que podem ter sujeito(s) determinado(s) e complemento(s) – os ativos – ou os que podem ter sujeito indeterminado e complemento(s) – os impessoais –; de outro, (ii) os que, se usados em seu sentido denotativo, prescindem de sujeito e complemento – os absolutos.

O gramático espanhol vai além em sua descrição mais precisa das características do “gênero verbal” do castelhano, ao reconhecer a diferença existente entre o castelhano e o latim, como ressaltou Borges⁷. Leia-se este trecho de Nebrija⁸:

Assi como en muchas cosas la lengua castellana abunda sobre el latin: assi por el contrario la lengua latina sobra al castellano. como en esto dela conjugacion: el latin tiene tres bozes activa. Verbo impersonal. passiva. **El castellano no tiene sino sola el activa.** El verbo impersonal suple lo por las terceras personas del plural del verbo activo del mesmo tiempo & modo: o por las terceras personas del singular haziendo en ellas reciprocacion & retorno con este pronombre. se. & assi por lo que enel latin dicen curritur. currebatur: nos otros dezimos corren. corrian. O correse. corriase. & assi por todo lo restante dela conjugacion. La pasiva suple la por este verbo so. eres. & el participio del tiempo pasado dela passiva mesma: assi como lo haze el latin en los tiempos que faltan en la mesma passiva. Assi que por lo el latin dize amor. amabar. amor. nos otros dezimos io so amado. io era amado. io sere amado: por rodeo deste verbo so eres& deste participio amado. & assi de todos los otros tiem⁹.

6. Elio A. de Nebrija, *Gramática Castellana. Introducción y Notas de Miguel Ángel Esparza y Ramón Sarmiento*, Madrid, Fundación António de Nebrija/SGEL, livro III, cap. X, 1992 [1492], pp. 37-38.

7. José Borges Neto, *Sobre a Flexão dos Verbos*, 2008, p. 5.

8. Elio A. de Nebrija, “Introducción y Notas de Miguel Ángel Esparza y Ramón Sarmiento”, em *Gramática Castellana*, Madrid, Fundación António de Nebrija/SGEL, 1992 [1492].

9. Miguel Ángel E. y Ramón Sarmiento, *Introducción y Notas à Gramática Castellana, de E. A. Nebrija* [1492], Madrid, Fundación António de Nebrija/SGEL, 1992, livro III, cap. 10-1. fol. 38 v. cap. XI.

O excerto revela que não é somente sobre o verbo neutro que Nebrija inova ao não descrever cegamente o castelhano pelo latim, pois esclarece, igualmente, que no castelhano não há, como no latim, o verbo passivo, mas que a função passiva se faz de outro modo nessa língua: com o verbo em terceira pessoa do plural do verbo ativo ou terceira do singular acompanhada do pronome *se*. São, assim, duas *inovações*, uma sobre a classificação do gênero verbal *absoluto*, em vez de neutro, pelo reconhecimento de sua função intransitiva, e outra, pela descrição da *função passiva* que os verbos transitivos podem exercer. Essas inovações, sem dúvida, foram adotadas por gramáticos de outras línguas europeias que contêm a mesma característica, como, por exemplo, a portuguesa.

Antes de chegar ao texto de Coruja sobre esse assunto, passemos pelos dois autores presentes no *horizonte de retrospectão* mais próximo de Coruja. Vejamos, então duas abordagens diversas para esse tema, a de Barboza, primeiro, e, depois, a de Moraes. Os tratamentos que esses autores dispensam ao tema não são semelhantes entre si, assim como não coincidem com o tratamento dado por Coruja. Barboza é muito firme quanto a sua classificação da voz verbal, em que não considera, para a língua portuguesa, a existência de verbos neutros.

Vejamos a seguir o que diz Barboza:

O mais acertado he dar ao verbo transitivo tres Vozes, ou maneiras, pelas quaes sua acção póde ser exercitada. Pois ou o sujeito da oração produz huma acção, que outro recebe e este modo de a exercitar se chama Voz activa, como Amo a Deos; ou o sujeito da oração recebe huma acção, que outro produz, e he Voz passiva, como Deos he amado por mim; ou em fim o sujeito, que produz a acção, a recebe tambem em si; e he a Voz media, ou Reflexa, como Eu me amo, Tu te amas, Elle se ama.

Esta divisão geral do verbo adjectivo he mais conforme á razão gramatical, e usos de nossa Língua, do que a vulgar adoptada sem maior exame das Grammaticas Latinas, que dividem o verbo adjectivo em Activo, Passivo, e Neutro. A Língua Portuguesa não tem verbos passivos para poderem entrar nesta divisão: e onde

*não ha verbos passivos, não pôde haver tambem verbos neutros, que são os que nem são activos, nem passivos*¹⁰.

Se Barboza se beneficiou da lição de Nebrija antes apresentada é impossível saber, porque não há referência direta do gramático português nem os termos das classificações são os mesmos. A base da descrição, todavia, é a mesma: não há, em português, verbos neutros nem há verbos passivos. A passividade, contudo, é reconhecida, e Barboza vai além, pela descrição da voz que denomina média ou reflexa, no português. Como gramático filosófico, Barboza busca o fundamento para sua descrição primeiro na “razão gramatical” e, depois, como gramático de uma língua particular, no “uso”. É o uso que refuta a premissa da existência de regras gerais para as línguas, o que fica evidente nesse fato linguístico.

Barboza trata sintaticamente da voz verbal focalizando, pelo critério sintático, a ação do sujeito. Em outra passagem, ao descrever o particípio perfeito passivo, o autor mostra que trabalha também com a transitividade verbal, relacionando os intransitivos ao que no latim são neutros, quando se expressa da seguinte maneira: “No primeiro uso cumpre notar, que os particípios passivos dos verbos intransitivos, chamados neutros, se acomodam melhor com o verbo estar, do que com o verbo ser”¹¹. Desse modo, vê-se que o gramático português faz sua descrição com base na observação da língua que analisa, sem repetir a descrição latina, assim como o fez Nebrija para o castelhano.

Vejamos agora como Moraes analisou esse fato linguístico. Cabe, antes de tudo, lembrar que Moraes não faz uso nem da terminologia grega, empregada por Dionísio Trácio (século I-II), diátese, nem de sua tradução latina, voz. Prefere o gramático luso-brasileiro referir-se a esse fenômeno como “attributos annexos á significação do verbo” e assim se refere à questão:

10. Jeronymo Soares Barboza, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*, Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822, p. 241 (grifo nosso).

11. *Idem*, p. 294.

18. Os attributos annexos á significação dos verbos são activos: v.g. ferir, matar, dar; ou de mero estado: v.g. estar, igualar (ser igual), parecer. Assim os verbos Portuguezes em razão dos attributos são ou activos, ou de estado. Os Latinos tem verbos derivados dos activos, nos quaes se affirma, que o sujeito é paciente da acção do verbo activo: v.g. ferior, eu sou ferido, derivado de ferio activo, eu firo: áquelles verbos chamão-lhes passivos; nós não temos verbos passivos¹².

Cabe apontar que *ferior* e *ferio* são o mesmo verbo. Isso significa que não se trata de existência de “verbos passivos” em dada língua e inexistência em outra; trata-se de diferentes recursos acionados – cada língua a seu modo formal – para a expressão do mesmo fenômeno, para a formalização em língua das mesmas relações de mundo¹³.

A citação mostra que o gramático reconhece, para o português, a voz ativa, a qual acrescenta outra denominação, a de *estado*. Nesse passo, compara o português ao latim para esclarecer que o português não tem uma forma verbal correspondente à da voz passiva latina. Os critérios aos quais Moraes recorre para estabelecer seu conceito para a voz ativa dos verbos da língua portuguesa são o semântico, como vimos, e o sintático, pois se refere também à transitividade, nas seguintes palavras: “Os verbos ativos comumente tem um paciente, ou objeto, em quem passa, ou se emprega a sua ação”.

Moraes não teve a mesma intuição analítica para analisar os verbos intransitivos portugueses. Sobre esses, recorre à terminologia latina *verbos neutros*, quando diz:

Verbos neutros, *i.e.*, nem activos, nem passivos, chamão os Grammaticos áquelles, que não significão acção: *v.g.* “O vento dorme, o mar e as ondas jazem; O Cisne iguala a neve na candura”: ou que significão uma acção, que fica no mesmo sujeito, de quem se affirma: v.g. eu ando, salto, respiro, corro, vivo, &c¹⁴.

12. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 56.

13. Devo este comentário a Clóvis Luiz Alonso Júnior, que leu o manuscrito deste estudo.

14. António de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 56.

No rol dos verbos neutros, Moraes, pelos vieses semântico e sintático, arrola diferentes verbos, como *andar, saltar, respirar, viver*, quando a “ação do verbo fica no mesmo sujeito” ou quando esses e outros intransitivos¹⁵ recebem complementos. Nesse caso, vemos que o gramático não se deu conta de que, como os verbos passivos, os neutros também não são da categoria dos portugueses.

Diante dessa avaliação, vemos que Coruja poderia ter seguido os autores que compõem seu horizonte de retrospectiva, mas não o fez. Ele optou por explicar a questão das vozes verbais por outro horizonte – muito mais conhecido de um professor de latim – o da descrição do português pelo latim, sem consideração das características específicas de sua própria língua.

Como vimos comparando a 1ª edição do *Compêndio* de Coruja com a de 1846, mas com apoio também na de 1873, devemos retomar agora essa última, porque há diferenças relativas ao ponto que ora analisamos. Apesar de o autor manter o texto da 1ª edição, fez-lhe modificações pontuais, mas importantes, por revelarem que fez, até aquele momento, novas leituras. Comparemos os trechos da edição de 1835 com a de 1873, para, em seguida, tecer sobre elas alguns comentários. Toda modificação ocorrida na íntegra do texto transcrito aqui neste livro, aparece marcada de dois modos: o que constava nas edições anteriores, mas foi excluído na edição de 1873 aparece assim: ~~tachado~~; o que foi acrescentado, assim: **em negrito**.

Verbo é a voz **palavra** com que na Oração significamos acção afirmando uma coisa de outra.

O Verbo (quanto á sua significação) ou é Activo, ou Neutro, ou Passivo. (1)

15. Apesar de Moraes Silva usar o termo “transitivo” para os verbos da voz ativa, não chega ao conceito de intransitivo e, portanto, continua usando para esses o termo latino, “neutro” como por exemplo neste parágrafo: “21. Pelo contrario aos verbos neutros ajuntamos ás vezes pacientes, como aos transitivos: v.g. *viver vida felix; correr carreiras; correr seu curso* [...]”. (Antônio de Moraes Silva, *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806, p. 56).

Verbo Activo é o que tem significação transitiva, que se emprega em sujeito diverso da sua significação: , v.g. **como** *Amar, Louvar, Defender* (5)¹⁶

Verbo Neutro (ou intransitivo) é aquelle que tem significação permanente, o que tem significação intransitiva, que se emprega em si mesmo, ou em sujeito de sua mesma significação: v.g. **como** *Voar, Ir, Morrer*. (1)

Verbo Passivo é aquelle, cuja acção é soffrida pelo mesmo sujeito do Verbo; v.g. *Ser ferido, ser louvado*. (2)¹⁷

Notas (a íntegra das notas citadas abaixo está no Anexo IX, no final deste volume)

[p. 15]

(1) Sobre os verbos *substantivo e adjetivo*.

(2) Explicação a respeito dos verbos: reflexivo, ou pronominal; reciproco.

[p. 16]

(1) Adendo sobre verbo neutro empregado como ativo.

(2) Advertência da não existência de verbos passivos simples em português, pois todos ou são compostos, ou se pronominalizam.

O texto mostra que Coruja não mudou totalmente de ideia quanto à classificação dos verbos a respeito das vozes verbais, pois continuou afirmando a existência de verbos passivos e verbos neutros. Além disso, manteve, sobre a transitividade, sua posição anterior, pois a reconhece principalmente como um fato semântico (significação transitiva), embora de repercussão sintática (que se emprega em sujeito diverso de sua significação) nos “verbos activos”. Do mesmo modo entende a intransitividade dos neutros (significação intransitiva, que se emprega em si mesmo), e o “verbo passivo” também é descrito primeiro pelo critério semântico (verbo de ação) e depois pelo sintático (o sujeito sofre a ação enunciada pelo verbo).

Os textos das notas, transcritas no anexo IX constante deste texto, indicam que Coruja procurou atualizar-se com aspectos da teoria linguística que ainda circulava no Brasil no século XIX: a teoria racionalista. A falta de aplicação do que escreveu ali, todavia,

16. Antônio Álvares Pereira Coruja. *Compêndio da Grammatica da Lingua Nacional*, Rio de Janeiro, Esperança, 1873, p. 15.

17. *Idem*, p. 16.

evidencia que não tinha ainda recursos teóricos e técnica linguística necessária para realizar a análise segundo a nova teoria.

Na conjugação verbal, como vimos antes, o espelhamento da gramática portuguesa pela latina é claro. Além da instabilidade na apresentação das formas verbais dos tempos do “conjuntivo” (mais de uma forma em cada tempo), vê-se a mistura de formas simples e formas compostas, no pretérito perfeito (*amara, amasse, amaria*), no pretérito mais-que-perfeito (*amara, amasse*) e no pretérito mais-que-perfeito composto (*tivera, tivesse, teria amado*), e da continuação do uso do supino no paradigma verbal português.

O modelo latino de conjugação está presente desde a formação dos tempos verbais portugueses, pois o latim clássico tinha o mais-que-perfeito e o imperfeito do subjuntivo, e esse foi, aos poucos, substituído por aquele; situação essa que passou a vigor no português. A unicidade de formas do mais-que-perfeito e do imperfeito do subjuntivo pode ser explicada pela lição de Williams, que esclarece:

Como o mais que perfeito do subjuntivo tivesse começado a usurpar a função de imperfeito do subjuntivo em latim vulgar, encontram-se *ambos os tempos usados como imperfeito do subjuntivo em construções paralelas em documentos medievais latinos do território português e depois em documentos portugueses*¹⁸.

À luz dessa explicação de Williams sobre a passagem:

latim clássico > latim vulgar > português

pode-se entender, então, que o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo, conforme apresentado por Coruja, tenha também essa explicação.

Williams¹⁹, na síntese que faz no início do livro, diz que o imperfeito do subjuntivo do latim clássico “foi substituído pelo mais-que-perfeito do subjuntivo; caiu em desuso, salvo no território português, que assumiu nova função (§ 158, 2)”. Assim, é possível

18. Edwin B. Williams, *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*, 3. ed., trad. Antônio Houaiss, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975 [1938], p. 186 (grifo nosso).

19. *Idem*, p. 22.

supor que a causa de Coruja ter incluído duas formas no paradigma da conjugação verbal do subjuntivo seja a recorrência à gramática latina, considerando-se formas desaparecidas quando da passagem do latim clássico para o vulgar e deste para o português. Esse é o caso do imperfeito do subjuntivo, que sobreviveu no português.

Outra ligação direta da gramática portuguesa com a latina, estabelecida por Coruja, diz respeito ao supino, forma nominal que aparece ao lado do gerúndio, do particípio presente e do particípio passado, constante de seu paradigma verbal da língua portuguesa. A seguir, apresentamos a definição de supino, dada por Coruja, em nota aposta ao termo usado no quadro de conjugações:

A diferença, que ha entre Supino e Participio, é que o Supino é sempre invariavel tanto em genero como em numero, e o Participio varia não so em genero como em numero. O Supino entra na composição dos Verbos activos, e na dos que se apassivão com a particula Se: v.g. *tenho comido frutas, tem-se tecido sedas, ellas se tem tornado melhores*. O participio entra sempre na composição dos Verbos passivos auxiliados do Ser e algumas veses entra na Oração somente com força do adjectivo. Note-se que os Verbos activos todos tem Supino e Participio, e que os neutros tem só Supino²⁰.

O autor mantém o supino nas outras duas edições do *Compêndio*. Essa é outra atitude latinista e extremamente conservadora de Coruja, tendo em vista que o supino já havia desaparecido do uso até no latim vulgar. Assim diz Williams²¹: “O infinitivo perfeito, o supino, o particípio futuro ativo e o gerundivo desapareceram”.

Não obstante isso, Moraes²² também ressuscitou o supino em seu *Epítome* e assim se pronuncia sobre isso:

20. Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compêndio da Grammatica da Lingua Nacional*, 1. ed., Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835, p. 23, nota 1.

21. *Op. cit.*, p. 22.

22. António de Moraes Silva, *Epítome da Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Off. De Simão Thaddeo Pereira, 1806.

Os Infinitos, **Supinos**, e Gerundios são nomes verbáes invariáveis, com estas diferenças, que o Infinito significa o attributo verbal, sem relação a tempo algum; v.g. ler, escrever: o Gerundio designa o mesmo attributo, ou acção abstracta actual, e imperfeita; v.g. em lendo, entrelando: o Supino é outro nome, que significa a acção em abstracto referida ao passado, ou completa: v.g. tenho lido, escrito; que é lição feita, escritura acabada: temos rido muito, dançado: temos jogado &c²³.

Barboza, por sua vez, que tem intuição linguística apurada, não considera o supino na formação de seu sistema verbal. Sobre isso ele diz, simplesmente, que o supino corresponde ao que em português se denomina particípio perfeito.

Em suma, a gramática latina é também, ou principalmente, a fonte mais presente do *horizonte de retrospectão* de Coruja.

23. *Idem*, p. 118.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Analisar obras metalinguísticas do passado é importante para que se possa visualizar, na longa duração do tempo, como o conhecimento linguístico gramatical sobre o português se foi produzindo. O exame da obra *Compêndio da Gramática da Língua Nacional*, de Antônio Pereira Coruja, feito por duas de suas edições, e balizado por uma terceira, revelou como, nesse caso, a primeira gramática impressa no Brasil e editada com finalidade exclusivamente pedagógica, nesse país em que a escola pública estava ainda em seu nascedouro, revela aspectos essenciais de como a língua portuguesa era ensinada. É possível dizer assim porque as três edições deixam entrever que o gramático foi, ao longo do tempo, lapidando sua obra, pela introdução do conhecimento teórico que adquiria durante sua militância docente, mesmo não tendo, afinal, conseguido chegar ao melhor resultado que se poderia esperar de um instrumento de descrição da língua.

A obra analisada é pouco representativa do ponto de vista da teoria e da análise linguísticas. No entanto, é importante para a história da gramaticografia brasileira, por ter seu autor desempenhado importante papel no campo do ensino de língua portuguesa, no Brasil, da primeira metade do século XIX, tendo sido um dos responsáveis pela difusão do ensino público no Rio Grande do Sul e,

também, no Rio de Janeiro. Além disso, Coruja ganhou relevância no contexto da história dos estudos linguísticos brasileiros pela significação da expressão “gramática nacional”, presente no título de sua obra, o que, entretanto, a elevou a um nível ao qual ela não corresponde, por não trazer nenhum estudo sobre o português praticado no Brasil.

Teoricamente, o *Compêndio* é muito mais conectado com a teoria tradicional, latina, do que com a teoria geral vigorante no Brasil no século XIX. Como observamos, o autor foi, aos poucos, adicionando notas da teoria geral, sem, no entanto, tê-la aplicado efetivamente. Ao que parece, pelos acréscimos dessa teoria ao seu texto, o autor teve, principalmente, o intuito de mostrar que a conhecia, já que não conseguiu descrever o português pelos princípios da teoria referida.

Como o próprio Coruja declarou, sua obra consiste em uma gramática “abreviada”, sentido que a análise aqui realizada intentou esclarecer, pois, em suma, o significado do adjetivo, nesse contexto, é o de que o autor recortou, resumiu e abreviou a teoria linguística sem, necessariamente, ter feito uma descrição da língua portuguesa, de modo autoral. Em seu horizonte de retrospectão, vimos que estão presentes duas obras: o *Eptome da Gramática Portuguesa* de António de Moraes Silva, de 1806, e a *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, de Jeronymo Soares Barboza, 1822. Entretanto, Coruja não é seguidor nem discípulo dos autores dessas obras; apenas recorreu a esses mestres para justificar algumas poucas afirmações que fez.

O gramático brasileiro foi professor concursado para o ensino público, primeiro como professor de ensino mútuo, quando ensinava português, depois para as cadeiras de Latim e de Filosofia Racional. A disciplina de Língua Portuguesa entrou em seu currículo por sua atividade de mestre de estudantes do ensino elementar, em classes de ensino mútuo e, talvez por isso, não tivesse tido oportunidade de conhecer um pouco mais a teoria linguística racional, suporte dos estudos desse campo, na época. A teoria surgiu na França, no século XVII, com a publicação da *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal*,

escrita por Claude Arnauld e Antoine Lancelot, em 1660, e reeditada muitas vezes¹ até a década de 1830, sendo de 1846 uma das edições. Constata-se, pois, que durante o tempo em que Coruja estava trabalhando em seu *Compêndio da Gramática da Língua Nacional* a teoria racionalista ainda tinha vigor para sustentar descrições linguísticas. Também, os artigos gramaticais publicados na *Éncyclopédie* (1751-1772), escritos por César Chesnaut Du Marsais (1676-1756) e Nicolas Beauzée (1717-1789), assim como as obras gramaticais desses autores, foram (e são) fontes importantes da teoria racional no campo das ciências da linguagem, muito conhecidas na época pelos gramáticos e estudiosos de línguas, a quem Coruja não se referiu, apesar de ter sido professor de Filosofia Racional.

Uma obra portuguesa racionalista a que Coruja se referiu foi a *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, de Jeronymo Soares Barboza, da qual se beneficiou um pouco, a partir da segunda edição de seu *Compêndio*, ao transcrever alguns achados do gramático português, sem, entretanto, aplicá-los efetivamente. António de Moraes Silva, autor que, embora adepto do racionalismo, não o aplica efetivamente em seu *Epítome da Gramática da Língua Portuguesa*, não constituiu fonte efetiva para Coruja, embora o tivesse conhecido e dele bebido algum fundamento, mas não se pode dizer que essa obra tenha deixado muitas marcas no *Compêndio*.

A conclusão, então, somente pode ser a de que Coruja elaborou seu *Compêndio* fundamentado efetivamente na gramática latina, sem ter realizado uma descrição autoral da língua portuguesa. O êxito de sua obra, a primeira gramática impressa no Brasil, deve-se a

1. Até hoje, a GGR foi publicada vinte ou mais vezes; algumas das edições são precedidas de textos de estudiosos como Charles Pinot Duclos (1756, com reimpressões em 1768, 1830 e 1994), M. Petitot (1803, reimpressão em 1810), Charles Bally (1846), E. Brekle (1966), Michel Foucault (1969), Jean Marc Mandosio (1997, 2010). Sabemos que há uma nova edição da obra em preparação, na França, por Bernard Colombat e Jean-Marie Fournier. É difícil saber das reedições existentes fora da França, mas citamos ao menos a edição brasileira lançada no ano de 2001, quando os professores Bruno Basseto e Henrique Murachco publicaram uma edição em português, com o título *Gramática de Port-Royal ou Gramática Geral e Razoada*.

sua importância pedagógica, por ter sido o instrumento linguístico acessível ao ensino público em classes que se formavam pelo método lancasteriano, ou mútuo. Além disso, o papel do autor como influente agente educacional, conhecido no Sul, de onde é originário, e no Rio de Janeiro, na época a sede da corte portuguesa e cidade onde o professor Coruja passou a habitar, foi essencial à divulgação da obra.

O balanço final que se pode fazer sobre o *Compêndio* é que realmente foi uma obra relevante ao contexto educacional da época, independentemente de ter em seu título o argumento “da língua nacional”. Essa expressão adjetiva passou a ter relevância para a história da difusão da gramática no Brasil não por sua importância teórica ou descritiva da língua portuguesa falada no Brasil, campo em que é incipiente, mas pela representação política que o título passou a exercer, até meados do século XX. O que é fato é ter o *Compêndio* existido para não somente apoiar, mas também impulsionar o ensino da língua portuguesa no Brasil.

Os dois volumes do *Compêndio* que a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin guarda em seu arquivo de obras raras são joias a que recorreremos para desvelar um pouco da história, não somente de seu autor e, propriamente, da obra, mas também, e principalmente, da formação das ideias linguísticas que começaram a circular no país, no contexto do ensino da língua portuguesa do Brasil.



COMPÊNDIO
DA GRAMÁTICA
DA LÍNGUA NACIONAL

EDIÇÃO DIPLOMÁTICA E COMENTÁRIOS



COMPENDIO

DA

Grammatica

DA

LINGUA NACIONAL.

PROEMIO

GRAMMATICA é uma Arte, que ensina a declarar bem os nossos pensamentos por meio de palavras.

Comprehende quatro partes, que são Etymologia, Syntaxe, Prosodia e Orthografia.

Etymologia é a parte, que ensina a natureza das palavras, e suas propriedades.

Syntaxe é a parte, que ensina a compor a oração.

Prosodia é a parte, que ensina a quantidade das syllabas, e sua pronuncia.

Orthographia é a parte, que ensina a escrever com certesa.

Oração é a união ou aggregado de palavras com que affirmamos alguma cousa. A Oração consta de Sugeito, Verbo, e Paciente, e circumstancias quando as ha.

[p.3]*

Circunstancia é tudo aquillo que sem ser Sugeito, nem Verbo, nem Paciente entra no arranjo da oração.

* Os números, em vermelho, que aparecem entre colchetes sinalizam o final de uma página e o início de outra, conforme a edição de 1835.

As partes da Oração são nove: Artigo, Nome, Pronome, Verbo, Particípio, Adverbio, Conjunção, Preposição, e Interjeição.

PARTE PRIMEIRA.

DA ETYMOLOGIA.

Artigo.

Artigo é uma parte de Oração, que precedendo a um nome não só nos mostra seu genero e numero, como dá a entender que o nome se toma *extensiva*, e não *comprehensivamente*.

Os generos são dous; masculino, e feminino.

Os números Grammaticos são dous; singular, e plural: e como o artigo varia tanto em genero como em numero, porisso temos no singular *o, a*, e no plural *os, as*.

Nome.

Nome é a palavra com que significamos alguma [p. 4]
cousa, ou sua qualidade v.g. *Homem, Prudente*.

O Nome ou é Substantivo, ou Adjectivo.

Substantivo é o que significa uma cousa, ou pessoa, v.g. *Mesa, Francisco*.

Adjectivo é o que significa qualidade de alguma cousa, ou pessoa, v.g. *Redonda, Amavel*.

O Substantivo ou é Proprio ou Appellativo.

Proprio é o que compete a uma só cousa, ou pessoa, v.g. *Norte, Janeiro, Guaíba, etc*.

Appellativo [ou Commum] é o que compete a muitas cousas, ou pessoas, v.g. *Vento, Mez, Rio*.

Ha muitos Appellativos que são Collectivos, Augmentativos, ou Diminutivos.

Collectivo é o que no numero singular significa multidão v.g. *Frota, Exercito, Povo, etc.*

Augmentativo é o que aumenta a significação do nome donde nasce, v.g. *Homemzarrão, Esquadrão, etc.*

Diminutivo é o que diminue a significação do nome, donde nasce, v.g. *Livrinho, Filhinho.*

Os adjectivos dividem-se em oito especies, que são; Positivo, Comparativo, Superlativo, Partitivo, Possessivo, Patrio, Gentilico, e Numeral.

Positivo é o que significa a qualidade de uma cousa absoluta e simplesmente, v.g. *Pequeno, bom, prudente.*

[p. 5]

Comparativo é o que alem da qualidade que exprime, indica comparação, v.g. *Melhor, maior. (a)*

Superlativo é o que exprime no summo gráo a significação do Positivo, donde nasce, v.g. *Illustrissimo, Celeberrimo, Optimo, Facillimo. (b)*

Partitivo é o que significa parte de alguma multidão, v.g. *Cada, qualquer, algum.*

Possessivo é o que indica possessão, v.g. *Popular, Nacional, Imperial.*

Patrio é o que indica a patria, v.g. *Rio-Grandense, Fluminense, Maranhôto, Mineiro.*

Gentilico é o que indica a Gente, ou Nação, a que cada um pertence, v.g. *Brasileiro, Peruviano, Aziatico.*

(a) Ha comparativos de forma simples, e de forma composta; os Comparativos de forma simples são *Melhor, Peor, Maior, Menor*, e outros; e os de forma composta são auxiliados do adverbio *mais* v.g. *Mais perfeito, mais prudente.*

(b) Temos tambem Superlativos de forma simples, como são os quatro Superlativos *Optimo, Pessimimo, Maximo, Minimo* correspondentes aos Positivos *Bom, Máo, Grande, Pequeno*; e todos os mais *derivados*, como *Mizerri-*

* As linhas vermelhas horizontais separam as notas de rodapé originaes do autor.

mo. *Celeberrimo, Prudentissimo, Facillimo, Difficillimo, etc.* etc. Os de forma composta são auxiliados do adverbio *muito*; como *Muito justo, muito fiel*.

[p.6]

Numeral é o que mostra o numero. Ha numeral *Cardeal*, e *Ordinal*: o *Cardeal* (ou *Absoluto*) dezigna o numero simples ou absolutamente, como *Tres, cinco, dez, etc.*; o *Ordinal* dezigna por ordem, v.g. *Terceiro, quinto, decimo, etc.*

Alguns adjectivos tem uma só terminação para ambos os generos, como *Fiel, constante*: outros tem duas, como *Justo, justa*.

Pronome.

Pronome é uma voz, que traz á memoria a pessoa, ou cousa a que se refere [e se põe na oração em lugar do nome], v.g. *Eu, tu, elle, aquelle (c)*¹.

Os Pronomes dividem-se em sete especies, que são *Relativo, Interrogativo, Possessivo, Primitivo, Derivado, Demonstrativo, e Reflexivo*.

Relativo è o que traz á memoria o nome antecedente, ou com elle tem relação, v.g. *Aquelle, o qual (d)*².

(c) Alguns Grammaticos chamão *adjectivos articulares* não só aos artigos *o, a*, e aos numeræes 1, 2, 3, 1.º, 2.º, 3.º, como tambem aos pronomes *elle, aquelle, meu, teu, seu, nosso, vosso, quem, que, qual*, aos partitivos *todo, algum, nenhum, cada, qualquer, outro*, e ao adverbio *onde*.

(d) *Cujo* é o mesmo, que *do qual*, e porisso é *relativo*, e *possessivo*, pois relata a um nome antecedente, e concorda com um subsequente.

[p. 7]

1. Alguns Grammaticos dividem os adjectivos em *Articulares* ou *Determinativos*, que determinão o numero e quantidade de individuos de que fallamos; e *Attributivos* ou *Qualificativos* que indicão a sua qualidade. Entrão no numero dos articulares os seguintes: os artigos *O, A*; os numeræes cardeaes como ordinaes; os pronomes *Elle, Este, Esse, Est'outro, Ess'outro, Aquell'outro*; os Possessivos *Meu, Teu, Seu, Nosso, Vosso*: os relativos *Que, Qual, Quem, Cujo*; os distributivos *Outro, Cada, Quemquer, Qualquer*; os universaes *Nenhum, Todo*: os Partitivos *Muitos, Alguns, Os mais* e o adverbio *Onde*.
2. *Cujo* é o mesmo, que *do qual, da qual, dos quæes, das quæes*; e porisso é *relativo* e *possessivo* pois relata a um nome antecedente que indica o possuidor, e concorda com um subsequente, que indica a cousa possuida.

Interrogativo é o que serve para perguntar, v.g. *Quem? Que? Qual?*

Possessivo é o que denota possessão, v.g. *Meu, teu, vosso, etc.*

Primitivo (ou Pessoal) é aquelle que dezigna a pessoa de quem se falla, e que não se deriva de outro: v.g. *Eu, tu, elle, etc.*

Derivado é o que se deriva do primitivo, v.g. *Teu, seu.*

Demonstrativo é aquelle, que demonstra a pessoa ou cousa de que se trata, v.g. *Isso, isto, aquelle.*

Reflexivo é o pronome *Se*, quando a acção do Verbo se emprega no mesmo sujeito de quem se falla, v.g. *João rio-se, Domingos deita-se.* Chama-se reciproco, quando os sujeitos exercitando a acção do Verbo uns sobre os outros, recebem delles acção igual, v.g. *Paulo e Maria amão-se, Dous guerreiros se matão.*

Variações dos Pronomes Eu, Tu, Elle, e Si.

Eu pronome da primeira pessoa tem no singular as variações *me, mim, migo*, e no plural *nos, nós, nosco.*

[p. 8]

Tu pronome da 2.^a pessoa tem no singular as variações *te, ti, tigo*; e no plural *vos, vós vosco.*

Elle pronome da 3.^a pessoa tem no singular *lhe*, e no plural *lhes* tanto para o genero masculino como para o feminino³.

Si pronome reflexivo tem em ambos os numeros e variações *se*, e *sigo*^{4*}.

Do Genero dos Nomes.

Genero é a differença com que os nomes se distinguem conforme o seu sexo: chama-se porisso masculino o nome que puder levar

3. Entendem alguns que *O, A, Os As*, tomados relativamente, quando vem unidos a verbos, tambem são variações de *Elle*; e da mesma sorte *O* tomado invariavelmente.

4. As terceiras pessoas quando se põe em relação consigo mesmos tem em ambos os numeros e variações *se*, e *sigo*.

* Na 4.^a edição (1846), o autor incluiu neste espaço um texto sobre formação dos plurais, o qual transcrevemos no Anexo II.

antes de si o artigo *o*, e feminino o que puder levar o artigo *a**.

Ha [alguns] nomes que se chamão *communis de dous*, porque podendo ter antes de si artigo de qualquer genero, indicação macho ou femea conforme o artigo, que se lhes antepõe, e porisso são masculinos quando significão macho, e femininos quando significão femea, v.g. Artifice, Espia, Guarda, Guia, Homicida, Hypocrita, Intérprete, Martyr, Personagem, Tافل, Vigia, Virgem.

Ha tambem nomes, que com uma só terminação, e um só artigo significão ambos os generos, e se chamão *promiscuos*, ou *epicênos*; v.g. o *papagaio*, *a jararaca*, *a piava*,

[p. 9]

a capivara; que para lhes deznarmos o genero expressamente, devemos diser: *o papagaio femea*, ou *a femea do papagaio*; *a jararaca macho*, ou *o macho da jararaca*, etc.

VERBO.

Verbo é a voz** com que na Oração significamos acção affirmando uma cousa de outra.

O Verbo (quanto á sua significação) ou é Activo, ou Neutro, ou Passivo***.

* Transcrevemos na nota 5 os parágrafos acrescentados pelo autor neste ponto do texto da 4ª edição

5. O genero se regula pela significação ou pela terminação.

Dos que se regulão pela significação, são masculinos os nomes proprios de Homens, Anjos, Deoses falsos, Ventos, Rios, Montes, Mares e Mezes; finalmente os nomes de officios e exercicios proprios de homens. São femininos os nomes proprios de Mulheres, Deosas, Nymphas, Furias, e os nomes de officios e exercicios proprios de mulheres. (*) [Nota de rodapé do texto original da 4ª ed.]

(*) Os nomes de Regiões, Cidades, Villas, Lugares achão-se ordinariamente femininos; e talvez masculinos, referindo-se aos nomes comuns Lugar, Reino, etc. Todavia os nomes proprios usados sempre em um genero não se alterão. Dizemos *O* ou *A Meóthtis*, *O* ou *A Estyge*, segundo o referimos a lago ou a lagôa.

** Na 4ª edição, "Verbo é a **palavra**" (...), p. 13. (grifo nosso)

*** Nota da 4ª edição:

O unico e principal verbo (essencialmente falando) é o verbo *Ser*, por excelencia chamado *Substantivo*, porque elle só é quem exprime a existencia de uma qualidade ou attributo no sujeito da Oração: os outros verbos se chamão *Adjectivos*, porque não sendo senão uma redução e

Activo é o que tem significação transitiva, que se emprega em sujeito diverso da sua significação, v.g. *Amar, Louvar, Defender (e)*.

Neutro é aquelle que tem significação permanente, que se emprega em si mesmo, ou em sujeito de sua mesma significação, v.g. *Voar, ir, vir, morrer*.

(e) Quando a acção do Verbo recáe sobre o mesmo sujeito que a pratica, chamão alguns ao Verbo *reflexivo*, [ou pronominal] v.g. *Eu me compadeço, tu te queixas, elle se enfada*. Chamão tambem *reciproco*, quando os sujeitos fazendo recair a acção do Verbo sobre sujeitos diversos, recebem delles a mesma acção reciprocamente, v.g. *Alegrão-se, defendem-se**; donde se entende não que cada um se alegre, ou defenda a si proprio; porem que ambos se alegrão, e defendem um ao outro.

[p. 10]

Passivo é aquelle, cuja acção é soffrida pelo mesmo sujeito do Verbo; v.g. *Ser ferido, ser louvado (f)*.

O verbo (quanto á sua conjugação) é Regular, ou Irregular.

Regular é o que em tudo segue, e é conforme á conjugação commum.

Irregular (ou Anómalo) é o que se afasta alguma cousa, e não guarda a ordem de sua conjugação (*g*).

As Conjugações regulares são tres (*h*): a 1.^a faz o Infinito em *ar*, a 2.^a em *er*, a 3.^a em *ir*, como *Amar, Entender, Partir*.

(f) Note-se que no nosso idioma não temos verbo passivo *simples*: todos são *compostos*, ou *auxiliados* do verbo *Ser*, ou da particula *Se*: v.g. *João é amado, fia-se lã, tece-se seda*.

expressão abreviada da linguagem substantiva, por ella affirmão a acção (se são activos) ou estado (se são neutros) do sujeito da Oração, na qual servem como de attributo ou predicado: v.g. quando digo: *Eu amo*, é o mesmo que dizer: *Eu sou amante*. Quando digo: *Eu vivo*, é o mesmo que dizer: *Eu sou vivente*, etc.: porém estas explicações são mais proprias de Elementos que de um Compendio.

* Desse ponto até o fim do parágrafo, o autor alterou o texto para: “*Nós nos amamos; Vós vos estimais; Elles se defendem*. Comtudo o verbo assim collocado nem por isso perde a força de activo”.

A partícula *Se* nem sempre apassiva: quando vem unida a verbos neutros indica *espontaneidade* da acção, v.g. *Lá se foi; aqui se ficou; ellas se emmagrecem por seu querer* [nestes casos o sujeito é sempre cousa animada].

(g) Também ha verbos *defectivos e impessoaes* os primeiros carecem de algumas voses, como *Munir, Precaver*: e os segundos só tem as 3.^{as} [terceiras] pessoas : como *Acontece, Apraz*.

(h) Alguns dão uma 4.^a Conjugação ao Verbo *Pôr* e seus compostos, inda [ainda] que outros os contemplão [contemplan] como irregulares de todas as Conjugações, ou só da 2.^a, como os Antigos*.

[p. 11]

Temos tres verbos auxiliares que são *Ter, Haver, e Ser*; os dous primeiros auxilião todos os mais verbos nos tempos compostos, e o verbo *Ser* só os auxilia na voz passiva.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES.

TER

H A V E R

S E R.

MODO INDICATIVO.

TEMPO PRESENTE.

Numero Singular.

Eu tenho	hei	sou
Tu tens	has	és
Elle tem	ha	é

Numero Plural.

Nós temos	hавemos	somos
Vós tendes	haveis	sois
Elles tem	hão	são.

* Desse ponto até o fim do parágrafo, o autor alterou o texto para: "*Nós nos amamos; Vós vos estimais; Elles se defendem*. Comtudo o verbo assim collocado nem por isso perde a força de activo."

PRETÉRITO IMPERFEITO.

Numero Singular.		
Eu tinha	havia	era
Tu tinhas	havia	eras
Elle tinha	havia	era
Numero Plural.		
Nós tínhamos	havíamos	eramos
Vós tinheis	havíeis	ereis
Elles tinham	havião	erão

[p. 12]

PRETERITO PERFEITO.

Numero Singular.		
Eu tive	houve	fui
Tu tiveste	houveste	foste
Elle teve	houve	foi
Numero Plural.		
Nós tivemos	houvemos	fomos
Vós tivestes	houvestes	fostes
Elles tiverão	houverão	forão.

PRETERITO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.		
Eu tenho tido	tenho havido	tenho sido
Tu tens tido	tens havido	tens sido
Elle tem tido	tem havido	tem sido
Numero Plural.		
Nós temos tido	temos havido	temos sido
Vós tendes tido	tendes havido	tendes sido
Elles tem tido	tem havido	tem sido

[p. 13]

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO.

Numero Singular.

Eu tivera	houvera	fora
Tu tiveras	houveras	foras
Elle tivera	houvera	fora

Numero Plural.

Nós tiveramos	houveramos	foramos
Vós tivereis	houvereis	foreis
Elles tiverão	houverão	forão

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tinha tido	tinha havido	tinha sido
Tu tinhas tido	tinhas havido	tinhas sido
Elle tinha tido	tinha havido	tinha sido

Numero Plural.

Nós tínhamos tido	tínhamos havido	tínhamos sido
Vós tinheis tido	tinheis havido	tinheis sido
Elles tinham tido	tinhão havido	tinhão sido

[p. 14]

FUTURO IMPERFEITO.

Numero Singular

Eu terei	haverei	serei (<i>i</i>)
Tu terás	haverás	serás
Elle terá	haverà	serà

Numero Plural.

Nós teremos	haveremos	seremos
Vós tereis	havereis	sereis
Elles terão	haverão	serão

FUTURO IMPERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.		
Eu hei de ter	hei de haver	hei de ser
Tu has de ter	has de haver	has de ser
Elle ha de ter	ha de haver	ha de ser
Numero Plural.		
Nós havemos de ter	havemos de haver	havemos de ser
Vós haveis de ter	haveis de haver	haveis de ser
Elles hão de ter	hão de haver	hão de ser

(i) Também se usa *Teria, Haveria, etc.* no Futuro em relação ao presente, e ao passado denotando incertesa ou possibilidade. [Esta nota foi eliminada na 4ª edição.]

[p. 15]

FUTURO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.		
Eu terei tido	terei havido	terei sido
Tu teràs tido	teràs havido	teràs sido
Elle terá tido	terà havido	terà sido
Numero Plural.		
Nós teremos tido	teremos havido	teremos sido
Vós tereis tido	tereis havido	tereis sido
Elles terão tido	terão havido	terão sido*

* Na 4ª edição, neste ponto, o autor inclui o condicional, o qual constitui o Anexo III.

MODO IMPERATIVO.

FUTURO.

Numero Singular.		
Tem tu*	—	Sê tu
Tende vós	Havei vós	Sede vós

MODO CONJUNCTIVO.

TEMPO PRESENTE.

Numero Singular.		
Eu tenha	haja	seja
Tu tenhas	hajas	sejas
Elle tenha	haja	seja

[p. 16]

Numero Plural.		
Nós tenhamos	hajamos	sejamos
Vós tenham	hajais	sejais
Elles tenham	hajão	sejão

PRETERITO IMPERFEITO.

Numero Singular.		
Eu tivera, tivesse, teria	houvera, houvesse, haveria	fora, fosse, seria
Tu tiveras, tivesses, terias	houveras, houvesse, haverias	foras, fosses, serias
Elle tivera, tivesse, teria	houvera, houvesse, haveria	fora, fosse, seria

* Na 4ª edição, o autor após, neste ponto, a seguinte nota: “Quando exprimimos o Modo Imperativo com negativa, usamos das vozes do Coniunctivo; v.g. *Não tenhas, não sejas, não ameis, etc.*”

Numero Plural.

Nós tiveramos, tivessemos, teríamos	houveramos, houvessemos, haveríamos	foramos, fossemos, seríamos
Vós tivereis, tivesseis, terieis	houvereis, houvesseis, haverieis	foreis, fosseis, serieis
Elles tiverão, tivessem, terião	houverão, houvessem, haverião	forão, fossem, serião

[p. 17]

PRETERITO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tenha tido	tenha havido	tenha sido
Tu tenhas tido	tenhas havido	tenhas sido
Elle tenha tido	tenha havido	tenha sido

Numero Plural.

Nós tenhamos tido	tenhamos havido	tenhamos sido
Vós tendes tido	tendes havido	tendes sido
Elles tenham tido	tenham havido	tenham sido

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO.

Numero Singular.

Eu tivera, ou tivesse	houvera, ou houvesse	fora, ou fosse*
Tu tiveras, ou tivesses	houveras, ou houvesseis	foras, ou fosses
Elle tivera, ou tivesse	houvera, ou houvesse	fora, ou fosse

[p. 18]

* Na 4ª edição, essa conjugação aparece simplificada:

Eu tivesse	houvesse	fosse [...]
Nós tivéssemos	houvéssemos	fossemos [...]

Numero Plural.		
Nós tiveramos, ou tivéssemos	houveramos, ou houvéssemos	foramos, ou fossemos
Vós tivereis, ou tivésseis	houvereis, ou houvesseis	foreis, ou fosseis
Elles tiverão, ou tivessem	houverão, ou houvessem	forão, ou fossem

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.		
Eu tivera, tivesse ou teria tido	tivera, tivesse, ou teria havido	tivera, tivesse, ou teria sido
Tu tiveras, tivesses, ou terias tido	tiveras, tivesses, ou terias havido	tiveras, tivesses, ou terias sido
Elle tivera, tivesse ou teria tido	tivera, tivesse, ou teria havido	tivera, tivesse, ou teria sido

Numero Plural.		
Nós tiveramos, tivessemos, ou teríamos tido	tiveramos, tivéssemos, ou teríamos havido	tiveramos, tivéssemos, ou teríamos sido
Vós tivereis, tivésseis, ou terieis tido	tivereis, tivésseis, ou terieis havido	tivereis, tivésseis, ou terieis sido
Elles tiverão, tivessem, ou terião tido	tiverão, tivessem, ou terião havido	tiverão, tivessem, ou terião sido

[p. 19]

FUTURO.

Numero Singular.		
Eu tiver	houver	fôr
Tu tiveres	houveres	fôres
Elle tiver	houver	fôr

Numero Plural.

Nós tivermos	houvermos	formos
Vós tiverdes	houverdes	fordes
Elles tiverem	houverem	forem

FUTURO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tiver tido	tiver havido	tiver sido
Tu tiveres tido	tiveres havido	tiveres sido
Elle tiver tido	tiver havido	tiver sido

Numero Plural.

Nós tivermos tido	tivermos havido	tivermos sido
Vós tiverdes tido	tiverdes havido	tiverdes sido
Elles tiverem tido	tiverem havido	tiverem sido (j)

(j) Alem dos tempos, que aqui vão mencionados, ha muitos outros Circunloquios, como *houver de ter*, *havia de ter*, etc. : e muitas veses tambem disemos *tenho de ter* em lugar de *bei de ter*, *havia tido* em lugar de *tinha tido*, etc.

[p. 20]

MODO INFINITIVO.

TEMPO PRESENTE IMPESSOAL.

Ter	Haver	Ser
-----	-------	-----

TEMPO PRESENTE PESSOAL.

Numero Singular.

Ter eu	Haver eu	Ser eu
Teres tu	Haveres tu	Seres tu
Ter elle	Haver elle	Ser elle

Numero Plural.		
Termos nós	Havermos nós	Sermos nós
Terdes vós	Haverdes vós	Serdes vós
Terem elles	Haverem elles	Serem elles

PRETERITO IMPESSOAL.

Ter tido	Ter havido	Ter sido
----------	------------	----------

PRETERITO PESSOAL.

Numero Singular.		
Ter eu tido	Ter eu havido	Ter eu sido
Teres tu tido	Teres tu havido	Teres tu sido
Ter elle tido	Ter elle havido	Ter elle sido

[p. 21]

Numero Plural.		
Termos nós tido	Termos nós havido	Termos nós sido
Terdes vós tido	Terdes vós havido	Terdes vós sido
Terem elles tido	Terem elles havido	Terem elles sido

FUTURO IMPESSOAL.

Haver de ter	—	Haver de ser
--------------	---	--------------

FUTURO PESSOAL.

Numero Singular.		
Haver eu de ter	—	Haver eu de ser
Haveres tu de ter	—	Haveres tu de ser
Haver elle de ter	—	Haver elle de ser

Numero Plural.		
Havermos nós de ter	—	Havermos nós de ser
Haverdes vós de ter	—	Haverdes vós de ser
Haverem elles de ter	—	Haverem elles de ser

[p. 22]

GERUNDIO E PARTICIPIO DO PRESENTE (k).

Tendo	Havendo	Sendo
SUPINO.*		
Tido	Havido	Sido
PARTICIPIO DO PRETERITO.		
Tido, a	Havido, a	— (l)

(k) Alguns autores parece tomarem o Gerundio e Participio do Presente pela mesma cousa; outros porem classificão como Gerundios as terminações em *ando*, *endo*, *indo*, como *amando*, *crendo*, *contribuindo*; e como Participios as terminações em *ante*, *ente*, *inte*, como *amante*, *crente*, *contribuinte*: destes usão-se alguns sem variação de numero, como *Durante*, etc.

(l) A differença, que ha entre Supino e Participio, é que o *Supino* é sempre *invariavel tanto em genero como em numero*, e o Participio varia não só em genero como em numero. O Supino entra na composição dos Verbos activos, e na dos que se apassivão com a particula *Se*: v.g. tenho *comido* frutas, tem-se *tecido* sedas, ellas se tem *tornado* melhores. O participio entra sempre na composição dos Verbos passivos auxiliados do *Ser*: e algumas veses entra na Oração sòmente com força de adjectivo. Note-se que os Verbos activos todos tem Supino e Participio, e que os neutros tem só Supino.

[p. 23]

CIRCUNLOQUIO.**

Tendo tido	Tendo havido	Tendo sido
CIRCUNLOQUIO		
Tendo ou havendo tido	Tendo havido	Tendo ou havendo sido
Havendo de ter	Tendo havido	Havendo de ser

* Na 4ª edição, o termo “supino” é substituído por “participio preterito”.

** Na 4ª edição há a seguinte modificação:

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES.

AR

ER

IR.

MODO INDICATIVO.

TEMPO PRESENTE.

Numero Singular.		
Eu amo	entendo	parto
Tu amas	entendes	partes
Elle ama	entende	parte

Numero Plural.		
Nós amamos	entendemos	partimos
Vós amais	entendeis	partis
Elles amão	entendem	partem

[p. 24]

PRETERITO IMPERFEITO.

Numero Singular		
Eu amava	entendia	partia
Tu amavas	entendias	partias
Elle amava	entendia	partia

Numero Plural.		
Nós amavamos	entendíamos	partíamos
Vós amaveis	entendieis	partieis
Elles amavão	entendião	partião

PRETERITO PERFEITO.

Numero Singular.		
Eu amei	entendi	parti
Tu amaste	entendeste	partiste
Elle amou	entendeu	partiu

Numero Plural.

Nós amamos	entendemos	partimos
Vós amastes	entendestes	partistes
Elles amarão	entenderão	partirão

[p. 25]

PRETERITO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tenho amado	tenho entendido	tenho partido
Tu tens amado	tens entendido	tens partido
Elle tem amado	tem entendido	tem partido

Numero Plural.

Nós temos amado	temos entendido	temos partido
Vós tendes amado	tendes entendido	tendes partido
Elles tem amado	tem entendido	tem partido

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO.

Numero Singular.

Eu amara	entendera	partira
Tu amaras	entenderas	partiras
Elle amara	entendera	partira

Numero Plural.

Nós amaramos	entenderamos	partiramos
Vós amáreis	entenderéis	partireis
Elles amarão	entenderão	partirão

[p. 26]

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tinha amado	tinha entendido	tinha partido
Tu tinhas amado	tinhas entendido	tinhas partido
Elle tinha amado	tinha entendido	tinha partido

Numero Plural.

Nós tínhamos amado	tínhamos entendido	tínhamos partido
Vós tinheis amado	tinheis entendido	tinheis partido
Elles tinhão amado	tinhão entendido	tinhão partido

FUTURO IMPERFEITO.

Numero Singular

Eu amarei	entenderei	partirei
Tu amarás	entenderás	partirás
Elle amarará	entenderá	partirá

[p. 27]

Numero Plural.

Nós amaremos	entenderemos	partiremos
Vós amareis	entendereis	partireis
Elles amararão	entenderão	partirão

FUTURO IMPERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu hei de amar	hei de entender	hei de partir
Tu has de amar	has de entender	has de partir
Elle ha de amar	ha de entender	ha de partir

Numero Plural.

Nós havemos de amar	havemos de entender	havemos de partir
Vós haveis de amar	haveis de entender	haveis de partir
Elles hão de amar	hão de entender	hão de partir

FUTURO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu terei amado	terei entendido	terei partido
Tu terà amado	terà entendido	terà partido
Elle terá amado	terà entendido	terà partido

[p. 28]

Numero Plural.

Nos teremos amado	teremos entendido	teremos partido
Vós tereis amado	tereis entendido	tereis partido
Elles terãõ amado	terãõ entendido	terãõ partido*

MODO IMPERATIVO.

FUTURO.

Numero Singular.

Ama tu	entende tu	parte tu
--------	------------	----------

Numero Plural.

Amai vós	entendei vós	partí vós
----------	--------------	-----------

MODO CONJUNCTIVO.

TEMPO PRESENTE.

Numero Singular.

Eu ame	entenda	parta
Tu ames	entendas	partas
Elle ame	entenda	parta

[p. 29]

Numero Plural.

Nós amemos	entendâmos	partâmos**
Vós ameis	entendais	partais
Elles amem	entendãõ	partãõ

* Assim como para a 1.^a conjugação, o autor inclui neste ponto no modo indicativo o *condicional*, que vai conjugado no Anexo III.

** Na 4.^a edição, o autor acentua com circunflexo as vogais temáticas das 1.^a e 2.^a do plural dos verbos de 2.^a e 3.^a conjugação:

Nós amemos	entendâmos	partâmos
------------	------------	----------

PRETERITO IMPERFEITO.*

Numero Singular.		
Eu amara, amasse, ou amaria	entendera, entendesse, ou entenderia	partira, partisse, ou partiria
Tu amaras, amasses, ou amarias	entenderas, entendesses, ou entenderias	partiras, partisses, ou partirias
Elle amara, amasse, ou amaria	entendera, entendesse, ou entenderia	partira, partisse, ou partiria
[p. 30]		
Numero Plural.		
Nós amaramos, amassemos, ou amariamos	entenderamos, entendessemos, ou entenderíamos	partiramos, partissemos, ou partiríamos
Vós amareis, amasseis, ou amarieis	entenderéis, entendesseis, ou entenderíeis	partireis, partisseis, ou partiríeis
Eles amarão, amassem, ou amarião	entenderão, entendessem, ou entenderião	partirão, partissem, ou partirião

PRETERITO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.		
Eu tenha amado	tenha entendido	tenha partido
Tu tenhas amado	tenhas entendido	tenhas partido
Elle tenha amado	tenha entendido	tenha partido
[p. 31]		
Numero Plural.		
Nós tenhamos amado	tenhamos entendido	tenhamos partido
Vós tendes amado	tendes entendido	tendes partido
Elles tenham amado	tenham entendido	tenham partido

* Na 4ª edição, o autor simplifica a conjugação desse tempo, como fez para os verbos auxiliares:

Eu amasse	entendesse	partisse [...]
-----------	------------	----------------

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO.

Numero Singular.		
Eu amara, ou amasse	entendera, ou entendesse	partira, ou partisse
Tu amaras, ou amasses	entenderas, ou entendesses	partiras, ou partisses
Elle amara, ou amasse	entendera, ou entendesse	partira, ou partisse
Numero Plural.		
Nós amaramos, ou amassemos	entenderamos, ou entendessemos	partiramos, ou partissemos
Vós amáreis, ou amasseis	entenderéis, ou entendesseis	partireis, ou partissey
Elles amarão, ou amassem	entenderão, ou entendessem	partirão, ou partissem

[p. 32]

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.		
Eu tivera, tivesse, ou teria amado	tivera, tivesse, ou teria entendido	tivera, tivesse, ou teria partido
Tu tiveras, tivesses, ou terias amado	tiveras, tivesses, ou terias entendido	tiveras, tivesses, ou terias partido
Elle tivera, tivesse, ou teria amado	tivera, tivesse, ou teria entendido	tivera, tivesse, ou teria partido
Numero Plural.		
Nós tiveramos, tivéssemos, ou teríamos amado	tiveramos, tivéssemos, ou teríamos entendido	tiveramos, tivéssemos, ou teríamos partido
Vós tiveréis, tivésseis, ou teríeis amado	tiveréis, tivésseis, ou teríeis entendido	tiveréis, tivésseis, ou teríeis partido
Elles tiverão, tivessem, ou terião amado	tiverão, tivessem, ou terião entendido	tiverão, tivessem, ou terião partido

[p. 33]

FUTURO.

Numero Singular.

Eu amar	entender	partir
Tu amares	entenderes	partires
Elle amar	entender	partir

Numero Plural.

Nós amarmos	entendermos	partirmos
Vós amardes	entenderdes	partirdes
Elles amarem	entenderem	partirem

FUTURO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tiver amado	tiver entendido	tiver partido
Tu tiveres amado	tiveres entendido	tiveres partido
Elle tiver amado	tiver entendido	tiver partido

Numero Plural.

Nós tivermos amado	tivermos entendido	tivermos partido
Vós tiverdes amado	tiverdes entendido	tiverdes partido
Elles tiverem amado	tiverem entendido	tiverem partido

[p. 34]

MODO INFINITIVO.

TEMPO PRESENTE IMPESSOAL.

Amar	Entender	Partir
------	----------	--------

TEMPO PRESENTE PESSOAL.

Numero Singular.

Amar eu	Entender eu	Partir eu
Amare tu	Entenderes tu	Partires tu
Amar elle	Entender elle	Partir elle

Numero Plural.

Amarmos nós	Entendermos nós	Partirmos nós
Amardes vós	Entenderdes vós	Partirdes vós
Amarem elles	Entenderem elles	Partirem elles

PRETERITO IMPESSOAL.

Ter amado	Ter entendido	Ter partido
-----------	---------------	-------------

[p. 35]

PRETERITO PESSOAL.

Numero Singular.

Ter eu amado	Ter eu entendido	Ter eu partido
Teres tu amado	Teres tu entendido	Teres tu partido
Ter elle amado	Ter elle entendido	Ter elle partido

Numero Plural.

Termos nós amado	Termos nós entendido	Termos nós partido
Terdes vós amado	Terdes vós entendido	Terdes vós partido
Terem elles amado	Terem elles entendido	Terem elles partido

FUTURO IMPESSOAL.

Haver de amar	Haver de entender	Haver de partir
---------------	-------------------	-----------------

[p. 36]

FUTURO PESSOAL.

Numero Singular.

Haver eu de amar	Haver eu de entender	Haver eu de partir
Haveres tu de amar	Haveres tu de entender	Haveres tu de partir
Haver elle de amar	Haver elle de entender	Haver elle de partir

Numero Plural.		
Havermos nós de amar	Havermos nós de entender	Havermos nós de partir
Haverdes vós de amar	Haverdes vós de entender	Haverdes vós de partir
Haverem elles de amar	Haverem elles de entender	Haverem elles de partir

GERUNDIO E PARTICIPIO PRESENTE.

Amando	Entendendo	Partindo
--------	------------	----------

SUPINO.*

Amado	Entendido	Partido
-------	-----------	---------

[p. 37]

PARTICIPIO DO PRETERITO.

Amado, a	Entendido, a	Partido, a
----------	--------------	------------

CIRCUNLOQUIO.**

Tendo amado	Tendo entendido	Tendo partido
-------------	-----------------	---------------

DOS VERBOS IRREGULARES

A irregularidade dos Verbos consiste em não guardarem as regras communs da Conjugação a que pertencem, e porisso apresentarei aqui alguns exemplos.

* Na 4ª edição, o termo “supino” é substituído por “particípio do preterito”.

** Na 4ª edição, o termo se pluraliza e a conjugação se amplia:

CIRCUNLOQUIO

Tendo ou havendo amado	Tendo ou havendo entendido	Tendo ou havendo partido
Havendo de amar	Havendo de entender	Havendo de partir

1.^a CONJUGAÇÃO.

Cegar, Dar, Enxugar, Estar, Ficar, Pagar, Vagar, (*m*) e outros.

(m) *Cegar* faz *ceguei*: muda o *gei* em *guei*. *Dar* faz *déra*: muda o *a* em *e*. *Enxugar*, *Pagar*, e *Vagar* tem a mesma irregularidade que *Cegar*. *Estar* faz *estive*: muda o *ei* em *ive*, etc. etc. *Saber* faz *soube*, e *saiba*: *Trazer*, *trouxe*, *traga*, *traria*: *Ir*, *fui*, *vá*: *Vir*, *vim*, *viera*, *venha*, etc. etc. Observe-se que a irregularidade de um tempo promove a irregularidade de todos os mais, que delle se formão.

[p. 38]

2.^a CONJUGAÇÃO.

Aprazer, Caber, Crer, Dizer, Fazer, Jazer Haver, Ler, Perder, Poder, Proteger, Querer, Saber, Ter, Ser, Trazer, Valer, Vèr, e outros.

3.^a CONJUGAÇÃO.

Cair, Cobrir, ir, Luzir, Medir, Ouvir, Polir, Rir, Sair, Servir, Subir, Tossir, Vir, e outros.

PARTICÍPIO.

Participio é uma parte de Oração, que participa juntamente da natureza do Nome e do Verbo, isto é, tira do Nome o genero, e do Verbo o tempo e a acção; v.g. *amante*, *amado* (*n*).

(n) Ha alguns participios activos derivados de verbos latinos, que não recebemos; como são *adjacente*, *inherente*, *paciente*, e outros, que alguns não querem que sejam participios. Os gerundios semelhantes aos participios se usão ás veses promiscuamente.

[p. 39]

O Participio de ordinario é incluído nas Conjugações.

O Participio do preterito nem sempre é igual ao Supino, como se vê nos exemplos seguintes: *Enxugar* faz *enxugado*, e *enxuto*: *Suspender* faz *suspendido*, e *suspensio*: *Affligir* faz *a affligido*, e *afflicto*; e assim alguns outros mais.

ADVERBIO.

Adverbio é uma palavra indeclinavel, que unida ao Nome, ou ao Verbo, lhes modifica a sua significação: v.g. *Muito* bom: *não* presta (*o*).

Os adverbios quanto á *fôrma* são;

Simplices, como Hontem, hoje, sim, logo, etc.

Compostos, como Antehontem, Assimcomo, etc.

E *Derivados*, como Fielmente, Brevemente, etc.

Os Adverbios quanto á *significação* são:

De *Quantidade e de comparar*: assás, muito,

(o) Neste exemplo *muito* e *não* são os adverbios: o primeiro modifica o adjectivo; o segundo modifica o verbo.

[p. 40]

mais, menos, melhor, pouco, quão, quanto, taõ, tanto.

De *Qualidade ou de modo*: acinte, bem, conforme, mal, segundo (*p*).

De *tempo*: agora, ainda, antehontem, amanhã, atégora, cèdo, entretanto, entaõ, hoje, hontem, ja, logo, nunca, ora, quando, sempre, tarde.

De *lugar*: Ali, ahi, aqui, acolá, algures, cá, lá, onde.

De *ordem*: Antes, avante, antesque, depois, ultimamente, primeiroque, quasi.

De *perguntar*: Atéquando? como? como assim? porque?

De *affirmar*: Assim, certamente, poisnaõ, sim.

De *negar*: Ainda naõ, jamais, naõ, nada, taõpouco.

De *mostrar*: Eis, (*q*) eisaquí, eisalí, eisahí.

(p) Querem alguns que *Conforme*, e *Segundo* sejam Preposições; porem são adjectivos, e algumas veses se tomão como adverbios ellipticamente, v.g. *Deve morrer segundo a lei*, segundo *as ordens*, i. é. segundo a lei *manda*, segundo *são as ordens*. *Julgou conforme as leis*, i. é. conforme *as leis dispõe*: conforme *os poderes*, i. é. conforme são os poderes*.

* Salvo os itálicos da primeira linha da nota (p), os demais aparecem somente na 4ª edição

(q) *Eis* passa por advérbio; mas parece a 2.^a pessoa do presente do Indicativo do verbo *Haver* no plural: *Eis-me* [*Eis me*] por *heis-me*, ou *haveis-me*. *Eis-me* aqui, que me quereis? é o mesmo que aqui me tendes, que me quereis?

[p. 41]

De *duvidar*: Aliás, porventura, quiçá, talvez.

De *excluir*: Apenas, excepto, só, sómente salvo (*r*)*.

CONJUNÇÃO.

Conjunção é uma palavra indeclinável, que serve para ajuntar uma palavra, ou Oração com outra.

As Conjunções são:

Copulativas: E, mais, outro sim, também.

Disjunctivas: Já, nem, ou, ora, quer.

Comparativas: Assim, assimcomo, bemcomo, como, assimtambem.

Adversativas: Aindassim, aindaque, comtudo, mas, porem, posto-que, sebem, todavia.

(r) O demasiado uso das palavras *Excepto*, e *Salvo* sem variedade de genero nem de numero tem feito que esquecendo-nos de sua qualidade primitiva, os contemplemos no numero dos Advérbios.

[p. 42]

Causaes: Porque, porquanto, poisque, paraque.

Condicionaes: Ainda que, comtantoque, se, senão, semque.

Declarativas: Que (*s*), a saber, assimcomo, (*verbi gratia*).

Concluzivas: Logo, Peloque, portanto, comque.

PREPOSIÇÃO.

Preposição é uma palavra indeclinável que serve para reger os nomes, e para compor diferentes palavras. As que regem nomes alem de outras muitas (*t*) são as seguintes:

* Há o seguinte parágrafo incluído nesse ponto:

O advérbio ordinariamente vale por um nome regido de preposição, e por isso alguns tomão como advérbios as frases adverbiais A cerca, A pezar, etc.

(s) Os Grammaticos por facilidade de regencia tomão *Que* como conjunção; mas note-se que se uza ellipticamente; pois dizer – *fez que elle fosse desgraçado, e digo que amo a Pedro* é o mesmo que dizer – *fez cousa com que elle fosse desgraçado, e digo esta coisa, que é, amo a Pedro*.

(t) Querem alguns classificar como Preposições os adverbios *Alem, Depois*, e outros; mas eu entendo que elles não podendo ligar-se a um nome se não por meio de uma preposição, (que ordinariamente é a preposição *De*, ou *Em*), porisso unidos á ella nada mais podem fazer, que ajudar, a modificar a circumstancia por ella regida. Moraes dà a seguinte regra para se conhecerem as preposições “Tudo que não faz variar os nomes *Eu, Tu, Elle* em *Mim, Ti, Si*, não é preposição”.

[p. 43]

A, após, ante, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sobre, sem, sob (*u*).

INTERJEIÇÃO.

Interjeição é uma voz indeclinavel, que exprime por si só varios affectos e paixões de nossa alma.

As Interjeições são:

De *dor*: A! Ai! Hui! Guai!

De *aversão*: Apage, fora, irra!

De *incitar*: Eia, olá!

De *espanto*: Ahi! apre!

De *suspender*: Tá....

De *desejo*: Oxalá!

De *chamar*: O’ Siu.

De *prazer, pezar, admiração, sobresalto*: Ah! oh!

De *riso*: Ha! ha!

(u) As que servem para compòr differentes palavras são: *A, Ab, ad, ante, com, contra, circum, de, dis, des, en, entre, in, inter, intrò, ob, per, pre, pró, pos, re, retró, se, sob, sobre, super, e trans*.

[p. 44]

PARTE 2.^A

DA SYNTAXE*.

A Syntaxe ou é natural, ou figurada.

Syntaxe natural é a que se funda nas regras ordinarias da Grammatica.

Syntaxe figurada é a que consiste no uso das figuras.

A Syntaxe natural ou é de Concordancia, ou de Regencia: na de Concordancia a relação de certas partes da Oração exige que ellas tenham entre si conformidade de genero, ou de numero, ou de pessoa: e na de Regencia a relação de certas partes da Oração exige que o Verbo ou a Preposição possa reger o nome Substantivo, o Pronome, a Oração, ou o simples Verbo do Infinito, e mesmo algumas outras partes da Oração.

A Concordancia do adjectivo, pronome, e participio com o seu substantivo exige conformidade de genero e numero; v.g. *Bons*

[p. 45]

meninos; estes homens; probidade conhecida (v).

A Concordancia do Verbo com seu sujeito exige conformidade de numero e pessoa: v.g. *Vós estudais: a Mocidade trabalha (x).*

O Sujeito da Oração é aquelle que exercita a acção do Verbo: v.g., *Os meninos* estudão: *vós* aprendeis (*y*).

O Predicado é aquillo que se affirma, ou nega do Sujeito: v.g., *João é bom*: os estudos são *necessarios (z).*

O Paciente ou Predicado regido é aquelle que soffre a acção do Verbo: v.g., *Vós aprendeis Grammatica*: o mestre instrue os *discipulos (a).*

* Esta parte introdutória do capítulo da syntaxe foi bem alterada na 4ª edição, razão por que a reproduzimos no Anexo IV.

CIRCUNSTANCIAS.

Sobre as preposições que devem reger as

(v) *Bons* é o adjectivo; *este* o pronome; *conhecida* o particípio.

(x) *Estudais* concorda com *vós* na 2.^a pessoa do plural; e *trabalha* concorda com *mocidade* na 3.^a do Singular.

(y) *Meninos*, e *vós* são os Sujeitos, ou Agentes.

(z) *Bem*, e *necessarios* são os Predicados.

(a) *Grammatica*, e *discipulos* são os pacientes.

[p. 46]

circunstancias de uma Oração não se póde estabelecer regra certa: as circunstancias podem ser regidas daquellas preposições, que parecerem mais convenientes á Oração. Por meio de exemplos farei uma exposição mais clara das circunstancias, e das preposições que as regem: sirvão de exemplo as seguintes:

De Lugar:	Vós estais <i>na cidade</i> (lugar onde). O menino foi achado <i>entre o povo</i> (lugar onde). Passão os soldados <i>pela rua</i> (lugar por onde). Vem a guarda <i>para Palacio</i> (lugar para onde). Cada um veio de <i>sua casa</i> (lugar donde).
Fim:	As horas são proprias <i>para a lição</i> .
Cauza:	Os debochados abreviãõ seus dias <i>por sua culpa</i> . O menino morreu <i>de bexigas</i> .
Modo:	A lição estuda-se <i>com attenção</i> . Hontem passei <i>a cavallo</i> .
Companhia:	Ahi vem Matheus <i>com seu amigo</i> .
Qualidade (a q' tam- bem chamãõ louvor, ou vituperio):	Judas foi <i>de máo character</i> . Domingos é de boa conducta.

[p. 47]

Instrumento:	Feriste-me <i>com a espada</i> .
Possessão:	Esta casa é de um <i>meu amigo (b)</i> .
Tempo:	Este edificio foi feito <i>a 12 annos</i> . Havemos de passear <i>de tarde</i> . Isto me aconteceu em muitas ocasiões.
Termo d'acção:	Dei meus livros <i>a Pedro</i> . Concedeste- <i>me</i> a tua amizade.
Acquisição ou Attribuição (a que outros chamão perda ou proveito):	Francisco tem sido util <i>a sua mãe</i> . As más companhias são prejudiciaes <i>aos meninos</i> .

(b) A possessão muitas vezes se manifesta por um adjectivo, v.g. *Fasenda Nacionai, Paço Real*, etc. etc.

[p. 48]

Materia:	Possúo um grande canhão <i>de bronze</i> .
Distancia:	A minha chácara [quinta] dista daqui <i>duas leguas</i> , i.é. <i>por duas leguas</i> .
Preço:	Comprei todos os meus livros <i>por cincoenta doblas</i> . Vendi cada volume <i>a quatro patacas</i> .
Princípio ou parte, donde alguma acção procede:	Toda a minha desgraça proveio <i>de minha má conducta (c)</i> .
Objecto, a que se dá opposição, inimidade, ou máo intento:	Aquella embarcação vem <i>contra a corrente</i> . O Juiz votou <i>contra mim</i> . O impio falla <i>contra Deos</i> .

[Comparação, denotando *excesso, igualdade ou inferioridade*:
Antônio ecede a Pedro em *sabedoria* (excesso).
Portugal é inferior à França em *população* (inferioridade)]*

(c) Ha muitas circunstancias que não trazem preposição clara; v.g. cada dia, todos os mezes, vou vèr, vais passear: que se deve entender *em cada dia, em todos os mezes, vou a vèr, vais a passear*, etc.

[p. 49]

Uma só oração pode muitas vezes ser revestida de muitas circunstancias, como se observa no exemplo seguinte – *Um assassino de mãos costumes, propenso á maldade, teve a tres dias, no patibulo, por um crime atroz, uma cruel morte determinada pelos juizes, com muito horror de todo o povo, para correcção dos mãos*: neste exemplo se observa uma só oração contendo relações de qualidade, attribuição, tempo, lugar, cauza, modo, possessão, e fim.

Algumas circunstancias não podendo significar physicamente as relações da oração muitas vezes as significão figuradamente; a que alguns Grammaticos chamão *virtuaes*: v.g. A má vontade nasce *do coração*: o ódio nasceu *da inveja*: Tão sublimes couzas nunca me passarão *pela imaginação* (d).

Uma oração, e mesmo qualquer parte de Oração muitas vezes serve de Sugeito, Paciente, ou Circunstancia: v.g. Hoje quero *vèr*

(d) As palavras *coração, inveja, e imaginação* estão indicando relações de lugar *virtualmente*. Nos tres exemplos acima, cujas relações são indicadas pela preposição *contra*, pode-se dizer tambem que o primeiro indica opposição *physicamente*, e os outros dous *moralmente*.

[p. 50]

as carreiras: Um meu amigo alcançou *ser General*: *Ser applicado* é couza necessaria ao Estudante: *Hoje* é um adverbio de tempo.

Tambem ha circunstancias oracionaes (a que os Latinos chamão Ablativos absolutos ou oracionaes) as quaes ordinariamente são re-

* Trecho acrescido na edição de 1846, p. 49.

gidas de preposições occultas: v.g. *Concluido o negocio: Governando Nero*; que é o mesmo que *Depois de concluido o negocio; Em governando Nero*. Chamão-se oracionaes, porque dellas se podem formar Orações: v.g. *Depois que o negocio se concluiu: Quando Nero governava.*

VERBO PASSIVO.

A fórma passiva dos Verbos suppre-se com o verbo *Ser* unido aos participios do preterito, ou com o verbo activo ajuntando-se-lhe o pronome *Se*, v.g. *Elles são amados: tu foste defendido: nada se fez: o negocio transtornou-se.*

A oração da voz activa muda-se para a passiva deste modo: O paciente passa para sugeito; o verbo muda-se para a passiva no mesmo tempo, e em pessoa correspondente ao Sugeito; e o sugeito se toma como circumstancia necessaria depois do verbo

[p. 51]

regida da preposição *por* ou *de*: v.g.*. *Scipião venceu Annibal: Annibal foi vencido por Scipião. As preposições regem os nomes Substantivos: os nomes substantivos são regidos das preposições**.*

SYNTAXE FIGURADA***.

Syntaxe figurada é a compozição mais elegante das partes da oração. Esta consiste no uso das figuras, e por meio dellas augmentamos, diminuímos, ou transpomos palavras em uma oração; donde vem que as podemos reduzir a tres, que são *Pleonasmo, Ellypse, e Hypérbato.*

* Nota aduzida pelo autor na 4.^a edição: “Scipião na Oração da voz activa não só é Sugeito, como Agente; e na voz passiva não é Sugeito, mas sim uma circumstancia necessaria servindo de Agente. O mesmo que se diz de Scipião nas duas primeiras orações, se diz igualmente de Preposições nas duas ultimas.”

** Nota aduzida pelo autor na 4.^a edição: “Em latim o que era accusativo na voz activa, passa para nominativo sugeito do verbo passivo; e o que na oração, activa era nominativo, na passiva passa para ablativo.”

*** Na 4.^a edição o autor incluiu logo depois do estudo do verbo passivo e antes do capítulo da “Syntaxe figurada” o texto “Das orações”, que reproduzimos no Anexo V.

PLEONASMO é quando usamos de palavras superfluas em uma oração. Usamos desta figura para dar mais força ao que dizemos: v.g. Eu te vejo com *os meus olhos*: quando Andre *subia para cima*, Vicente descia *para baixo*.

ELLYPSE é quando na oração faltaõ palavras, que se devem supprir para ficar o sentido perfeito: v.g. *A Deos; Bons dias; Eis* [p. 52]
o teu amigo. (e) A esta figura se podem reduzir as quatro seguintes.

Enállage é quando na oração se põe uma parte por outra, um numero por outro, etc. v.g., Este *viver* nos incommoda (*f*).

Zeugma é uma especie de Ellypse, pela qual o que falta na oração não se suppre com palavras de fóra; mas sim com palavras da oração vizinha: v.g. *O mercador se deleita no trato; o lavrador no campo; e o bom Frade na Religião. Os dias d'Inverno são frios, e ventosos.*

Syllépse é quando muitos sugeitos do numero singular podem levar o Verbo ao plural; ou quando um só adjectivo no plural concorda com muitos substantivos do singular; e tambem quando o Verbo ou adjectivo não concorda com todos; mas sim com o mais nobre: v.g. *Joaquim e João são estudiozos: Tu e teu irmão sois socegados: Eu e tu estamos bons.*

(e) No 1.º exemplo faltão as palavras – *eu te deixo*: no 2.º *Deos te dê*; e no 3.º *chegou*, ou *tendes*.

(f) *Viver* em lugar de *vida*.

[p. 53]

Synthese é quando o adjectivo ou verbo não concorda com o substantivo que está claro; mas sim com outro, que se subentende: v.g. *Grande parte* do Exercito vem cançados: Estavaõ na escola *uma infinidade* de Estudantes.

HYPÉRBATO é quando na oração não se guarda a collocação natural das palavras: v.g. *São livres os Rio-Grandenses: A's injusti-*

ças não são propensos os homens de bem. Ha diversas qualidades de Hyperbato, cujos nomes são os que adiante, se seguem.

Tmésis é quando uma palavra composta se divide em duas, mettendo-se-lhe de per meio outra: v.g. *Amar-vos-hei: confundir-nos-hemos.*

Anástrophe é quando certas palavras, que deviaõ estar antes de outras, estão depois: v.g. os mesmos exemplos acima, que para ficarem em ordem natural deviaõ ser: *Hei de amar-vos: havemos de confundir-nos.*

Paréntesis é quando se interrompe a oração, e de permeio se mette outra'alheia do sentido, que vai seguindo: v.g. Alexandre viveu (segundo dizem) 32 annos.

[p. 54]

Synchesis é quando se confunde toda a ordem das palavras: v.g.

Entre todos c'ò dedo eras notado

Lindos moços d'Arzilla em galhardia.

A ordem natural das palavras é – *Em galhardia eras notado com o dedo entre todos os lindos moços d'Arzilla.*

Observações necessarias aos principiantes para facilidade da regencia.

1.^a As circumstancias, que indicão *possessão*, sempre vem depois de substantivo claro, ou occulto; e as que significão *lugar donde*, ordinariamente vem depois de verbo.

2.^a O *termo d'acção* costuma vir depois de verbo activo, ou do seu paciente; e a *attribuição* depois de adjectivo.

3.^a A cousa, ou pessoa, com quem se falla, de ordinario é precedida da interjeição O'*

4.^a O verbo *haver*, quando não auxilia, é sempre activo, e costuma vir com sугeito

[p. 55]

* Trecho incluído e na 4.^a edição: “e não admite artigo antes de si.”

oculto; v.g. *Ha frutas, ha homens, em mim ha dous eus*; estas Sentenças ellipticas devem ser suppridas com as palavras seguintes: no 1.º exemplo subentende-se *a terra*, no 2.º *a especie humana*, e no 3.º *o meu individuo*.

5.^a O adverbio *onde* costuma pôr-se na oração *relativamente* exprimindo o mesmo que *em a qual parte, em o qual lugar*; e costuma tambem ser regido das preposições *de, por, e para**.

6.^a A conjunção *E, ou Ou* no principio de uma oração indica que esta oração tem a mesma qualidade, que a antecedente, isto é, se a oração antecedente é principal, esta tambem o será; e se é incidente, esta o será igualmente. As outras conjunções copulativas, disjunctivas, e adversativas tem ordinariamente a mesma applicação.

7.^a Todas as veses que no principio de uma oração antes de apparecer o verbo, concorrer o relativo *que*, entende-se que o primeiro verbo, que apparecer, inda não é o da primeira oração; v.g. *Os meninos, que estudarem, saberaõ a lição: o mesmo se entenderá* [p. 56]

quando o *que* apparecer corn character de conjunção**.

8.^a *Aquillo, isso, isto, e tudo* são variações d'*Aquelle, esse, este, e todo*, que concordão com substantivos, cujos nomes não queremos, ou não podemos nomear: podem tomar-se na oração como substantivos; e quando se lhes ajuntão adjectivos, sempre são na terminação masculina: v.g. *Tudo isso é bom, isto é bem dito, aquillo é bonito*. Inda que o pronome *alguem* tambem seja variação *de algum*, comtudo este só se applica a pessoas de um ou outro sexo, e denota um individuo indeterminado***.

* Trecho incluído na 4ª edição: “Tambem com estas preposições, ou sem ellas se usa interrogativamente, (...)”

** Trecho reformulado na 4ª edição: “Todas as vezes que no principio de uma oração antes de apparecer o verbo, concorrerem os relativos *Que, Qual, Cujo e Onde* (...)”

*** Na 4ª edição (p. 57), este último período foi modificado para: “Inda que os pronomes *Alguem Ninguem e Outrem* tambem sejam variações de *Algum, Nenhum e Outro*, comtudo estes só se applicão a pessoas de um ou outro sexo, e denotam individuos indeterminados.”

9.^a Para se conhecer quando o *Se* é reflexivo, ou quando apassiva o verbo, indague-se primeiro se o sujeito da oração tem força suficiente para exercer sobre si a acção do verbo: se tem, o *Se* é reflexivo; se não tem, o verbo é passivo, v.g. Queimaraõ-*se* os campos; meu amigo confiou-*se* de mim: no 1.^o exemplo o verbo está apassivado; e no 2.^o o *Se* é reflexivo.

10.^a Quando depois do verbo passivo concorrer substantivo regido da preposição *por*, ou *de*, nem porisso se segue que seja esta a [p. 57]
circunstancia necessaria: deve-se endagar primeiro se este substantivo teria força sufficiente para exercer a acção do verbo no caso de mudar-se a oração para a activa: se tiver essa força, será a circunstancia necessaria; mas se não tiver, significará alguma outra relação, como v.g. *cauza, modo, matéria, etc.**.

11.^a Os pronomes *Eu*, e *Tu* nesta sua terminação primitiva nunca são pacientes, e nem podem só por si servir de circunstancias, indague lhes preceda preposição, como se vê nestes exemplos: *para eu ir; em tu saindo, etc.*: pois nestes casos a preposição affecta o infinito, e o gerundio personificados por *eu*, e *tu*. As variações *lhe*, e *lhes* do pronome *Elle* apesar de virem sempre unidas a verbos, nunca lhes servem de pacientes**.

12.^a Quando na oração apparecerem as vozes dos verbos em *ar, er, ir*, como *amar, entender, admittir, etc.* de modo que entre em duvida, se o verbo falla no *Futuro do Conjunctivo*, ou se no *Prezente do Infinito*, examine-se, se a oração, em que se acha o verbo, está servindo de sujeito, paciente, ou circunstancia: se estiver, o verbo falla no *Prezente do Infinito*; e se não, falla no [p. 58]

* Texto incluído na 4.^a edição:

10.^a A conjunção *Se* nem sempre é condicional: algumas vezes é declarativa, como no exemplo seguinte: Dize-me se virás hoje; e outras vezes é dubidativa, como neste exemplo: Não sei ou duvido *se* virás hoje.

** Nesse último período, na 4.^a edição, a parte final do parágrafo foi alterado para: “pois nestes casos a preposição affecta o infinito e o gerundio personificados por *Eu*, e *Tu*. Do mesmo modo *Me, Te, Se*, nunca são sujeitos.”

Futuro do Conjunctivo: v.g. Quero *ensinar-vos* Grammatica: Se eu vos *ensinar*, vós aprendereis. No 1.º exemplo o verbo *ensinar* falla no Presente do Infinito; e no 2.º falla no Futuro do Conjunctivo*.

PARTE 3.^A

DA PROSODIA.

A Prosodia consiste no conhecimento da quantidade das syllabas para sua verdadeira pronuncia.

A Syllaba ou é longa, ou breve; mas no verso ha algumas communs.

Syllaba longa é aquella, em que se levanta a voz ferindo-se a vogal com accento agudo ou circumflexo claro, ou occulto: v.g. as primeiras syllabas de *Ramo, Leque, Ilha, Orbe, Vulgo*.

[p. 59]

Syllaba breve é aquella, que se pronuncia abaixando a voz ferindo levemente a vogal v.g. as ultimas syllabas dos cinco exemplos acima.

Syllaba commum é aquella, que umas vezes é longa, e outras breve; mas isto só tem uzo no verso.

Nós rigorosamente fallando não temos regra certa para conhecermos quando as syllabas são longas, ou breves; comtudo podemos observar o seguinte: 1.º que todo o ditongo é longo: 2.º que tambem são longas as terminações em *i, u, l, ão, am, an, im, om, um, r, e, z*, e os monosyllabos: 3.º que são breves as partes acabadas em *a, e, o, em*, e os nomes acabados em *s*, sendo pluraes de nomes acabados em vogal, que tenham a ultima breve.

N. B. A maior parte destas regras tem muitas excepções.

* Na 4ª edição, incluíram-se aqui mais três itens; todos eles estão transcritos no Anexo VI deste texto.

FIGURAS DE DICÇÃO.

Figura de dicção é aquella figura, pela qual acrescentamos, diminuímos, ou trocamos letras em alguma palavra. Ha diversas figuras; e entre estas as principaes são:

Próthese é quando acrescentamos letras

[p. 60]

no principio: v.g. *Alembrar, arreceoso, fiserão-no* em lugar de *Lembrar, receoso, fiserão-o* (g).

Syncope é quando diminuímos letras no meio das palavras: v.g. *São, mui, graõ, taõ, mór, dir-lhe-hei, far-lhe-hei*, em lugar de *Santo, muito, grande, tanto, maior, dizer-lhe-hei, fazer-lhe-hei*.

Synalepha é quando concorrendo duas palavras uma acabada em vogal e outra que tambem começa em vogal, se suprime a vogal ultima da palavra antecedente para se ligar com a seguinte: v.g. *Do, delle, Deraõ-to, fizerão-mo,, dicerão-lho, disso, daquella, doutra* em lugar de *De o, de elle, Derão-te-o, fizerão-me-o, dicerão-lhe-o, de isso, de aquella, de outra, etc.* (h)

Aphérese é quando suprimimos alguma

(g) *Epénthese* (que acrescenta letras no meio das palavras), e *Paragòge* (que acrescenta no fim) tem seu maior uzo na Lingua Latina.

(h) Tambem por esta figura dizemos *c' o dedo, c' os filhos* em lugar de *com o dedo, com os filhos*: outros chamão a isto *Ecthlipse*. Por euphonia contrahimos em *á* o artigo *a* quando concorre com a preposição *a*: v.g. *Vou á caça, dou áquelle*, em lugar de *vou a a caça, dou a aquelle*: nós lhe poderíamos chamar *Crásis* a exemplo dos Latinos.

[p. 61]

letra no principio da palavra: v.g. concorrendo a preposição *em* antes de palavra que começa em vogal, perde o *e*, e mudando dando o *m* em *n* pela figura antithese, se une á palavra seguinte, como por exemplo *no, naquelle, neste, num, noutro*, em lugar de *em o, em aquelle, em este, em um, em outro, etc.*

Apócope é quando diminuimos letras no fim das palavras: v.g. *Breve*, e *elegantemente* em lugar de *Brevemente*, e *elegantemente*.

Antithese é quando trocamos uma letra [no fim] por outra: v.g. *Amal-o*, *vestimol-o*, *fazel-o*, *pelo*, *eil-o*, em lugar de *Amar-o*, *vestimos-o*, *fazer-o*, *por o*, *eis-o*.

PARTE 4.^A

DA ORTHOGRAPHIA.

A Orthographia pode dividir-se em Orthographia *de palavras*, e Orthographia *de discurso*; a 1.^a versa sobre o modo de escrever [p. 62]

as palavras, e a 2.^a se funda nas regras de pontuação. Sobre a Orthographia de palavras, principalmente das que exigem consoantes dobradas ou por origem, ou por composição, são tantas as regras, que encherião um grande Compendio: eu apontarei aqui algumas regras mais geraes.

1.^a Começão por letra maiuscula as primeiras palavras de cada período, e as que vierem depois de ponto final, interrogação, ou admiração; os nomes proprios de homens, mulheres, imperios, reinos, ilhas, provincias, cidades, rios, mezes, etc. os titulos, dignidades civís, e ecclesiasticas, póstos militares, nomes de sciencias, artes, e officios; sobrenomes, appellidos, parentescos, etc. etc. tambem por civilidade aquellas palavras, que dizem respeito ás pessoas, com quem fallamos, e igualmente a primeira letra de cada linha do verso.

2.^a Nenhuma palavra começa por duas letras consoantes iguaes.

3.^a Antes de *B*, *P*, *M*, nunca se escreve *N*, como se vê em *Ambição*, *imperio*, *commissão*. O uzo do *M* antes das outras consoantes só

se admite algumas vezes nas palavras compostas, cuja composição acaba por esta letra*.

[p. 63]

4.^a O uzo do *ch* com som de *k* só é admissível nos nomes próprios, em que o uzo tiver admittido, ou nos que já o tiverem de origem: v.g. Achilles, Monarchia (*i*).

5.^a *K*, e *Ph*, só se uzão nas palavras de origem grega, e o *Y* seguiria quasi a mesma regra, se não tivessemos de uzar delle em muitas palavras, que tem origem no idioma dos nossos Indígenas.

6.^a As palavras, que acabão em *em*, nao se escrevem com *j*; mas sim com *g*, como se vê em *imagem*, *exigem*, etc. etc. [*Viagem*, *Imagem*, *Empigem*] á excepção das vozes dos verbos de infinito em *jar*, como *festejem* [*Viajem*] etc** : tambem são mui poucas as palavras que tem *je*, e *ji*, porque a maior parte fazem *ge*, e *gi****.

7.^a Os verbos Dizer, Fazer, Trazer, e outros conservão o *z* nas finaes do Singular, como se vê em diz, faz, traz, etc.

8.^a Nas palavras, que admittem consoantes dobradas, só se poderão dobrar as seguintes: bb, cc, cç, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt, exceptuando-se as seguintes h, j, q, v, x, z.

9.^a Quando no fim de alguma linha não couber uma palavra inteira, passar-se-ha o

(i) Já hoje muitos tirão o *h* onde sò a como o *k*.

[p. 64]

restante para a linha seguinte, pondo-se no fim da linha antecedente o signal (-), observando-se o que dispõe as duas regras seguintes.

10.^a Quando se houver de dividir palavra que tenha ditongo, nunca se parte o ditongo ao meio: v.g. ou-ro, cau-za.

* Na 4.^a edição, há dois itens incluídos neste ponto, aqui transcritos no anexo VII.

** Trecho modificado na 4.^a edição da seguinte maneira, depois de “[*Viajem*], etc.”: “São mui poucas as palavras que tem *je* e *ji*, porque a maior parte fazem *ge* e *gi*, principalmente nas finaes dos nomes, como *Adagio*, *Privilegio*, *Alforge*, etc., e dos infinitos dos Verbos como *Eleger*, *Proteger*”.

*** Na 4.^a edição, há neste ponto a inclusão de mais dois itens, que vão transcritos no Anexo VIII.

11.^a Quando na palavra, que se houver de dividir, concorrerem duas consoantes iguaes, ficará uma na mesma linha, e passará outra para a linha seguinte: v.g. *Admit-tir, pen-na*.

OBSERVAÇÃO.

Haja bastante cautela, quando se escreverem as palavras seguintes por cauza das equivocacões: Assento, accento; ato (verbo), acto (subst.); anno, ano; cozer (ao lume), coser (de agulha); Còro (de muzica), couro (de animal); cerrar, serrar; cella, sella; cegar, segar; cèsto, sexto; foice, foi-se; feche (verbo), feixe (subst.); louvámos (pret.), louvamos (prez.); mas, más, mais; nós, noz; para, pára, Pará; pés, pèz; pelo (prep.), pèllo (subs.); penna (de escrever), pena (de sentir); pós, pòz; séde, sède; soar, suar; sexo, (pronuncia-se sé-cso), seixo; serro (verbo), cèrro (subs.); vós, voz; verias (do verbo vèr); virias (do verbo vir); vais (prez. do Ind.), vás (prez. do Conj.); vòo, vou; vale (verbo), valle (subst.)*.

[p. 65]

PONCTUAÇÃO:

Os caractéres da pontuação são os seguintes (*k*):

VIRGULA (,) aparta os adjectivos unidos por conjunções: v.g. *homem douto, virtuozo, e amavel*: separa as orações incidentes: v.g. *Joaõ, que é meu amigo, veio aqui: Dice-o, para ouvir o que me dizias*: tambem separa da oração a pessoa, ou couza com quem se falla; v.g. *Attendei, Senhor, á minha supplica* **. Omittte-se a virgula antes da conjunção *e* nos sobrenomes e nos numeros:

(*k*) Podemos acrescentar os seguintes signaes orthográficos: 1.^o os accen-tos prosódicos – agudo (´), e grave (`) ou circumflexo (^), como se vê nos

* Este item sofreu reformulações, como se pode ler no Anexo IX deste texto.

** Neste ponto, na 4.^a edição, o autor acrescentou o seguinte período: “Põe-se a vírgula antes das conjunções *Nem, Ou, Como, Que* e outras, quando as frases que ellas atão excedem a medida commum de uma pausa ordinaria; e tambem para esclarecer o sentido da oração se porá virgula antes de palavras ambíguas, que possão referir-se a dous objectos differentes.”

nomes Maná, javali, defêsa, fôfo: 2.º o *apóstrofo* ou *synalefa* (') como se vê em *d'Almeida, d'Oliveira, c'o homem*, etc. 3.º a *diástase*, ou sinal de divizão (-) como se-vê em *Rio-Grandense, Vice-Presidente*, etc. etc. e nos nomes divididos de uma linha para outra: e 4.º finalmente os *ápices* (¨) que usão alguns sobre duas vogaes para indicar que não são ditongadas; o que outros supprem com o *accento agudo*: v.g. *Saúde*.

[p. 66]

v.g. *Antonio de Moraes e Silva: cincoenta e quatro*.

PONTO E VIRGULA (;) aparta os sentidos perfeitos com dependencia de outros: v.g. *Prometti vir; mas não o pude fazer*: ordinariamente se põe entre verbos de significação contraria: v. g. *nesta vida ha rir; chorar; descansar; e trabalhar*; e tambem muitas vezes antes das palavras *postoque, indaque, seabemque, mas*, e outras.

DOUS PONTOS (:) aparta os períodos, cujo sentido está grammaticalmente completo; mas tem ainda relação de conveniencia com o período seguinte: v.g. *Os sabios não erraõ, porque estudaõ: os ignorantes erraõ, porque desprezão a applicação*: tambem se escrevem dous pontos, quando se allega o dito de alguém, e se começará com letra maiuscula: v.g. *Dice Deos: Faça-se a luz; e foi feita a luz. Direi a todos: Estudem*.

PONTO FINAL (.) indica sentença acabada, e sem dependencia de outra: v.g. *O descobrimento do Brazil foi no anno de 1500. D. Pedro I. abdicou a 7 d'Abril de 1831*. Tambem se faz uzo deste ponto depois dos nomes, que se escrevem em breve: v.g. *V. S.: V. EX.: 1.º 2.º 3.º* etc. etc.

[p. 67]

PONTO E ADMIRAÇÃO (!) serve para com elle finalizarmos algum discurso admirativo, ou pathético: v.g. *Oh! milagre estupendo! Quanto é estimavel a virtude!*

PONTO E INTERROGAÇÃO (?) serve para quando perguntamos alguma couza: v.g. *A quem amas? De que vives?*

PARÉNTESIS () inclúe uma sentença inteira, que corta outra, não tendo dependencia uma da outra para o sentido: v.g. *Se acontecer essa desgraça (de que Deos nos livre) que será de nós?*

RETICENCIA (.....) deixa incompleto o sentido da oração por omissão voluntária: v.g. *Eu dicera muito mais; porem...*

FIM.

Ponho este Compendio debaixo da protecção das Leis, que garantem a propriedade aos Editores.*

ANTONIO ALVARES PEREIRA CORUJA.

TYPOGRAPHIA DE V. F. DE ANDRADE

[p. 68]

* Na 4ª edição não há esta frase nem o nome do autor. O texto termina, depois da palavra fim, com dados da editora: “Rio de Janeiro – Typographia Franceza, Rua de S. José n. 64”.



ANEXOS



ANEXO I

Prologo da segunda edição (1846).

A brevidade com que foi feita a primeira edição deste Compendio deu occasião a algumas imperfeições que nesta segunda vão corrigidas: a pratica me fez conhecer a necessidade de algumas ampliações, reformas de correcções, que agora admitto; todavia não tem o orgulho de persuadir-me que esta segunda edição esteja como se deve desejar.

Segundo diversas opiniões dos Classicos sobre alguns pontos Grammaticaes, e consequentemente tambem diversos systemas de ensino dos senhores professores, eu introduzi com a brevidade admissível em um Compendio algumas observações, que pela maior parte vão em notas; entre outras apontarei a de visão dos adjectivos em articulares e attributivos, em uma nota no lugar respectivo, e o systema dos casos (que eu não sigo) tambem em notas á Syntaxe. O Compendio é abreviado, como é mistér em taes obras; ficando o seu maior desenvolvimento á capacidade dos Srs. Professores que delle fizerem uso.

ANEXO II

Formação dos pluraes dos nomes.

Regra 1.^a Os nomes que acabão em vogal pura ou nasal, formam o plural acrescentando ao singular um s: v.g. Pó, Pós; Irmã, Irmãs.

2.^a Os que acabão em ditongo nasal Aô, formão o plural em ões: v.g. Região, Regiões.

3.^a Os que acabão em AL, OL, UL, mudão no plural o L em ES: v.g. Jornal, Jornaes; Anzol, Anzóes; Azul, Azues.

4.^a Os que acabão em EL mudão o L em IS: v.g. Amável, Amáveis.

5.^a Os que acabão em IL longo, mudão o L em S: v.g. Vil, Vis; e os que acabão em IL breve, mudão o IL em EIS: v.g. Fétil, Féteis.

6.^a Os que acabão em EM, IM, OM, UM, mudão o M em NS: v.g. Bem, Bens; Marfim, Marfins, etc.

7.^a Os que acabão em R, S, X e Z, acrescentam ES no plural: v.g. Pesar, Pesares; Feliz, Felizes, etc.

[p. 11]

Do Genero dos Nomes.

O genero se regula pela significação ou pela terminação.

Dos que se regulão pela significação, são masculinos os nomes proprios de Homens, Anjos, Deoses falsos, Ventos, Rios, Montes, Mares e Mezes; finalmente os nomes de officios e exercicios proprios de homens. São femininos os nomes proprios de Mulheres, Deosas, Nymphas, Furias, e os nomes de officios e exercicios proprios de mulheres¹.

Dos que se regulão pela terminação [...] tem suas excepções.

1. Os nomes de Regiões, Cidades, Villas, Lugares achão-se ordinariamente femininos; e talvez masculinos, referindo-se aos nomes comuns Lugar, Reino, etc. Todavia os nomes proprios usados sempre em um genero não se alterão. Dizemos O ou A Meóthtis, O ou A Estyge, segundo o referimos a lago ou a lagôa.

ANEXO III

CONDICIONAL¹ [TER, HAVER, SER].

Numero Singular		
Eu teria	haveria	seria
Tu terias	haverias	serias
Elle teria	haveria	seria
Numero Plural		
Nós teríamos	haveríamos	seríamos
Vós teríeis	haveríeis	seríeis
Elles terião	haverião	serião

CONDICIONAL COMPOSTO [TER, HAVER, SER].

Numero Singular		
Eu teria tido	teria havido	teria sido
Tu terias tido	terias havido	terias sido
Elle teria tido	teria havido	teria sido
Numero Plural		
Nós teríamos tido	teríamos havido	teríamos sido
Vós teríeis tido	teríeis havido	teríeis sido
Elles terião tido	terião havido	terião sido

1. Tem-se considerado este tempo como pertencente ao modo conjuntivo, talvez, porque o tempo que lhe corresponde no latim também seja do conjuntivo; mas eu entendo que podendo esta Linguagem servir em uma oração principal, deve pertencer ao modo indicativo.

CONDICIONAL [AMAR, ENTENDER, PARTIR].

Numero Singular		
Eu amaria	entenderia	partiria
Tu amarias	entenderias	partirias
Elle amaria	entenderia	partiria
Numero Plural		
Nós amariamos	entenderíamos	partiríamos
Vós amarieis	entenderieis	partiríeis
Elles amarião	entenderião	partirião

CONDICIONAL COMPOSTO.

Numero Singular		
Eu teria amado	teria entendido	teria partido
Tu terias amado	terias entendido	terias partido
Elle teria amado	teria entendido	teria partido
Numero Plural		
Nós teríamos amado	teríamos entendido	teríamos partido
Vós terieis amado	terieis entendido	terieis partido
Elles terião amado	terião entendido	terião partido

ANEXO IV

Syntaxe [conceito].

A Syntaxe ou é natural, ou figurada. Syntaxe natural é a que se funda nas regras ordinarias da Grammatica.

Syntaxe figurada é a que consiste no uso das figuras.

A Syntaxe natural ou é de Concordancia, ou de Regencia: pela de Concordancia os adjectivos, pronomes e participios concordão com os seus substantivos em genero e numero¹, como se vê nos exemplos seguintes: *Bons meninos*, *Estes homens*, *Probidade conhecida*² e os verbos concordão com os seus sujeitos em numero e pessoa, como se vê nos exemplos seguintes:

*Vós estudaís; A mocidade trabalha*³. Pela de Regencia os Verbos e Preposições podem ter por seu regimen o Substantivo, o Pronome, a Oração, o simples Verbo do infinito, e mesmo alguma outra parte da Oração, como adiante se verá.

O *Sujeito* da Oração é aquele que exercita a ação do verbo⁴ v.g. *Os meninos estudão; Vós aprendeis*.

Predicado ou *Attributo* é aquilo que se affirma⁵ ou nega do Sujeito: v.g. *João é bom*; os estudos são *necessarios*⁶.

O *Paciente* ou *Predicado* regido é aquelle que soffre a acção do verbo: v.g. *Vós aprendeis Grammatica*: o mestre instrue os *discipulos*.⁷

1. No latim também concordão *em caso*.
2. *Bons* é o adjectivo; *Este* o pronome; *Conhecida*, o participio.
3. *Estudaís* concorda com *Vós* na 2.^a pessoa do plural; *Trabalha* concorda com *mocidade* na 3.^a do singular.
4. O sujeito de uma oração nem sempre é o agente do verbo, como se vê nas orações de verbo passivo; nestas o sujeito soffre a acção do verbo, a qual é exercitada por outro que se toma depois d'elle, como adiante se verá, quando se tratar do verbo passivo.
5. *Meninos*, e *Vós* são Sujeitos ou Agentes. No latim, o sujeito da Oração põe-se em nominativo.
6. *Bom* e *necessarios* são os predicados.
7. *Grammatica*, e *Discipulos* são os Pacientes. No latim o paciente põe-se em accusativo.

ANEXO V

Das orações.

As Orações ou Preposições em relação às partes de que se compõe, podem ser: *Simple*s, *Compostas*, *Perfeitas* ou *Imperfeitas*.

*Simple*s é a que exprimindo um juízo simples tem um só sujeito e um só attributo.

Composta é a que exprimindo um juízo composto, tem mais de um sujeito, ou attributo.

Perfeita é a que tem claras todas as partes de que se compõe.

Imperfeita é a que não tem claras todas as suas partes.

As Orações em relação ás outras Orações, podem ser: *Principaes*, *Incidentes*, *Subordinadas* e *Integrantes*.

Principal é a que faz sentido absoluto e independente, e tem o verbo no Indicativo ou Imperativo: esta oração se não vier acompanhada de outras, póde chamar-se absoluta.

Incidente é a que explica ou restringe substantivos de outra Oração, como são as orações que tem os relativos *Que*, *O qual*, *Onde*, *Cujo*, etc.

Subordinada é a que faz sentido suspenso e dependente de outra oração, e tem o verbo no Indicativo ou Conjunctivo, precedido de uma conjunção ou frase conjunctiva que mostre a sua dependencia.

Integrante é a que inteira o sentido de outra oração servindo-lhe de Sujeito, Predicado, Paciente ou Circunstancia e tem o verbo no Infinito precedido de preposição ou sem ella, ou no Indicativo e Conjunctivo precedido da Conjunção *Que*, e algumas vezes de *Se*: Taes orações valem por substantivos virtuaes.

O ajuntamento de muitas orações, fazendo todas um sentido total, chama-se *Periodo*; e os seus membros são as orações de

que consta. Poder-se-ia chamar período *simples*, se o sentido ficar completo com uma só oração, e o *composto* quando constar de mais orações: e quantos forem os verbos de um Período, tantas orações terá elle.

ANEXO VI

Regras.

13.^a As variações *Lhe* e *Lhes* do pronome Elle, a pezar de virem sempre unidas a verbos, nunca lhes servem de pacientes, mas sim de *Termos d'accção* ou *atribuição*. O, A, Os, As, quando em união a verbos, sempre indicão paciente: O tomado invariavelmente tambem indica paciente.

14.^a O artigo O, quando traz à memoria um adjectivo, ou substantivo tomado attributivamente, ou verbos neutros, ou mesmo infinitos de verbos qualificados, é invariavel na terminação masculina, v.g. *Minha visinha é formosa, e as filhas também o (1) são; Vós ficais saudosos, e eu tambem o (2) vou de vós; Quantas vezes morrem muitos, que o (3) não merecem? Sua mulher era honesta, como o (4) são todas.*

15.^a Os adverbios Mais e Menos, posto que servão de comparar, todavia não perdem a significação de *quantidade*, e podem suprir estas frases – *Em maior ou menor porção; Em maior ou menor quantia*: algumas vezes tem depois de si o artigo invariavel O precedido de De, referindo-se à cousa em que se institue comparação, e depois o relativo Que referindo-se à mesma cousa indicada pelo O, v.g. *Ella é mais formosa do que as filhas; O artista quer mais brincar, do que trabalhar; Elle faz mais cousas do que eu.* No 1.^o exemplo se institue comparação formosura; no 2.^o em vontade (querer); e no 3.^o em as cousas que se fazem: podemos explicar assim: *Ella é formosa em porção maior do (formosas) que as filhas são. O artista quer brincar com porção maior do (querer ou vontade) com que quer trabalhar. Elle faz cousas em quantidade maior do (das cousas) que eu faço.* Poderíamos dizer por outra maneira: *Em comparação do (formosas) que as filhas são, a mãe é mais formosa. Em comparação do (querer ou vontade) com que o artista que trabalhar, quer brincar*

com mais vontade; Em comparação do (das cousas) que eu faço, elle faz mais cousas.

- (1) Neste exemplo O refere-se a Formosa.
- (2) Neste exemplo O refere-se a Saudosos.
- (3) Neste exemplo O refere-se a Morrem.
- (4) Neste exemplo O refere-se a Honesta

ANEXO VII

Regras.

4.^a É admittido o uso de C, nas ultimas syllabas de muitos nomes, como se vê em *Alface, Parvoice, Dôce, Romance*, e nos infinitos dos verbos como *Conhecer, Torcer*: escrevem-se porém com SS as palavras *Ësse, Mêsse, Tösse*, e outras; os imperfeitos do conjunctivo, como *Andasse, Remettesse, Applaudisse*. Também é admittido, nas penultimas dos nomes que acabão em simples vogal, como se vê em *Palacio, Perpicácia, Malicia, Espécie, Planicie, Superficie, Hospício, Negocio, Astucia, Confucio, Tiburcio, Concordancia, Assistencia, Provincia*, etc.

5.^a Usa se do Ç nas ultimas syllabas da maior partes dos nomes, ou estes acabem em vogal ou em ditongo nasal, como se vê em *Taça, Palhaço, Condêça, Comêço, Preguiça, Massiço, Carroça, Coròço, Carapuça, Rebuço, Banança, Avanço, Desavença, Coração, Bênção, Convenção*, etc., e na maior parte dos infinitos dos verbos em *Ar*, como *Caçar, Dançar*, etc. porém os adjectivos em *Ense*, como *Amanuense, Fluminense*, e outros derivados, se escrevem com S.

ANEXO VIII

Regras de orthographia.

9.^a Admitte-se o uso do s tendo o som de z, nas ultimas syllabas dos nomes, e nas penultimas dos que acabão por simples vogal, como se vê em *Acaso, Casa, Accèso, Mésa, Preciso, Indecisa, Bellicoso, Mimósa, Uso, Musa, Base, Thése, Dóse, Quase, Asia, Amasio*, e outras: nas palavras compostas de *Des*, quando se lhes segue vogal ou H mudo, como *Desunião Desaparecer, Desanimar, Deshonra, Desuso*, etc., escreve-se porém um só s entre duas vogaes com seu proprio som, em alguns nomes como *Presentir, Proseguir, Resoar, Resurgir, Resurreição, Sobresair, Sobresalto, Girasól*, e outros.

10.^a Escrevem-se com z as finaes dos substantivos derivados acabados em *Eza*, como se vê em *Avareza, Lhaneza*: o final das ultimas syllabas longas como se vê em *tenaz, Arnèz, Matiz, Retroz, Obuz*: e os monossilabos como *Noz, Voz, Paz, Pèz*. Conserva-se igualmente o z nos tempos dos verbos *Aprazer, Dizer, Fazer, Jazer, Trazer, Luzir, Conduzir, Seduzir, Introduzir* e outros, como se vê em *Diz, Faz, Traz, Conduz*: e tambem nos tempos dos Verbos *Querer, Pôr* e seus compostos como *Quizera, Pòz, Compuz*.

ANEXO IX

Palavras de Pronuncia Semelhante, que se escrevem diversamente.

Há muitas palavras, que tendo a mesma ou quase igual pronúncia, se escrevem differentemente, e tem accepções diversas: apontarei aqui alguns exemplos.

As, art. F. pl.; A's, prep. e art. conthahidos: Az, de jogo.

Accento de voz, e de accentuar as palavras: Assento de assentar.

Açafata, f. guarda de vestidos: Açafate. m. cesto.

Aço, ferro: Asso, tempo do verbo Assar.

Ameaça, como que damos a entender o animo de fazer mal: Ameaço, de doença.

Anno, espaço de tempo: Ano, parte do corpo humano.

Apóstrofe, f. figura de Rethorica: Apóstrofo, m. sinal orthographico.

Assassino, morte violenta: Assassino, homem que comette assassinio.

Ato, tempo do verbo Atar: Acto, substantivo.

Bainhar a costura: Embainhar a espada.

Bèsta, animal bruto: Bésta, arma de atirar Settas.

Bucho, de animal; Buxo, arvore.

Cabido, de Sé: Cabíde, de pendurar vestidos.

Cacholèta, pancada que se dá na cabeça: Caçolèta, fuzil da espingarda.

Cegar da vista: Segar a seifa.

Cella, cubiculo de Religiosos: Sella, de selar cavallos.

Celleiro, de recolher alimentos: Selleiro, o que faz sellas.

Cem, numeral: Sem, preposição.

Censo, contrato ou obrigação: Senso, juizo.

Céo, substantivo: Seu, possessivo.

Cerrar, fechar a porta: Serrar com serra.

Cervo, veado: Servo, criado.

Cessão, acção de ceder: Sécção, acção de cortar: Sessão, tempo que dura cada junta ou assembléa.

Cèsto e Cèsta, substantivos: Sexto e Sexta, numeraes.
Còro de musica: Couro de animal.
Coser com agulha: Cozer ao lume.
Delatar, denunciar: Dilatar, demorar, alongar.
Descrição, pintura, debuxo: Discrição, discernimento.
Eça, de officio de defuntos: Essa, pronome.
Enchada, de cavar a terra: Inchada, participio de Inchar.
Espiar, estar à espreita: Expiar, purificar.
Ethica, parte moral da Filosofia: Héctica, enfermidade.
Facto, cousa que aconteceu: Fato, de vestir.
Fêche, tempo do verbo Fechar: Feixe, substantivo.
Foice, substantivo: Foi-se, verbo.
Hora, substantivo: Ora, adverbio.
Incerto, duvidoso: Inserto, enxerido.
Louvamos no presente: Louvâmos no preterito: e assim os mais verbos regulares da 1.^a conjugação.
Mas (com a mudo) conjunção: Mâs, fem. pl. de Máo: Mais, adverbio de quantidade.
Môça, rapariga: Móssa, sinal de pancada.
Mólho, feixe: Mólho, liquido.
Mungir, ordenhar as vacas: Mugir, berrar.
Noz, fructo: Nós, pronome: e Nós, plural de Nó.
Paço, casa nobre, palacio: Passo, de caminhar e passear.
Para (com a mudo) preposição: Pára, tempo do verbo Parar: Pará, provincia.
Pélo e Péla, preposições com artigo: Pèllo de animal, e Pélla de jogar.
Pena de sentir: Penna de escrever.
Pès, plural de Pé: Pèz, resina.
Pesar, em balança: Pezar, arrependimento. Também dizemos: Pésa-me a carga; Pèza-me ter-vos offendido.
Pòço, d'agua: Póssó, tempo do verbo Poder.
Pòpa, de navio: Poupa, ave.
Pós, plural de Pó: Póz, tempo de Pór.

Salada, de comer: Sellada, part. Do verbo Sellar.

Séde, assento: Sède de beber: e Sèda de vestido: Céde e Cèda tempos do verbo Ceder.

Séxo (pronuncia-se Sécso): Seixo, pedra.

Soar, dar som: Suar, lançar suor.

Vais, presente do indicativo: Vás, presente do conjunctivo.

Vale, tempo de Valer: Valle, substantivo.

Verias, do verbo Vèr: Virias, do verbo Vir.

Vôo substantivo, e tempo de Voar: Vou, tempo de Ir.

Voz, exprimir o som: Vós, pronome.



*COMPENDIO DA
GRAMMATICA
DA LINGUA NACIONAL*

FAC-SÍMILE



COMPENDIO
DA
GRAMMATICA
DA
LINGUA NACIONAL
DEDICADO
A'
SOCIDADE RIO-GRANDENSE
POR
SEU PATRICIO

Antonio Alvares Pereira Coruja.



PORTO ALEGRE:

1835.

TYPOGRAPHIA DE V. F. DE ANDRADE,
RUA DA PONTE.

COMPENDIO
DA
GRAMMATICA
DA
LINGUA NACIONAL.

PREMIO.

GRAMMATICA é uma Arte, que ensina a declarar bem os nossos pensamentos por meio de palavras.

Comprehende quatro partes, que são Etymologia, Syntaxe, Prosodia, e Orthographia.

Etymologia é a parte, que ensina a natureza das palavras, e suas propriedades.

Syntaxe é a parte, que ensina a compor a oração.

Prosodia é a parte, que ensina a quantidade das syllabas, e sua pronuncia.

Orthographia é a parte, que ensina a escrever com certeza.

Oração é a união ou aggregado de palavras com que affirmamos alguma cousa. A Oração consta de Sugeito, Verbo, e Paciente, e circumstancias quando as ha.

Circunstancia é tudo aquillo que sem ser Sugeito, nem Verbo, nem Paciente entra no arranjo da oração.

As partes da Oração são nove : Artigo, Nome, Pronome, Verbo, Participio, Adverbio, Conjunção, Preposição, e Interjeição.

PARTE PRIMEIRA.

DA ETYMOLOGIA.

Artigo.

Artigo é uma parte de Oração, que precedendo a um nome não só nos mostra seu genero e numero, como dá a entender que o nome se toma *extensiva*, e não *comprehensivamente*.

Os generos são dous; masculino, e feminino.

Os numeros Grammaticos são dous; singular, e plural : e como o artigo varia tanto em genero como em numero, porisso temos no singular *o*, *a*, e no plural *os*, *as*.

Nome.

Nome é a palavra com que significamos al-

guma coisa , ou sua qualidade v. g. *Homem, Prudente.*

O Nome ou é Substantivo , ou Adjectivo.

Substantivo é o que significa uma coisa , ou pessoa , v. g. *Mesa . Francisco.*

Adjectivo é o que significa a qualidade de alguma coisa , ou pessoa , v. g. *Redonda . Amarel.*

O Substantivo ou é Proprio ou Appellativo.

Proprio é o que compete a uma só coisa , ou pessoa , v. g. *Norte . Janeiro . Guatiba . etc.*

Appellativo é o que compete a muitas coisas , ou pessoas , v. g. *Vento . Mez . Rio.*

Ha muitos Appellativos que são Collectivos , Augmentativos , ou Diminutivos.

Collectivo é o que no numero singular significa multidão v. g. *Frota Exercito , Povo . etc.*

Augmentativo é o que augmenta a significação do nome donde nasce , v. g. *Homemzarrão , Esquadrão , etc.*

Diminutivo é o que diminue a significação do nome , donde nasce , v. g. *Livrinho , Filhinho.*

Os adjectivos dividem-se em oito especies , que são ; Positivo . Comparativo . Superlativo . Partitivo , Possessivo , Patrio , Gentilico , e Numeral.

Positivo é o que significa a qualidade de uma coisa absoluta e simplesmente , v. g. *Pequeno , bom , prudente.*

Comparativo é o que além da qualidade que exprime, indica comparação, v. g. *Melhor, maior.* (a)

Superlativo é o que exprime no summo grão a significação do Positivo, donde nasce, v. g. *Illustrissimo, Celeberrimo, Optimo, Facillimo.* (b)

Partitivo é o que significa parte de alguma multidão, v. g. *Cada, qualquer, algum.*

Possessivo é o que indica possessão, v. g. *Popular, Nacional, Imperial.*

Patrio é o que indica a patria, v. g. *Rio-Grandense, Fluminense, Maranhôto, Mineiro.*

Gentilico é o que indica a Gente, ou Nação, a que cada um pertence, v. g. *Brasileiro, Peruviano, Aziatico.*

(a) Ha comparativos de forma simples, e de forma composta; os Comparativos de forma simples são *Melhor, Peor, Maior, Menor*, e outros; e os de forma composta são auxiliados do adverbio *mais* v. g. *Mais perfeito, mais prudente.*

(b) Temos também Superlativos de forma simples, como são os quatro Superlativos *Optimo, Pessimo, Maximo, Minimo* correspondentes aos Positivos *Bom, Máo, Grande, Pequeno*; e todos os mais derivados, como *Mizerrimo, Celeberrimo, Prudentissimo, Facillimo, Difficillimo, etc. etc.* Os de forma composta são auxiliados do adverbio *muito*; como *Muito justo, muito fiel.*

Numeral é o que mostra o numero. Ha numeral *Cardial*, e *Ordinal*: o *Cardial* (ou *Absoluto*) designa o numero simples ou absolutamente, como *Tres*, *cinco*, *dez* . etc. ; o *Ordinal* designa por ordem, v. g. *Terceiro*, *quinto*, *decimo*, etc.

Alguns adjectivos tem uma só terminação para ambos os generos, como *Fiel*, *constante*: outros tem duas, como *Justo*, *justa*.

Pronome.

Pronome é uma voz, que traz á memoria a pessoa, ou cousa a que se refere, v. g. *Eu*, *tu*, *elle*, *aquelle* (c).

Os Pronomes dividem-se em sete especies, que são *Relativo*, *Interrogativo*, *Possessivo*, *Primitivo*, *Derivado*, *Demonstrativo*, e *Reflexivo*.

Relativo é o que traz á memoria o nome antecedente, ou com elle tem relação, v. g. *Aquelle*, *o qual* (d).

(c) Alguns Grammaticos chamão *adjectivos articulares* não só aos artigos *o*, *a*, e aos numeræes 1, 2, 3, 1.º, 2.º, 3.º, como tambem aos pronomes *elle*, *aquelle*, *meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*, *quem*, *que*, *qual*, aos partitivos *todo*, *algum*, *nenhum*, *cada*, *qualquer*, *outro*, e ao adverbio *onde*.

(d) *Cujo* é o mesmo, que *do qual*, e porisso

Interrogativo é o que serve para perguntar , v. g. *Quem ? Que ? Qual ?*

Possessivo é o que denota possessão , v. g. *Meu , teu , vosso , etc.*

Primitivo (ou Pessoal) é aquelle que designa a pessoa de quem se falla , e que não se deriva de outro : v. g. *Eu , tu , elle , etc.*

Derivado é o que se deriva do primitivo , v. g. *Teu , seu.*

Demonstrativo é aquelle, que demonstra a pessoa ou cousa de que se trata , v. g. *Isso , isto , aquelle.*

Reflexivo é o pronome *Se* , quando a acção do Verbo se emprega no mesmo sujeito de quem se falla , v. g. *João rio-se , Domingos deita-se.* Chama-se recíproco , quando os sujeitos exercitando a acção do Verbo uns sobre outros , recebem delles acção igual , v. g. *Paulo e Maria amão-se , Dous guerreiros se matão.*

Variações dos Pronomes Eu , Tu , Elle , e Si.

Eu pronome da primeira pessoa tem no singular as variações *me , mim , migo* , e no plural *nos , nós , nosco.*

é *relativo* , e *possessivo* , pois relata a um nome antecedente, e concorda com um subsequente.

Tu pronome da 2.^a pessoa tem no singular as variações *te*, *tú*, *tigo*; e no plural *vos*, *vós* *vosco*.

Elle pronome da 3.^a pessoa tem no singular *lle*, e no plural *lles* tanto para o genero masculino como para o feminino.

Si pronome reflexivo tem em ambos os numeros as variações *se*, e *sigo*.

Do Genero dos Nomes.

Genero é a differença com que os nomes se distinguem conforme o seu sexo: chama-se porisso masculino o nome que puder levar antes de si o artigo *o*, e feminino o que puder levar o artigo *a*.

Ha nomes que se chamão *communs de dous*, porque podendo ter antes de si artigo de qualquer genero, indicão macho ou femea conformè o artigo, que selhes antepõe, e porisso são masculinos quando significão macho, e femininos quando significão femea, v. g. Artifice, Espia, Guarda, Guia, Homicida, Hypocrita, Intérprete, Martyr, Personagem, Taful, Vigia, Virgem.

Ha tambem nomes, que com uma só terminação, e um só artigo significão ambos os generos, e se chamão *promiscuos*, ou *epicènos*; v. g. o *papagaio*, a *jararaca*, a *piava*,

a capivara; que para lhes designarmos o genero expressamente, devemos diser: *o papagaio femea*, ou *a femea do papagaio*; *a jararaca macho*, ou *o macho da jararaca*, etc.

VERBO.

Verbo é a voz com que na Oração significamos acção affirmando uma cousa de outra.

O Verbo (quanto á sua significação) ou é Activo, ou Neutro, ou Passivo.

Activo é o que tem significação tranzitiva, que se emprega em sujeito diverso da sua significação, v. g. *Amar, Louvar, Defender*(e).

Neutro é aquelle que tem significação permanente, que se emprega em si mesmo, ou em sujeito de sua mesma significação, v. g. *Voar, ir, vir, morrer*.

(e) Quando a acção do Verbo recáe sobre o mesmo sujeito que a pratica, chamão alguns ao Verbo *reflexivo*, v. g. *Eu me compadeço, tu te queixas, elle se enfada*. Chamão tambem *reciproco*, quando os sujeitos fazendo recair a acção do Verbo sobre sujeitos diversos, recebem delles a mesma acção reciprocamente, v. g. *Alegrão-se, defendem-se*; donde se entende não que cada um se alegre, ou defenda a si proprio; porem que ambos se alegrão, e defendem um ao outro.

Passivo é aquelle, cuja acção é soffrida pelo mesmo sujeito do Verbo ; v. g. *Ser ferido, ser louvado* (f).

O verbo (quanto á sua conjugação) é Regular, ou Irregular.

Regular é o que em tudo segue, e é conforme á conjugação commum.

Irregular (ou Anómalo) é o que se afasta alguma cousa, e não guarda a ordem de sua conjugação (g).

As Conjugações regulares são tres (h) : a 1.^a faz o Infinito em *ar*, a 2.^a em *er*, a 3.^a em *ir*, como *Amar, Entender, Partir*.

(f) Note-se que no nosso idioma não temos verbo passivo *simples*: todos são *compostos*, ou *auxiliados* do verbo *Ser*, ou da particula *Se* : v. g. *João é amado, fia-se lã, tece-se seda*.

A particula *Se* nem sempre apassiva : quando vem unida a verbos neutros indica *esontaneidade* da acção, v. g. *Lá se foi; aqui se ficou; ellas se emmagrecem por seu querer*.

(g) Também ha verbos *defectivos* e *impessoaes*: os primeiros carecem de algumas voses, como *Munir, Precaver* : e os segundos só tem as 3.^{as} pessoas: como *Acontece, Apraz*.

(h) Alguns dão uma 4.^a Conjugação ao Verbo *Pôr* e seus compostos, inda que outros os contemplão como irregulares de todas as Conjugações, ou só da 2.^a, como os Antigos.

Temos tres verbos auxiliares que são *Ter*, *Haver*, e *Ser*: os dous primeiros auxilião todos os mais verbos nos tempos compostos, e o verbo *Ser* só os auxilia na voz passiva.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES.

TER *H A V E R* *S E R*.

MODO INDICATIVO.

TEMPO PRESENTE.

Numero Singular.

Eu tenho	hei	sou
Tu tens	has	és
Elle tem	ha	é

Numero Plural.

Nós temos	havemos	somos
Vós tendes	haveis	sois
Elles tem	hão	são.

PRETERITO IMPERFEITO.

Numero Singular.

Eu tinha	havia	era
Tu tinhas	havas	eras
Elle tinha	havia	era

Numero plural.

Nós tínhamos	havíamos	éramos
Vós tínheis	havíeis	eríeis
Elles tinham	havião	erão

PRETERITO PERFEITO.

Numero Singular.

Eu tive	houve	foi
Tu tiveste	houveste	foste
Elle teve	houve	foi

Numero Plural.

Nós tivemos	houvemos	fomos
Vós tivestes	houvestes	fostes
Elles tiveram	houverão	forão.

PRETERITO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tenho tido	tenho havido	tenho sido
Tu tens tido	tens havido	tens sido
Elle tem tido	tem havido	tem sido

Numero Plural.

Nóstemos tido	temos havido	temos sido
Vostendes tido	tendes havido	tendes sido
Elles tem tido	tem havido	tem sido

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO.

Numero Singular.

Eu tivera	houvera	fora
Tu tiveras	houveras	foras
Elle tivera	houvera	fora

Numero Plural.

Nós tiveramos	houveramos	foramos
Vós tiverdes	houverdes	fordes
Elles tiverão	houverão	forão

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tinha tido	tinha havido	tinha sido
Tu tinhas tido	tinhas havido	tinhas sido
Elle tinha tido	tinha havido	tinha sido

Numero Plural.

Nós tínhamos tido	tínhamos havido	tínhamos sido
Vós tinheis tido	tinheis havido	tinheis sido
Elles tinham tido	tinham havido	tinham sido

FUTURO IMPERFEITO.

Numero Singular.

Eu terei	haverei	serei (i)
Tu terás	haverás	serás
Elle terá	haverà	serà

Numero Plural.

Nós teremos	haveremos	seremos
Vos tereis	haveis	sereis
Elles terão	haverão	serão

FUTURO IMPERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu hei de ter	hei de haver	heide ser.
Tu has de ter	has de haver	has de ser
Elle ha de ter	ha de haver	ha de ser

Numero Plural.

Nós havemos de ter	havemos de ha- ver	havemos de ser
Vós haveis de ter	haveis de haver	haveis de ser
Elles hão de ter	hão de haver	hão de ser

(i) Também se usa *Teria*, *Haveria* etc. no Futuro em relação ao presente, e ao passado denotando incertesa ou possibilidade.

FUTURO PERFEITO COMPÓSITO.

Numero Singular.

Eu terei tido	terei havido	terei sido
Tu teràs tido	teràs havido	teràs sido
Elle terá tido	terà havido	terà sido

Numero Plural.

Nós teremos tido	teremos havido	teremos sido
Vós tereis tido	tereis havido	tereis sido
Elles terão tido	terão havido	terão sido

MODO IMPERATIVO.

FUTURO.

Numero Singular.

Tem tu	„	Sè tu
Tende vós	havei vós	Sede vós

MODO CONJUNCTIVO.

TEMPO PRESENTE.

Numero Singular.

Eu tenha	haja	seja.
Tu tenhas	hajas	sejas
Elle tenha	haja	seja

(17)

Numero Plural,

Nós tenhamos	hajamos	sejamos
Vós tendes	hajais	sejais
Elles tenham	hajão	sejão

PRETERITO IMPERFEITO.

Numero Singular.

Eu tivera, tives-	houvera, hou-	fora, fosse, se-
se, teria	vesse, haveria	ria
Tu tiveras, ti-	houveras, hou-	foras, fosses,
vesse, terias	vesse, have-	rias
ria		
Elle tivera, ti-	houvera, hou-	fora, fosse, seria
vesse, teria	vesse, haveria	

Numero Plural.

Nós tiveramos, houveramos,	foramos, fosse-	
tivessemos, te-	houvessemos, mos, seriamos	
riamos	haveriamos	
Vós tivereis, ti-	houvereis, hou-	foreis, fosseis,
vesseis, terieis	vesseis, have-	rieis
ria		
Elles tiverão, ti-	houverão, hou-	forão, fossem,
vessem, terião	vessem, have-	serião
rião		

PRETERITO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu	tenha tido	tenha havido	tenha sido
Tu	tenhas tido	tenhas havido	tenhas sido
Elle	tenha tido	tenha havido	tenha sido

Numero Plural.

Nós	tenhâmos	tenhâmos havi-	tenhâmos sido
	tido	do	
Vós	tenhais ti-	tenhais havido	tenhais sido
	do		
Elles	tenhão ti-	tenhão havido	tenhão sido
	do		

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO.

Numero Singular.

Eu	tivera, ou	houvera, ou	fora, ou fosse
	tivesse	houvesse	
Tu	tiveras, ou	houveras, ou	foras, ou fosses,
	tivesses	houvesse	
Elle	tivera, ou	houvera, ou	fora, ou fosse
	tivesse	houvesse	

Numero Plural.

Nós tiveramos, houveramos, fomos, ou fosse-
ou tivéssemos ou houvesse- semos

mos

Vós tivereis, ou houvereis, ou foreis, ou fosseis
tivésseis, ou houvesseis

Elles tiverão, houverão, ou forão, ou fosse-
ou tivessem ou houvessem

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tivera, tives- tivera, tivesse, tivera, tivesse,
se ontieratido ou teriahavido ou teria sido

Tu tiveras, ti- tiveras, tives- tiveras, tives-
vesseis, ou te- ses, ou terias ses, ou terias
rias tido havido sido

Elle tivera, ti- tivera, tivesse, tivera, tivesse,
vesse ou teria ou teria havi- ou teria sido
tido do

Numero Plural.

Nós tiveramos, tiveramos, ti- tiveramos, ti-
tivéssemos, ou vessemos, ou vessemos, ou
teríamos tido teríamos havi- teríamos sido
do

Vós tivereis, ti- tivereis, tives- tivereis, tives-
vesseis, ou te- seis, ou terieis seis, ou terieis
rieis tido havido sido

Elles tiverão, ti- tiverão, tives- tiverão, tivessem,
vessem, ou te- sem, ou terião ou terião sido
rião tido havido

FUTURO.

Numero Singular.

Eu tiver	houver	for
Tu tiveres	houveres	fores
Elle tiver	houver	for

Numero Plural.

Nós tivermos	houvermos	formos
Vos tiverdes	houverdes	fordes
Eles tiverem	houverem	forem

FUTURO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tiver tido	tiver havido	tiver sido
Tu tiveres tido	tiveres havido	tiveres sido
Elle tiver tido	tiver havido	tiver sido

Numero Plural.

Nós tivermos ti-	tivermos	havi-	tivermos	sido
do	do			
Vos tiverdes ti-	tiverdes	havido	tiverdes	sido
do				
Eles tiverem ti-	tiverem	havido	tiverem	sido (i)
do				

(i) Além dos tempos, que aqui vão menciona-

MODO INFINITIVO.

TEMPO PRESENTE IMPESSOAL.

Ter	Haver	Ser.
-----	-------	------

TEMPO PRESENTE PESSOAL.

Numero Singular.

Ter eu	Haver eu	Ser eu
Teres tu	Haveres tu	Seres tu
Ter elle	Haver elle	Ser elle

Numero Plural.

Termos nós	Havermos nós	Sermos nós
Terdes vós	Haverdes vós	Serdes vós
Terem elles	Haverem elles	Serem elles

PRETERITO IMPESSOAL.

Ter tido	Ter havido	Ter sido.
----------	------------	-----------

PRETERITO PESSOAL.

Numero Singular.

Ter eu tido	Ter eu havido	Ter eu sido
Teres tu tido	Teres tu havido	Teres tu sido
<u>Ter elle tido</u>	Ter elle havido	Ter elle sido

dos; ha muitos outros Circunloquios, como *hou-
ver de ter, havia de ter, etc.* : e muitas vezes tam-
bem disemos *tenho de ter* em lugar de *hei de ter* ,
havia tido em lugar de *tinha tido, etc.*

Numero Plural.

Termos nós tido	Termos nós ha- vido	Termos nós si- do
Terdes vós tido	Terdes vós ha- vido	Terdes vós si- do
Terem elles tido	Terem elles ha- vido	Terem elles si- do

FUTURO IMPESSOAL.

Haver de ter	„	Haver de ser
--------------	---	--------------

FUTURO PESSOAL.

Numero Singular.

Haver eu de ter	„	Haver eu de ser
Haveres tu de ter	„	Haveres tu de ser
Haver elle de ter	„	Haver elle de ser

Numero Plural.

Havermos nós de ter	„	Havermos nós de ser
Haverdes vós de ter	„	Haverdes vós de ser
Haverem elles de ter	„	Haverem elles de ser

GERUNDIO E PARTICIPIO DO PRESENTE (k).

Tendo Havendo Sendo

SUPINO.

Tido Havido Sido

PARTICIPIO DO PRETERITO.

Tido, a Havido, a ,, (l)

(k) Alguns authors parece tomarem o Gerundio e Participio do Presente pela mesma cousa; outros porem classificão como Gerundios as terminações em *ando, endo, indo*, como *amando, crendo, contribuindo*; e como Participios as terminações em *ante, ente. inte*, como *amante, crente, contribuinte*: destes usão-se alguns seu variação de numero, como *Durante, etc.*

(l) A differença, que ha entre Supino e Participio, é que o *Supino é sempre invariavel tanto em genero como em numero*, e o Participio varia não só em genero como em numero. O Supino entra na composição dos Verbos activos, e na dos que se apassivão com a particula *Se*: v. g. *tenho comido frutas, tem-se tecido sedas*, ellas se tem tornado melhores. O participio entra sempre na composição dos Verbos passivos auxilia-

CIRCUNLOQUIO.

Tendo tido Tendo havido Tendo sido

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES.

AR *ER* *IR.*

MODO INDICATIVO.

TEMPO PRESENTE.

Numero Singular.

Eu amo	entendo	parto
Tu amas	entendes	partes
Elle ama	entende	parte

Numero Plural.

Nós amamos	entendemos	partimos
Vós amais	entendeis	partis
Elles amão	entendem	partem

dos do *Ser* : e algumas veses entra na Oração sòmente com força de adjectivo. Note-se que os Verbos activos todos tem Supino e Participio , e que os neutros tem só Supino.

PRETERITO IMPERFECTO.

Numero Singular.

Eu amava	entendia	partia
Tu amavas	entendias	partias
Elle amava	entendia	partia

Numero Plural.

Nós amavamos	entendíamos	partíamos
Vós amaveis	entendíeis	partíeis
Elles amavão	entendião	partião

PRETERITO PERFEITO.

Numero Singular.

Eu amei	entendi	partii
Tu amaste	entendeste	partistê
Elle amou	entendeu	partiu

Numero Plural.

Nós amamos	entendemos	partimos
Vós amastes	entendestes	partistes
Elles amarão	entenderão	partirão

PRETERITO PERFEITO COMPÓSITO.

Numero Singular.

Eu tenho ama- tenho entendi- tenho partido
do do
Tu tens amado tens entendido tens partido
Elle tem amado tem entendido tem partido

Numero Plural.

Nós temos ama- temos entendi- temos partido
do do
Vós tendes ama- tendes entendi- tendes partido
do do
Elles tem amado tem entendido tem partido

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO.

Numero Singular.

Eu amara	entendera	partira
Tu amaras	entenderas	partir as
Elle amara	entendera	partira

Numero Plural.

Nós amaramos	entenderamos	partiramos
Vós amáreis	entendereis	partireis
Elles amarão	entenderão	partirão

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO,

Numero Singular.

Eu tinha amado tinha entendido tinha partido
Tu tinhas amado tinhas entendido tinhas partido
do do do
Elle tinha amado tinha entendido tinha partido
do

Numero Plural.

Nós tínhamos tínhamos en- tínhamos parti-
amado tendi lo do
Vós tinheis amado tinheis entendido tinheis partido
do do do
Ellestinhão amado tinhão entendido tinhão partido
do do do

FUTURO IMPERFEITO.

Numero Singular.

Eu amarei	entenderei	partirei
Tu amarás	entenderás	partirás
Elle amará	entenderá	partirá

Numero Plural.

Nós amaremos	entenderemos	partiremos
Vós amareis	entendereis	partireis
Elles amarão	entenderão	partirão

FUTURO IMPERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu hei de amar	hei de entender	hei de partir
Tu has de amar	has de entender	has de partir
Elle ha de amar	ha de entender	ha de partir

Numero Plural.

Nós	havemos de	entender	de	partir
amar		ten	ter	ter
Vós	haveis de	entender	de	partir
amar		der		
Elles	hão de	entender	hão de	partir
amar				

FUTURO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu terei amado	terei entendido	terei partido
Tu terás amado	terás entendido	terás partido
Elle terá amado	terá entendido	terá partido

Numero Plural.

Nosteremosama- teremos enten- teremos parti-
do dido do
Vos tereis ama- tereis entendi- tereis partido
do do
Elles terão ama- terão entendido terão partido
do

MODO IMPERATIVO.

FUTURO.

Numero Singular.

Ama tu entende tu parte tu

Numero Plural.

Amai vós entendei vós parti vós

MODO CONJUNCTIVO.

TEMPO PRESENTE.

Numero Singular.

Eu ame	entenda	parta
Tu ames	entendas	partas
Elle ame	entenda	parta

Numero Plural.

Nós amemos	entendâmos	partâmos
Vos ameis	entendais	partais
Elles amem	entendam	partão

PRETERITO IMPERFEITO.

Numero Singular.

Eu amara ,	entendera ,	en-partira ,	partis-
amasse ,	ou tendesse ,	ou se ,	ou partiria
amaria	entenderia		
Tu amaras ,	entenderas ,	en-partiras ,	partis-
amasses ,	ou tendesses ,	ou ses ,	ou partirias
amarias	entenderias		
Elle amara ,	entendera ,	en-partira ,	partis-
amasse ,	ou tendesse ,	ou se ,	ou partiria
amaria	entenderia		

Numero Plural,

Nós amaramos, entenderamos, partiramos, par-
amassemos, entendessemos, lissemos, ou
ou amariamos, ou entenderia- partiriamos
mos

Vós amareis, entenderéis, en- partireis, par-
amasseis, ou tendesseis, ou lisseis, ou par-
amareis, entenderieis, tirieis

Elles amarão, entenderão, en- partirão, partis-
amasseni, ou tendessem, ou sem, ou parti-
amarião, entenderião, rião.

PRETERITO PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tenha ama- tenha entendi- tenha partido
do do

Tu tenhas ama- tenhas entendi- tenhas partido
do do

Elle tenha ama- tenha entendi- tenha partido.
do do

Numero Plural.

Nós	tenhãmos ama-	tenhãmos en-	tenhãmos par-
	do	tendido	tido
Vós	tenhais ama-	tenhais enten-	tenhais partido
	do	dido	
Elles	tenhão ama-	tenhão enten-	tenhão partido
	do	dido	

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO.

Numero Singular.

Eu	amara , ou	entendera , ou	partira , ou par-
	amasse	entendesse	tisse
Tu	amaras , ou	entenderas , ou	partiras , ou par-
	amasses	entendesses	tisses
Elle	amara , ou	entendera , ou	partira , ou par-
	amasse	entendesse	tisse

Numero Plural.

Nós	amaramos ,	entenderamos ,	partiramos , ou
	ou amassemos	ou entendes-	partissemos
		semos	
Vós	amáreis , ou	entenderéis , ou	partireis , ou
	amasseis	entendesseis	partissemos
Elles	amarão ,	entenderão , ou	partirão , ou par-
	ou amassem	entendessem	tissem

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tivera , ti- vesse, ou teria amado	tivera , tives- se, ou teria enten- dido	tivera , tivesso , ou teria parti- do
Tu tiveras , ti- vesses , ou te- rias amado	tiveras , tives- ses , ou terias entendido	tiveras, tivesses, ou terias parti- do
Elle tivera , ti- vesse, ou teria amado	tivera , tivesse, ou teria enten- dido	tivera, tivesse , ou teria parti- do

Numero Plural.

Nós tiveramos , ti- tivéssemos, ou teríamos ama- do	tiveramos , ti- véssemos , ou teríamos en- tendido	tiveramos , tí- vêssemos ; ou teríamos parti- do
Vós tivereis , tí- vesses, ou te- rieis amado	tivereis , tives- seis, ou terieis entendido	tivereis , tives- seis, ou terieis partido
Elles tiverão , tiverão , tives- tivessem , ou terião amado	tiverão , tives- sem, ou terião entendido	tiverão , tives- sem, ou terião partido

FUTURO.

Numero Singular.

Eu amar	entender	partir
Tu amares	entenderes	partires
Elle amar	entender	partir

Numero Plural.

Nós amarmos	entendermos	partirmos
Vós amardes	entenderdes	partirdes
Elles amarem	entenderem	partirem

FUTURO COMPOSTO.

Numero Singular.

Eu tiver amado	tiver entendido	tiver partido
Tu tiveres amado	tiveres entendido	tiveres partido
Elle tiver amado	tiver entendido	tiver partido

Numero Plural.

Nós tivermos amado	tivermos entendido	tivermos partido
Vós tiverdes amado	tiverdes entendido	tiverdes partido
Elles tiverem amado	tiverem entendido	tiverem partido

MODO INFINITIVO

TEMPO PRESENTE IMPESSOAL.

Amar Entender Partir

TEMPO PRESENTE PESSOAL.

Numero Singular.

**Amar eu Entender eu Partir eu
Amare tu Entenderes tu Partires tu
Amar elle Entender elle. Partir elle**

Numero Plural.

**Amarmos nós Entendermos nós Partirmos nós
Amardes vós Entenderdes vós Partirdes vós
Amarem elles Entenderem elles Partirem elles**

PRETERITO IMPESSOAL.

Ter amado Ter entendido Ter partido

PRETERITO PESSOAL.

Numero Singular.

Ter eu amado	Ter eu entendi- do	Ter eu partido
Terestú amado	Terestú enten- dido	Terestú partido
Ter elle amado	Ter elle enten- dido	Ter elle partido

Numero Plural.

Termos nós ama- do	Termos nós en- tendido	Termos nós par- tido
Terdes vós ama- do	Terdes vós en- tendido	Terdes vós par- tido
Terem elles ama- do	Terem elles en- tendido	Terem elles par- tido

FUTURO IMPESSOAL.

Haver de amar Haver de entender Haver de partir

FUTURO PESSOAL.

Numero Singular.

Haver eu de amar	de	Haver eu de entender	de en-	Haver eu de partir
Haveres tu de amar	de	Haveres tu de entender	de	Haveres tu de partir
Haver elle de amar	de	Haver elle de entender	de	Haver elle de partir

Numero Plural.

Havermos nós de amar	nós	Havermos nós de entender	nós	Havermos nós de partir
Haverdes vós de amar	de	Haverdes vós de entender	vós	Haverdes vós de partir
Haverem elles de amar.	elles	Haverem elles de entender	elles	Haverem elles de partir

GERUNDIO E PARTICIPIO DO PRESENTE

Amando	Entendendo	Partindo
--------	------------	----------

SUPINO.

Amado	Entendido	Partido
-------	-----------	---------

PARTICIPIO DO PRETERITO.

Amado, a Entendido, a Partido, a

CIRCUNLOQUIO,

Tendo amado Tendoentendido Tendo partido,

DOS VERBOS IRREGULARES.

A irregularidade dos Verbos consiste em não guardarem as regras communs da Conjugação a que pertencem, e porisso apresentarei aqui alguns exemplos.

1.ª CONJUGAÇÃO.

Cegar, Dar, Enxugar, Estar, Ficar, Pagar, Vagar, (*m*) e outros.

(*m*) *Cegar* faz *ceguei*: muda o *gei* em *guei*.
Dar faz *dêra*: muda o *a* em *e*. *Enxugar*, *Pagar*, e *Vagar* tem a mesma irregularidade que *Cegar*.
Estar faz *estive*: muda o *ei* em *ive*, etc. etc. *Saber* faz *soube*, e *saiu*: *Trazer*, *trouxe*, *traga*, *traria*:

2.ª CONJUGAÇÃO.

Aprazer, Caber, Crer, Dizer, Fazer, Jazer, Haver, Ler, Perder, Poder, Proteger, Querer, Saber, Ter, Ser, Trazer, Valer, Ver, e outros.

3.ª CONJUGAÇÃO.

Cair, Cobrir, Ir, Luzir, Medir, Ouvir, Polir, Rir, Sair, Servir, Subir, Tossir, Vir, e outros.*

PARTICÍPIO.

Participio é uma parte de Oração, que participa juntamente da natureza do Nome e do Verbo, isto é, tira do Nome o genero, e do Verbo o tempo e acção; v. g. *amante, amado* (n).

Ir, *fui, vá*: Vir, *vim, viera, venha*, etc. etc. Observe-se que a irregularidade de um tempo promove a irregularidade de todos os mais; que delle se formão.

(n) Ha alguns participios activos derivados de verbos latinos, que não recebemos; como são *adjacente, inherente, puciente*, e outros, que alguns não querem que sejam participios. Os gerundios semelhantes aos participios se usão ás vezes promiscuamente.

O Participio de ordinario é incluído nas Conjugações.

O Participio do preterito nem sempre é igual ao Supino, como se vê nos exemplos seguintes: *Enxugar* faz *enxugado*, e *enxuto*; *Suspender* faz *suspendido*, e *suspensão*; *Affligir* faz *affigido*, e *afflicto*; e assim alguns outros mais.

ADVERBIO.

Adverbio é uma palavra indeclinavel, que unida ao Nome, ou ao Verbo, lhes modifica a sua significação: v. g. *Muito* bom: *não* presta (o).

Os adverbios quanto á *fôrma* são;

Simplices, como *Hontem*, *hoje*, *sim*, *logo*, etc.

Compostos, como *Antehontem*, *Assimcomo*, etc.

E *Derivados*, como *Fielmente*, *Brevemente*, etc.

Os Adverbios quanto á *significação* são:

De *Quantidade* e de *comparar*: *assás*, *mui-*

(o) Neste exemplo *muito* e *não* são os adverbios; o primeiro modifica o adjectivo; o segundo modifica o verbo.

to . mais . menos . melhor . pouco . quão . quanto . tão . tanto.

De *Qualidade ou de modo*: acinte , bem , conforme , mal , segundo (*p*).

De *tempo*: agora , ainda , antchontem , amanhã , atégora , çêdo , entretanto , então , hoje . hontem , ja , logo , nunca , ora , quando . sempre , tarde.

De *lugar*: Ahi , ahí , aqui , acolá , algures , cá . lá , onde.

De *ordem*: Antes , avante . antesque . depois , ultimamente . primeiroque , quasi .

De *perguntar*: Atéquando? como? como assim? porquê?

De *afirmar*: Assim , certamente , poisnaõ , sim.

De *negar*: Ainda naõ , jámais , naõ , nada , taõpouco.

De *mostrar*: Eis, (*q*) eisaquí, eisali, isali.

(*p*) Querem alguns que *Conforme* , e *Segundo* sejam Preposições; porem são adjectivos , e algumas vezes se tomão como adverbios ellipticamente , v. g. Deve morrer segundo a lei , segundo as ordens , i. é. segundo a lei manda ; segundo são as ordens . Julgou conforme as leis , i. é. conforme as leis dispõe : conforme os poderes , i. é. conforme são os poderes .

(*q*) *Eis* passa por adverbio ; mas parece a 2.ª

De duvidar : Aliás , porventura , quiçá , talvez .

De excluir : Apenas , excepto , só , somente , salvo (*r*) .

CONJUNÇÃO.

Conjunção é uma palavra indeclinavel , que serve para ajuntar uma palavra , ou Oracão com outra .

As Conjunções são :

Copulativas : E , mais , outro sim , também .

Disjunctivas : Já , nem , ou , ora , quer .

Comparativas : Assim , assim como , bem como , como , assimtambem .

Adversativas : Aiudassim , aindaque , contudo , mas , porem , postoque , seabem , todavia .

—
pessoa do presente do Indicativo do verbo *Haver* no plural : *Eis-me* por *heis-me* , ou *haveis-me* . *Eis-me* aqui , que me quereis ? é o mesmo que aqui me tendes , que me quereis ?

(*r*) O demasiado uso das palavras *Excepto* , e *Salvo* sem variedade de genero nem de numero tem feito que esquecendo-nos de sua qualidade primitiva , os contemplemos no numero dos Adverbios .

Causaes : Porque , porquanto , poisque , paraque.

Condicionaes : Aiada que , comtantoque , se , senão , semque.

Declarativas : Que (s) , a saber , assimcomo , (*verbi gratia*).

Concluzivas : Logo , Peloque , portanto , comque.

PREPOSIÇÃO.

Preposição é uma palavra indeclinavel que serve para reger os nomes , e para compor differentes palavras. As que regem nomes alem de outras muitas (t) são as seguin-

(s) Os Grammaticos por facilidade de regencia tomão *Que* como conjunção ; mas note-se que se uza ellipticamente ; pois dizer — *fez-que elle fosse desgraçado* , e digo *que amo a Pedro* é o mesmo que dizer — *fez cousa com que elle fosse desgraçado* , e digo *esta coisa* , que é , *amo a Pedro*.

(t) Querem alguns classificar como Preposições os adverbios *Alem* , *Depois* , e outros ; mas eu entendo que elles não podendo ligar-se a um nome se não por meio de uma preposição , (que ordinariamente é a preposição *De* , ou *Em*) , porisso unidos á ella nada mais podem fazer , que ajudar a modificar a circumstancia por ella regida. Moraes dá a seguinte regra para se conhecerem as

tes : A , após , ante , até , com , contra , de , desde , em , entre , para , perante , por , sobre , sem , sob (*u*).

INTERJEIÇÃO.

Interjeição é uma voz indeclinavel, que exprime por si só varios affectos e paixões de nossa alma.

As Interjeições são :

De *dôr* : A ! Ai ! Hui ! Guai !

De *aversão* : Apage , fora , irra !

De *incitar* : Eia , olá !

De *espanto* : Ahi ! apre !

De *suspender* : Tá....

De *descjo* : Oxalá !

De *chamar* : O' , Siu.

De *prazer , pezar , admiração , sobresalto* :
Ah ! oh !

De *riso* : Ha ! ha !

preposições : Tudo que não faz variar os nomes *Eu , Tu , Elle* em *Mim , Ti , Si* , não é preposição.

(*u*) As que servem para compôr differentes palavras são : A , Ab , ad , ante , com , contra , circum , de , dis , des , en , entre , in , inter , intrò , ob , per , pre , pró , pos , re , retrò , se , sob , sobre , super , e trans.

PARTE 2.^A

DA SYNTAXE.

A Syntaxe ou é natural, ou figurada.

Syntaxe natural é a que se funda nas regras ordinarias da Grammatica.

Syntaxe figurada é a que consiste no uso das figuras.

A Syntaxe natural ou é de Concordancia, ou de Regencia: na de Concordancia a relação de certas partes da Oração exige que ellas tenham entre si conformidade de genero, ou de numero, ou de pessoa: e na de Regencia a relação de certas partes da Oração exige que o Verbo ou a Preposição possa reger o nome Substantivo, o Pronome, a Oração, ou o simples Verbo do Infinito, e mesmo algumas outras partes da Oração.

A Concordancia do adjectivo, pronome, e participio com o seu substantivo exige conformidade de genero e numero; v. g., *Bons*

meninos ; estes homens ; probidade conhecida (v).

A Concordancia do Verbo com seu sujeito exige conformidade de numero e pessoa: v. g. *Vós estudais : a Mocidade trabalha (x).*

O Sujeito da Oração é aquelle que exercita a acção do Verbo: v. g. , *Os meninos estudão : vós aprendeis (y).*

O Predicado é aquillo que se affirma, ou nega do Sujeito: v. g. , *João é bom : os estudos são necessarios (z).*

O Paciente ou Predicado regido é aquelle que soffre a acção do Verbo: v. g. , *vós aprendeis Grammatica : o mestre instrue os discipulos (a).*

CIRCUNSTANCIAS.

Sobre as preposições que devem reger as

(v) *Bons* é o adjectivo; *este* o pronome; *conhecida* o participio.

(x) *Estudais* concorda com *vós* na 2.^a pessoa do plural; e *trabalha* concorda com *mocidade* na 3.^a do Singular.

(y) *Meninos*, e *vós* são os Sujeitos, ou Agentes.

(z) *Bom*, e *necessarios* são os Predicados.

(a) *Grammatica*, e *discipulos* são os pacientes.

circunstancias de uma Oração não se pôde estabelecer regra certa: as circunstancias podem ser regidas daquellas preposições, que parecerem mais convenientes á Oração. Por meio de exemplos façei uma exposição mais clara das circunstancias, e das preposições que as regem: sirvão de exemplo as seguintes:

- De Lugar:** Vós estais *na cidade* (lugar onde).
O menino foi achado *entre o povo* (lugar onde).
Passão os soldados *pela rua* (lugar por onde).
Vem aguarda *para Palacio* (lugar para onde).
Cada um veio de *sua casa* (lugar donde).
- Fim:** As horas são proprias *para a lição*.
- Cauza:** Os debochados abrevião seus dias *por sua culpa*.
O menino morreu *de beixigas*.
- Modo:** A lição estuda-se *com attenção*.
Hontem passei *a cavallo*.
- Companhia:** Ahí veu Matheus *com seu amigo*.

Qualidade (a Judas foi *de máo character.*
q' também
chamão lou- Domingos é *de boa condu-*
vor, ou vitu-
perio): *cta.*

Instrumento: *Feriste-me com a espada.*
Possessão: *Esta casa é de um meu ami-*
go (b).
Tempo: *Este edificio foi feito a 12 an-*
nos.
Havemos de passear de tarde.
Isto me aconteceu em muitas
ocasiões.
Termo d'ac- *Dei meus livros a Pedro.*
ção: *Concedeste-me a tua amizade.*

Acquisição, Francisco tem sido util *a sua*
ou Atribu-
ção (a que *mãe.*
outros cha-
mão perda *As más companhias são preju-*
ou provei-
to): *diciaes aos meninos.*

(b) A possessão muitas vezes se manifesta por um adjectivo, v. g. *Fazenda Nacional, Paço Real, etc. etc.*

- Materia:** Possuo um grande canhão *de bronze.*
- Distancia:** A minha chácara dista daqui *duas leguas, i. é. por duas leguas.*
- Preço:** Comprei todos os meus livros *por cincoenta doblas.*
Vendi cada volume *a quatro patacas.*
- Principio ou parte, donde alguma acção procede:** Toda a minha desgraça proveio *de minha má conducta (c).*
- Objecto, a que se dá opposição, ou máo intento:** Aquella embarcação vem *contra mim, tra a corrente.*
O Juiz votou *contra mim.*
O ímpio falla *contra Deos.*

(c) Ha muitas circumstancias que não trazem opposição clara; v. g. cada dia, todos os mezes, vou vêr, vais passear: que se deve entender *em cada dia, em todós os mezes, vou a vêr, vais a passear, etc.*

Uma só oração pode muitas vezes ser revestida de muitas circumstancias , como se observa no exemplo seguinte — *Um assassino de mds costumes , propenso á maldade, teve a tres dias , no patibulo , por um crime atroz , uma cruel morte determinada pelos juizes , com muito horror de todo o povo , para correção dos mds: neste exemplo se observa uma só oração contendo relações de qualidade , attribuição , tempo , lugar , cauza , modo , possessão , e fim.*

Algumas circumstancias não podendo significar physicamente as relações da oração muitas vezes as significão figuradamente ; a que alguns Grammaticos chamão *virtuaes*: v. g. *A má vontade nasce do coração* : o ódio nasceu *da inveja* : Tão sublimes couzas nunca me passarão *pela imaginação (d)*.

Uma oração , e mesmo qualquer parte de Oração muitas vezes serve de Sugeito, Paciente, ou Circunstancia: v. g. *Hoje quero ver*

(d) As palavras *coração*, *inveja*, e *imaginação* estão indicando relações de lugar *virtualmente*. Nos tres exemplos acima, cujas relações são indicadas pela preposição *contra*, pode-se dizer tambem que o primeiro indica opposição *physicamente*, e os outros dous *moralmente*.

as carreiras: Um meu amigo alcançou; *ser*
General: *Ser applicado* é couza necessária
ao Estudante: *Hoje* é um adverbio de tempo.

Tambem ha circumstancias oracionaes (a
que os Latinos chamão Ablativos absolutos
uo oracionaes) as quaes ordinariamente são
regidas de preposições occultas: v. g. *Con-*
cluido o negocio: *Governando Nero*; que é
o mesmo que *Depois de concluido o negocio*;
Em governando Nero. Chamão-se oracionaes,
porque dellas se podem formar Orações:
v. g. *Depois que o negocio se concluiu*;
Quando Nero governava.

VERBO PASSIVO.

A fôrma passiva dos Verbos suppre-se com
o verbo *Ser* unido aos participios do prete-
rito, ou com o verbo activo ajuntando-se-
lhe o pronomé *Se*, v. g. *Elles são amados*;
tu foste defendido; *nada se fez*: o negocio
transtornou-se.

A oração da voz activa muda-se para a
passiva deste modo: O paciente passa para
sujeito; o verbo muda-se para a passiva
no mesmo tempo, e em pessoa correspon-
dente ao Sujeito; e o sujeito se toma co-
mo circumstancia necessaria depois do ver-

bo regida da preposição *por* ou *de*: v. g. *Scipião venceu Annibal: Annibal foi vencido por Scipião. As preposições regem os nomes Substantivos: os nomes substantivos são regidos das preposições.*

SYNTAXE FIGURADA.

Syntaxe figurada é a composição mais elegante das partes da oração. Esta consiste no uso das figuras, e por meio dellas augmentamos, diminuímos, ou transpomos palavras em uma oração; donde vem que as podemos reduzir a tres, que são *Pleonasmo*, *Ellypse*, e *Hyperbato*.

PLEONASMO é quando uzamos de palavras superfluas em uma oração. Uzamos desta figura para dar mais força ao que dizemos: v. g. Eu te vejo com *os meus olhos*: quando Andre subia *para cima*, Vicente descia *para baixo*.

ELLYPSE é quando na oração faltaõ palavras, que se devem supprir para ficar o sentido perfeito: v. g. *A Deos; Bons dias; Eis*

o teu amigo. (e) A esta figura se podem reduzir as quatro seguintes.

Endllage é quando na oração se põe uma parte por outra, um numero por outro, etc. v. g., *Este viver nos incommoda* (f).

Zeugma é uma especie de Ellypse, pelaqual o que falta na oração não se suppre com palavras de fóra; mas sim com palavras da oração vizinha: v. g. *O mercador se deleita no trato; o lavrador no campo; e o bom Frade na Religião. Os dias d' Inverno são frios, e ventosos.*

Syllépse é quando muitos sujeitos do numero singular podem levar o Verbo ao plural; ou quando um só adjectivo no plural concorda com muitos substantivos do singular; e tambem quando o Verbo ou adjectivo não concorda com todos; mas sim com o mais nobre: v. g. *Joaquim e João são estudiosos: Tu e teu irmão sois socegados: Eu e tu estamos bons.*

(e) No 1.º exemplo faltão as palavras -- *eu te deixo*: no 2.º *Deos te dê*; e no 3.º *chegou*, ou *tendes*.

(f) *Viver* em lugar de *vida*.

Synthese é quando o adjectivo ou verbo não concorda com o substantivo que está claro; mas sim com outro, que se subentende: v. g. *Grande parte* do Exercito vem cançados: *Estavaõ* na escola *unia infinidade* de Estudantes.

HYPERBATO é quando na oração não se guarda a collocação natural das palavras: v. g. *São livres os Rio-Grandenses: A's injustiças não são propensos os homens de bem.* Ha diversas qualidades de Hyperbato, cujos nomes são os que adiante se seguem.

Tmésis é quando uma palavra composta se divide em duas, mettendo-se-lhe de per meio outra: v. g. *Amar-vos-hei: confundir-nos-hemos.*

Andstrophe é quando certas palavras, que deviaõ estar aates de outras, estaõ depois: v. g. os mesmos exemplos acima, que para ficarem em ordem natural deviaõ ser: *Hei de amar-vos: havemos de confundir-nos.*

Parèntesis é quando se interrompe a oração, e de per meio se mette outra alheia do sentido, que vai seguindo: v. g. *Alexandre viveu (segundo dizem) 52 annos.*

Synchesis é quando se confunde toda a ordem das palavras : v. g.

*Entre todos c'o dedo eras notado
Lindos moços d' Arzilla em galhardia.*

A ordem natural das palavras é — *Em galhardia eras notado com o dedo entre todos os lindos moços d' Arzilla.*

Observações necessarias aos principiantes para facilidade da regencia.

1.^a As circumstancias, que indicão *possessão*, sempre vem depois de substantivo claro, ou occulto; e as que significão *lugar donde*, ordinariamente vem depois de verbo.

2.^a O termo *d'acção* costuma vir depois de verbo activo, ou do seu paciente; e a *attribuição* depois de adjectivo.

3.^a A cousa, ou pessoa, com quem se falla, de ordinario é precedida da interjeição *O'*

4.^a O verbo *haver*, quando não auxilia, é sempre activo, e costuma vir com sujeito

oculto ; v. g. *Ha frutas , ha homens , em mim ha dous eus* ; estas Sentenças ellipticas devem ser suppridas com as palavras seguintes : no 1.º exemplo subtende-se *a terra* , no 2.º *a especie humana* , e no 3.º *o meu individuo*.

5.ª O adverbio *onde* costuma pôr-se na oração *relativamente* exprimindo o mesmo que *em a qual parte , em o qual lugar* ; e costuma tambem ser regido das preposições *de , por , e para*.

6.ª A conjunção *E* , ou *Ou* no principio de uma oração indica que esta oração tem a mesma qualidade. que a antecedente, isto é, se a oração antecedente é principal, esta tambem o será ; e se é incidente, esta o será igualmente. As outras conjunções copulativas, disjunctivas, e adversativas tem ordinariamente a mesma applicação.

7.ª Todas as vezes que no principio de uma oração antes de apparecer o verbo, concorrer o relativo *que*, entende-se que o primeiro verbo, que apparecer, inda não é o da primeira oração ; v. g. *Os meninos, que estudarem , saberão a lição : o mesmo se en-*

tenderá quando o *que* apparecer com caracter de conjunção.

8.ª *Aquillo, isso, isto, e tudo* são variações d'*Aquelle, esse, este, e todo*, que concordão com substantivos, cujos nomes não queremos, ou não podemos nomear: podem tomar-se na oração como substantivós; e quando se lhes ajuntão adjectivos, sempre são na terminação masculina: v. g. *Tudo isso é bom, isto é bem dito, aquillo é bonito*. Inda que o pronome *alguem* tambem seja variação de *algun*, comtudo este só se applica a pessoas de um ou outro sexo, e denota um individuo indeterminado.

9.ª Para se conhecer quando o *Se* é reflexivo, ou quando apassiva o verbo, indague-se primeiro se o sujeito da oração tem força sufficiente para exercer sobre si a acção do verbo: se tem, o *Se* é reflexivo; se não tem, o verbo é passivo, v. g. *Queimaraõ-se os campos; meu amigo confiou-se de mim*: no 1.º exemplo o verbo está apassivado; e no 2.º o *Se* é reflexivo.

10.ª Quando depois do verbo passivo correr substantivo regido da preposição *por*, *onde*, nem porisso se segue que seja esta a

circunstancia necessaria : deve-se endagar primeiro se este substantivo teria força sufficiente para exercer a acção do verbo no caso de mudar-se a oração para a activa: se tiver essa força, será a circunstancia necessaria; mas se não tiver, significará alguma outra relação, como v. g. *cauza, modo, materia, etc.*

11.^a Os pronomes *Eu, e Tu* nesta sua terminação primitiva nunca são pacientes, e nem podem só por si servir de circumstancias, inda que lhes preceda preposição, como se vê nestes exemplos: *para eu ir; em tu saindo, etc.*; pois nestes casos a preposição affecta o infinito, e o gerundio personificados por *eu, e tu*. As variações *lhe, e lhes* do pronome *Elle* apesar de virem sempre unidas a verbos, nunca lhes servem de pacientes.

12.^a Quando na oração apparecerem as vozes dos verbos em *ar, er, ir*, como *amar, entender, admittir, etc.* de modo que entre em duvida, se o verbo falla no *Futuro do Coniunctivo*, ou se no *Prezente do Infinito*, examine-se, se a oração, em que se acha o verbo, está servindo de sujeito, paciente, ou circumstancia: se estiver, o verbo falla no *Prezente do Infinito*; e se não, falla no

Futuro do Conjunctivo: v. g. Quero ensinar-vos Grammatica: Se eu vos ensinar, vós apprendereis. No 1.º exemplo o verbo ensinar falla no Presente do Infinito; e no 2.º falla no Futuro do Conjunctivo.

PARTE 3.ª

DA PROSODIA.

A Prosodia consiste no conhecimento da quantidade das syllabas para sua verdadeira pronuncia.

A Syllaba ou é longa, ou breve; mas no verso ha algumas communs.

Syllaba longa é aquella, em que se levanta a voz ferindo-se a vogal com accento agudo ou circumflexo claro, ou occulto: v. g. as primeiras syllabas de *Ramo*, *Leque*, *Ilha*, *Orbe*, *Vulgo*.

Syllaba breve é aquella, que se pronuncia abaixando a voz ferindo levemente a vogal v. g. as ultimas syllabas dos cinco exemplos acima.

Syllaba commum é aquella, que umas vezes é longa, e outras breve ; mas isto só tem uzo no verso.

Nós rigorosamente fallando não temos regra certa para conhecermos quando as syllabas são longas, ou breves; comtudo podemos observar o seguinte: 1.º que todo o ditongo é longo: 2.º que também são longas as terminações em *i, u, l, ão, am, an, im, om, um, r, e z*, e os monosyllabos: 3.º que são breves as partes acabadas em *a, e, o, em*, e os nomes acabados em *s*, sendo pluraes de nomes acabados em vogal, que tenhaõ a ultima breve.

N. B. A maior parte destas regras tem muitas excepções.

FIGURAS DE DICÇÃO.

Figura de dicção é aquella figura, pela qual acrescentamos, diminuimos, ou trocamos letras em alguma palavra. Ha diversas figuras ; e entre estas as principaes são:

Próthese é quando acrescentamos letras

no principio: v. g. *Alembrar*, *arreceoso*, *fiserão-no* em lugar de *Lembrar*, *rectoso*, *fiserão-o* (g).

Syncope é quando diminuímos letras no meio das palavras: v. g. *São*, *mui*, *graõ*, *taõ*, *mór*, *dir-lhe-hei*, *far-lhe-hei*, em lugar de *Santo*, *muito*, *grande*, *tanto*, *maior*, *dizer-lhe-hei*, *fazer-lhe-hei*.

Synalépha é quando concorrendo duas palavras uma acabada em vogal e outra que também começa em vogal, se suprime a vogal ultima da palavra antecedente para se ligar com a seguinte: v. g. *Do*, *delle*, *Deraõ-to*, *fizerão-mo*, *dicirão-lho*, *disso*, *daquella*, *doutra*, em lugar de *De o*, *de elle*, *Derão-te-o*, *fizerão-me-o*, *dicirão-lhe-o*, *de isso*, *de aquella*, *de outra*, etc. (h)

Aphérese é quando suprimimos algu-

(g) *Epénthese* (que acrescenta letras no meio das palavras), o *Paragóge* (que acrescenta no fim) tem seu maior uzo na *Lingua Latina*.

(h) Também por esta figura dizemos *c'o dedo*, *c'os filhos* em lugar de *com o dedo*, *com os filhos*: outros chamão a isto *Ecthlipse*. Por euphonia contrahimos em *á* o artigo *a* quando concorre coma preposição *a*: v. g. *Vou á caça*, *dou áquelle*, em lugar de *vou a a caça*, *dou aaquelle*: nós lhe poderíamos chamar *Crásis* a exemplo dos *Latinos*.

ma letra no principio da palavra: v. g. con-
correndo a preposição *em* antes de palavra
que começa em vogal, perde o *e*, e mu-
dando o *m* em *n* pela figura antithese,
se une á palavra seguinte, como por exem-
plo *no*, *naquelle*, *nesto*, *num*, *noutro*, em
lugar de *em o*, *em aquella*, *em este*, *em um*,
em outro, etc.

Apócope é quando diminuímos letras no
fim das palavras: v. g. *Breve*, e *elegantemente*
em lugar de *Brevemente*, e *elegantemente*.

Antithese é quando trocamos uma letra
por outra: v. g. *Ama-o*, *vestimol-o*, *fazel-o*
pelo, *cil-o*, em lugar de *Amar-o*, *vestimos-o*,
fazer-o, por *o*, *cis-o*.

PARTE 4.^a

DA ORTHOGRAPHIA.

A Orthographia pode dividir-se em Or-
thographia *de palavras*, e Orthographia *de*
discurso; a 1.^a versa sobre o modo de escre-

ver as palavras , e a 2.^a se funda nas regras de pontuação. Sobre a Orthographia de palavras , principalmente das que exigem consoantes dobradas ou por origem , ou por composição , são tantas as regras , que encherião um grande Compendio : eu apontarei aqui algumas regras mais geraes.

1.^a Começão por letra maiuscula as primeiras palavras de cada período , e as que vierem depois de ponto final , interrogação , ou admiração ; os nomes proprios de homens , mulheres , imperios , reinos , ilhas , provincias , cidades , rios , mezes , etc. os titulos , dignidades civis , e ecclesiasticas , postos militares , nomes de sciencias , artes , e officios ; sobrenomes , appellidos , parentescos , etc. etc. tambem por civilidade aquellas palavras , que dizem respeito ás pessoas , com quem fallamos , e igualmente a primeira letra de cada linha do verso.

2.^a Nenhuma palavra começa por duas letras consoantes iguaes.

3.^a Antes de *B* , *P* , *M* , nunca se escreve *N* , como se vê em *Ambição* , *imperio* , *commissão*. O uzo do *M* antes das ontras consoantes só se admite algumas vezes nas palavras compostas , cuja composição acaba por esta letra.

4.^a O uzo do *ch* com som de *k* só é admissivel nos nomes proprios, em que o uzo tiver admittido, ou nos que já o tiverem de origem: v. g. Achilles, Monarchia (*i*).

5.^a *K*, e *Ph*, só se uzão nas palavras de origem grega, e o *Y* seguiria quasi a mesma regra, se não tivéssemos de uzar delle em muitas palavras, que tem origem no idioma dos nossos Indigenas.

6.^a As palavras, que acabão em *em*, nao se escrevem com *j*; mas sim com *g*, como se vê em *imagem*, *exigem*, etc. etc. á excepção das vozes dos verbos de infinito em *jar*, como *festejem* etc. tambem são mui poucas as palavras que tem *je*, e *ji*, porque a maior parte fazem *ge*, e *gi*.

7.^a Os verbos Dizer, Fazer, Trazer, e outros conservão o *z* nas finaes do Singular, como se vê em *diz*, *faz*, *traz*, etc.

8.^a Nas palavras, que admittem consoantes dobradas, só se poderáõ dobrar as seguintes: *bb*, *cc*, *çç*, *dd*, *ff*, *gg*, *ll*, *mm*, *nn*, *pp*, *rr*, *ss*, *tt*, exceptuando-se as seguintes *h*, *j*, *q*, *v*, *x*, *z*.

9.^a Quando no fim de alguma linha não couber uma palavra inteira, passar-se-ha o

(*i*) Já hoje muitos tirão o *h* onde sda como o *k*.

restante para a linha seguinte, pondo-se no fim da linha antecedente o signal (-), observando-se o que dispõe as duas regras seguintes.

10.ª Quando se houver de dividir palavra que tenha ditongo, nunca se parte o ditongo ao meio : v. g. ou-ro , cau-za.

11.ª Quando na palavra , que se houver de dividir, concorrerem duas consoantes iguaes, ficará uma na mesma linha, e passará outra para a linha seguinte: v. g. *Admit-tir*, *pen-na*.

OBSERVAÇÃO.

Haja bastante cautela, quando se escreverem as palavras seguintes por cauza das equivoções: Assento , accento ; ato (verbo) , acto (subst.) ; anno , ano ; cozer (ao lume) , coser (de agulha) ; Còro (de muzica) , couro (de animal) ; cerrar , serrar ; cella , sella ; cegar , segar ; cèsto , sexto ; foice , foi-se ; feche (verbo) , feixe (subst.) ; louvámos (pret.) , louvamos (prez.) ; mas , más , mais ; nós , noz ; para , pára , Pará ; pés , pèz ; pelo (prep.) , pèllo (subs.) ; penna (de escrever) , pena (de sentir) ; pós , pòz ; séde , sède ; soar , suar ; sexo , (pronuncia-se sécso) , seixo ; serro (verbo) , cèrro (subs.) ; vós , voz ; verias (do verbo *vèr*) ; virias (do verbo *vir*) ; vais (prez. do Ind.) , vás (prez. do Conj.) ; vôo , vou ; vale (verbo) , valle (subst.)

PONTUAÇÃO:

Os caractéres da pontuação são os seguintes (k) :

VIRGULA (,) aparta os adjectivos unidos por conjunções: v. g. *homem douto, virtuoso, e amavel*: separa as orações incidentes: v. g. *Joaõ, que é meu amigo, veio aqui: Dize-o, para ouvir o que me dizias*: tambem separa da oração a pessoa, ou couza com quem se falla; v. g. *Attendei, Senhor, á minha supplica*. Omittese a virgula antes da conjunção e nos sobrenomes e nos numeros:

(k) Podemos acrescentar os seguintes signaes orthográficos: 1.º os accentos prosódicos—agudo (´), e grave (`) ou circumflexo (^), como se vê nos nomes *Maná, javali, defêsa, fôfo*: 2.º o apóstrofo ou synalefa (') como se vê em *d' Almeida, d'Oliveira, c'o homem*, etc. 3.º a diástase, ou signal de divizão (-) como se-vê em *Rio-Grandense, Vice-Presidente*, etc. etc. e nos nomes divididos de uma linha para outra: e 4.º finalmente os ápices (¨) que usão alguns sobre duas vogaes para indiar que não são ditingadas; o que outros suppre ma com o accento agudo: v. g. *Saúde*.

v. g. *Antonio de Moraes e Silva : cinquenta e quatro.*

PONTO E VIRGULA (;) aparta os sentidos perfeitos com dependencia de outros: v. g. *Prometti vir ; mas não o pude fazer :* ordinariamente se põe entre verbos de significação contraria : v. g. *nesta vida ha rir ; chorar ; descansar ; e trabalhar ;* e tambem muitas vezes antes das palavras *postoque, indaue, seabemque, mas,* e outras.

DOUS PONTOS (:) aparta os períodos, cujo sentido está grammaticalmente completo; mas tem ainda relação de conveniencia com o período seguinte: v. g. *Os sabios não erraõ, porque estudaõ : os ignorantes erraõ, porque desprezaõ a applicaçã :* tambem se escrevem dous pontos, quando se allega o dito de alguem, e se começará com letra maiuscula: v. g. *Dice Deus : Faça-se a luz ; e foi feita a luz. Direi a todos : Estudem.*

PONTO FINAL (.) indica sentença acabada, e sem dependencia de outra: v. g. *O descobrimento do Brazil foi no anno de 1500. D. Pedro I. abdicou a 7 d' Abril de 1831.* Tambem se faz uzo deste ponto depois dos nomes, que se escrevem em breve: v. g. *V. S. : V. Ex. : 1.º 2.º 3.º etc. etc.*

PONTO É ADMIRAÇÃO (!) serve para com elle finalizarmos algum discurso admirativo, ou pathético: v. g. *Oh! milagre estupendo! Quanto é estimavel a virtude!*

PONTO E INTERROGAÇÃO (?) serve para quando perguntamos alguma couza: v. g. *A quem amas? De que vives?*

PARÉNTHESES () inclúe uma sentença inteira, que corta outra, não tendo dependencia uma da outra para o sentido: v. g. *Se acontecer essa desgraça (de que Deos nos livre) que será de nós?*

RETICENCIA (.....) deixa incompleto o sentido da oração por omissão voluntaria: v. g. *Eu dicera muito mais; porém....*

FIM.

Ponho este Compendio debaixo da protecção das Leis, que garantem a propriedade aos Editores.

ANTONIO ALVARES PEREIRA COREJA.

TYPOGRAPHIA DE V. F. DE ANDRADE.



REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional, Dedicado a Mocidade Rio-grandense*. 1. ed. Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835.

_____. *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional, Dedicado a Mocidade Rio-grandense*. Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1846.

_____. *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional, Dedicado a Mocidade Rio-grandense*. Rio de Janeiro, Esperança, 1873.

_____. “Collecção de Vocabulos e Frases Usados na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul”. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, tomo XV, n. 6, pp. 210-40, 1852.

SILVA, António de Moraes. *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*. Lisboa, Off. Simão Thaddeo Ferreira, 1806.

Estudos e Instrumentos Linguísticos

ALENCAR, José Almino de. “O Brasil é Fatalmente uma Democracia”. *Revista Tempo Brasileiro*, vol. 145, pp. 5-37, abr.-jun. 2001.

ANCHIETA, José de. *Arte de Grammatica da Lingoa Mais Falada da Costa do Brasil*. Coimbra, Companhia de Jesus, 1595.

ARNAULD, Antoine & LANCELOT, Claude. *Grammaire Générale et Raisonnée de Port-Royal. Précédée d'un Essay sur L'origine et le Progrès de la Langue Françoise, par M. Petitot. Et suivie d'un Commentaire de M. Duclos*. 2. ed. Paris, Bossange et Masson, 1810 [1660].

ASSUNÇÃO, Carlos C. “Antônio de Moraes Silva – Um Gramático Inovador”. *Anais do Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <https://lusitanistasail.press/index.php/ailpress/catalog/view/28/43/426>. Acesso em: 12 maio 2024.

_____. & FONTES, Susana (eds.). *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza [...] de Antônio de Moraes Silva*. Lyon/Paris, CTLF/École Normale Supérieure de Lyon/ Université Denis Diderot, 2017 (1806) (Paris 7)

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas, Pontes, 1992.

_____. “La Catégorie de l'Adjectif et les Déterminants: l'Apport de Beauzée”. *Histoire Épistémologie Langage*, tome 14, fascicule 1, pp. 159-179, 1992b. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/hel.1992.2346>. Acesso em: 14 maio 2024.

_____. *La Révolution Technologique de la Grammatisation*. Liège, Mardaga, 1994.

_____. *Le Langage, la Raison et les Normes*. Paris, PUF, 1998.

- _____. “Les Méthodes d’Historicisation”. *Histoire Épistémologie Langage*, tome XXVIII, fascicule 1, 2006.
- _____. *La Question de l’Origine des Langues – Suivi de L’Historicité des Sciences*. Paris, PUF, 2007.
- AZEREDO, José Carlos Santos de. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- BALBI, Adriano. *Atlas Ethnographique du Globe, ou Classification des Peuples Anciens et Modernes d’Après Leurs Langues*. Paris, Rey et Gravier, vol. 1, 1826.
- BARBOZA, Jeronymo Soares. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Língua*. Lisboa, Typographia da Academia das Sciencias, 1822. Disponível em: http://ctlf.ens-lyon.fr/volumes/3317_por_Barboza_01_1822.pdf. Acesso em: 14 maio 2024.
- BARROS, Domingos Borges de. “Informação Sobre a Variedade Brasileira do Português”. In: RIBEIRO, João. *A Língua Nacional*. Paris, Revista do Brasil, 1824-1825 (?), pp. 29-31.
- BASTOS, Maria Helena Camara. “A Instrução Pública e o Ensino Mútuo no Brasil: Uma História Pouco Conhecida (1808-1827)”. *História da Educação*, n. 1, p. 115, abr. 1997.
- _____. “Reminiscências de um Tempo Escolar. Memórias do Professor Coruja”. *Revista Educação em Questão*, vol. 25, n. 11, jan.-abr. 2006.
- BEAUZÉE, Nicholas. “Interjection”. In: DIDEROT, Denis & ROND, Jean le. *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, pp. 449-70, 1765 [1751-1772]. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l’Encyclopédie – ENCCRE). Disponível em: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedia/article/v8-2603-0/>. Acesso em: 15 maio 2024.

_____. “Pronom”. In: DIDEROT, Denis & ROND, Jean le. *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisoné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, pp. 449-70, 1765 [1751-1772]. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l’Encyclopédie – ENCCRE). Disponível em: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/article/v13-993-0/?query=pronom>. Acesso em: 14 maio 2024.

_____. “Proposition”. In: DIDEROT, Denis & ROND, Jean le. *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisoné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, pp. 449-70, 1765 [1751-1772]. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l’Encyclopédie – ENCCRE). Disponível em: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/article/v13-1023-0/>. Acesso em: 15 maio 2024

_____. “Verbe”. In: DIDEROT, Denis & ROND, Jean le. *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisoné des Sciences, des Arts et des Métiers*, vol. XIII, pp. 449-70, 1765 [1751-1772]. (Édition Numérique Collaborative et Critique de l’Encyclopédie – ENCCRE). Disponível em: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/article/v17-66-0/?query=verbe>. Acesso em: 14 maio 2024

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1883, vol. 1. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>. Acesso em: 13 maio 2024.

_____. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1970, vols. 1 e 3.

_____. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1970.

BORGES NETO, José. *Sobre a Flexão dos Verbos*. 2008, p. 5. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~borges/diversos/publicacoes.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

- BUESCU, Maria Leonor de L. V. Carvalhão. “Introdução”. In: BARROS, João de. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
- CAVALIERE, Ricardo. *A Gramática no Brasil: Ideias, Percursos e Parâmetros*. Rio de Janeiro, Lexikon, 2014.
- _____. “Antônio de Moraes Silva e os Estudos Gramaticais do Século XVIII”. In: THIELEMANN, Werner (org.). *Século das Luzes: Portugal e Espanha, o Brasil e a Região do Rio da Prata*. Frankfurt am Main, TFM - Teo Ferrer de Mesquita, 2006.
- _____. “O Epítome de Antônio de Moraes e Silva na Historiografia Gramatical Brasileira”. In: CAVALIERE, Ricardo. *A Gramática no Brasil: Ideias, Percursos e Parâmetros*. Rio de Janeiro, Lexikon, 2014.
- _____. “L’Adjectif dans la Tradition Latine: Vers l’Autonomisation d’une Classe”. *Histoire Épistémologie Linguistique*, tome 14, fascicule 1, pp. 101-22, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/hel.1992.2343>. Acesso em: 14 maio 2024.
- CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Dedicado a Mocidade Rio-grandense. 1. ed. Porto Alegre, v. F. de Andrade, 1835.
- _____. *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Dedicado a Mocidade Rio-grandense. Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1846.
- _____. *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional*, Dedicado a Mocidade Rio-grandense. Rio de Janeiro, Esperança, 1873.
- _____. *Compendio da Orthographia da Lingua Nacional*. Rio de Janeiro, Typographia Franceza, 1848.
- _____. “Collecção de Vocabulos e Frases Usados na Provincia de S.

Pedro do Rio Grande do Sul”. *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*, tomo XV, n. 6, pp. 210-40, 1852.

DIAS, Juciele Pereira. *Um Gesto de Interpretação na História do Conhecimento Linguístico Brasileiro: a Definição do Nome Gramática*, UFSM, 2012. Tese de Doutorado.

_____. “O Ensino da Língua Nacional no Século XIX e a Constituição da Gramatização Brasileira: Produção de Antônio Álvares Pereira Coruja”. *Gragoatá*, vol. 24, issue 48, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v24i48.33620>. Acesso em: 14 maio 2024.

DU MARSAIS, C. C. “Adjectif”. In: DIDEROT, Denis & D’ALEMBERT, Jean le. *L’Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*. 1751-1772. ENCCRE, vol. I, 1751, pp. 137a-b. Disponível em: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedia/article/v1-578-0/?query=adjectif>. Acesso em: 14 maio 2024.

_____. “Article”. In: DIDEROT, Denis & D’ALEMBERT, Jean le R. *L’Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*. Édition Numérique Collaborative et Critique (1751-1752). ENCCRE, vol. I, 1757-1772. p. 722b. Disponível em: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedia/>. Acesso em: 14 maio 2024.

_____. “Détermination”. In: DIDEROT, Denis & D’ALEMBERT, Jean le R. *L’Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* Édition Numérique Collaborative et Critique (1751-1752). ENCCRE, vol. IV, 1754, 1751-1772, p. 901. Disponível em: <http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedia/article/v4-2298-0/>. Acesso em: 14 maio 2024

DUARTE, Antonio da Costa. *Compendio da Grammatica Portugueza, Para Uso das Escolas de Primeiras Letras*. Maranhão, Typ. Nacional, 1829.

- _____. *Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. Escolhida pela Congregação do Lycêo do Maranhão para o Uso do Mesmo Lycêo, e das Aulas de Primeiras Lettras da Provincia. 4. ed. Maranhão, Typ. do Frias, 1859.
- _____. *Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, Escolhida pela Congregação do Lyceo do Maranhao para Uso do Mesmo e das Aulas de Primeiras Letras da Provincia*. Maranhão, Antônio Pereira Ramos D’Almeida, 1877.
- FÁVERO, Leonor Lopes & MOLINA, Márcia Antonia Guedes. “Epitome da Grammatica Portugueza – António de Moraes Silva”. *As Concepções Linguísticas no Século XIX – A Gramática no Brasil*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.
- FIGUEIRA, Luis. *Grammatica da Lingua Brasilica*. Nova edição. Rio de Janeiro, Lombaerts & C, 1687
- FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação*. São Paulo, Ática, 1996.
- FORTES, Ignacio Fortes. *Arte de Grammatica Portugueza*. Rio de Janeiro, Imprensa Regia, 1816.
- FOURNIER, Jean-Marie. “Un Meta-terme dans Réseau Terminologique de la Complémentation: Déterminer ses Dérives aux XVII et XVIII Siècles”. *Cairn.info*, n. 68, pp. 9-25, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-travaux-de-linguistique-2014-1-page-9.ht>. Acesso em: 14 maio 2024.
- GIOLO, Jaime. *A Instrução no Rio Grande do Sul: Império e Primeira República*. São Paulo, s. n., 1993.
- _____. *A Instrução*. Passo Fundo, Méritos, 2006, vol. 4.
- GONÇALVES, Maria Filomena. “Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza”. *Corpus des Textes Linguistiques Fondamentaux*

(CTLF). 1998. Disponível em: http://ctlf.ens-lyon.fr/n_fiche.asp?n=361. Acesso em: 13 maio 2024.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*, trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2017 [2005].

KEMMLER, Rolf. “A Primeira Gramática da Língua Portuguesa Impressa no Brasil: a Arte de Grammatica Portugueza (1816) de Inácio Felizardo Fortes”. *Confluência*, n. 45, pp. 61-2, 1º e 2º sem. 2013.

KLEIN, Ana Inez. *Crônica e História: a Trajetória de seus Encontros e Desencontros e a Análise de “Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre”, de Antônio Álvares Pereira Coruja*. Porto Alegre, UFRS, 1997. Dissertação de Mestrado.

_____. *Fronteras de Cristal: Um Estudo sobre a Memória e a História Através das Crônicas “Antigualhas: Reminiscências de Porto Alegre”*. Porto Alegre, UFRS, 2004. Tese de Doutorado.

LEITE, Marli Quadros. “Anotações sobre o *Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, do Padre Antônio da Costa Duarte”. *Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. São Paulo, FFLCH-USP, 2018b. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9788575063170>. Acesso em: 14 maio 2024.

_____. “Rationalist Theory in the *Postillas de Gramática General* of Francisco Sotero dos Reis”. *Global Journal of Human-Social Science Research*, vol, 19, n. 10, 2019a. Disponível em: <https://socialscienceresearch.org/index.php/GJHSS/article/view/3045>. Acesso em: 14 maio 2024.

_____. & CAMPOS, Maria Inês Batista. “Um Convite à Histó-

- ria das Ciências da Linguagem”. *Linha D’Água*, vol. 32, n. 1, pp. 1-22, 2019b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v32i1p1-22>. Acesso em: 15 maio 2024.
- _____. & PELFRÊNE, Arnaud. *Compendio de Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, de A. da Costa Duarte*. São Paulo, FFLCH-USP, 2018a, vol. 1. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i55.285>. Acesso em: 15 maio 2024.
- LISBOA, Jordana Tavares Silveira. *Um Estudo da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza: Uma História do Panorama do Horizonte de Retrospecção de JSB*. São Paulo, FFLCH-USP, 2020. Tese de Doutorado.
- LOWTH, Robert. *A Short Introduction to English Grammar: With Critical Notes*. London, J. Hughs, 1762.
- MAMIANI, Luis Vicencio. *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Naçam Kiriri*. Lisboa, Miguel Deslandes, 1699.
- MEDEIROS, Juliana Borges. *Um Estudo Descritivo-analítico do “Compendio da Gramática da Língua Nacional de Antônio Álvares Pereira Coruja”*. São Paulo, PUC, 2017. Tese de Doutorado.
- MORAES, Jorge Viana. “Arte de Grammatica Portugueza (1816) de Ignacio Felizardo Fortes: Construção Teórica sobre as Figuras da Syntaxe e as Figuras da Dicção”. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras* (Mackenzie), vol. 15, n. 1, 2015.
- MORAES, Rubens Borba de & BERRIEN, William. *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro/Brasília, Gráfica Souza/Senado Federal, 1998.
- MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. “Léxico e Gramática no Dicionario da Língua Portugueza (1813) de Antônio de Moraes Silva”. *Alfa*, vol. 50, n. 2, pp. 55-67, 2006.

NASCENTES, Antenor. *Estudos Filológicos*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003.

NEBRIJA, Elio Antonio de. “Introducción y Notas de Miguel Ángel Esparza y Ramón Sarmiento”. *Gramática Castellana*. Madrid, Fundación Antônio de Nebrija/SGEL, 1992 [1492]. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000174208>. Acesso em: 14 maio 2024.

NEVES, Fátima Maria. *O Método Lancastriano e o Projeto de Formação Disciplinar do Povo (1808-1889)*. Assis, Unesp, 2003. Tese de Doutorado.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Expositiva – Curso Superior*. 11. ed., São Paulo, Francisco Alves, 1921 [1907].

PINTO, Edith Pimentel. *O Português do Brasil – 1820-1920*. São Paulo, Edusp, 1978, vol. 1.

POLACHINI, Bruna. *Uma História Serial e Conceitual da Gramática Brasileira Oitocentista de Língua Portuguesa*. São Paulo, FFLCH-USP, 2017. Tese de Doutorado.

RIBEIRO, João. “A Língua Nacional”. *Revista do Brasil*. São Paulo, Monteiro Lobato e Companhia, 1921.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portuguesa*. São Paulo, Typ. de Jorge Seckler, 1881.

ROSIER-CATACH, Irène. “Rosier-Catach Irène. Quelques Aspects de la Diversité des Discussions Médiévales sur l’Adjectif”. *Histoire Épistémologie Linguistique*, tome 14, fascicule 1, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/hel.1992.2342>. Acesso em: 14 maio 2024.

SANTOS, Maria Helena. “A Gramática Racionalista em Portugal”. In: DUARTE, Sónia & LEÓN, Rogelio Ponce de. *A Gramática*

- Racionalista na Península Ibérica (Séculos XVI-XIX)*. Porto, FLUP, 2015, p. 304.
- SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza Recopilado de Todos os Impressos até o Presente*. Lisboa, Tip. de Lacerda, 1823.
- _____. *Diccionario da Lingua Portugueza Recopilado dos Vocabulários Impressos até Agora, e nesta Segunda Edição Novamente Emendado e Muito Acrescentado*. Lisboa, Lacerdina, 1813.
- _____. *Epitome da Grammatica da Lingua Portugueza*, Lisboa, Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.
- _____. *Grammatica Portugueza*. Rio de Janeiro, Typ. de Silva Porto, 1824.
- SARMIENTO, Miguel Ángel Esparza y Ramón. *Introducción y Notas à Gramática Castellana, de Elio Antonio Nebrija [1492]*. Madrid, Fundación António de Nebrija/SGEL, 1992. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000174208>. Acesso em: 14 maio 2024.
- SOUZA, Manuel Dias. *Grammatica Portugueza Ordenada Segundo a Doutrina dos Mais Celebres Grammaticos Conhecidos, Assim Nacionaes como Estrangeiros, para Facilitar á Mocidade Portugueza o Estudo de Lêr e Escrevêr a sua Propria Lingua, e a Inteligencia de Outras em Que Se Quizer Instruir*. Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1804.
- SPALDIN, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre, Sulina, 1969, vol. 1.
- VERDELHO, Telmo. “O Dicionário de Moraes e Silva e o Início da Lexicografia Moderna”. *Actas do Encontro História da Língua e História da Gramática*. Braga, Universidade do Minho-ILHCH, 2003, pp. 473-90.

WILLIAMS, Edwin Bucher. Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa. 3. ed, trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975 [1938].

<i>Título</i>	<i>Compêndio da Gramática Nacional, de Antônio Álvares Pereira Coruja: Uma Obra em Desenvolvimento</i>
<i>Autora</i>	Marli Quadros Leite
<i>Editor</i>	Plínio Martins Filho
<i>Preparação</i>	Isabella Ferreira
<i>Revisão textual</i>	Graciele Carnevale e Isabella Ferreira
<i>Revisão de Prova</i>	Graciele Carnevale e Plínio Martins Filho
<i>Capa</i>	Fernanda Benachio
<i>Projeto gráfico</i>	Fernanda Benachio
<i>Editoração eletrônica</i>	Graciele Carnevale
<i>Formato</i>	16 x 23 cm
<i>Tipologia</i>	Garamond Premier Pro
<i>Papel do miolo</i>	Offset 90 g/m ²
<i>Número de páginas</i>	256
<i>Tiragem</i>	500
<i>Impressão e acabamento</i>	Gráfica CS

